

ISSN 2448-1068

REVISTA

conexão

Literatura

Abril / 2020

nº 58

Distribuição Gratuita

DICAS DE LIVROS, ENTREVISTAS COM ESCRITORES, CONTOS, CRÔNICAS E MUITO MAIS

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Jane Austen

PORQUE AMAMOS
LIVROS



SUMÁRIO

ABRIL DE 2020

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03

Especial: O Romance Gótico de Jane Austen, por Kathia Brienza, pág. 04

Dicas de livros, pág. 11

Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 13

Jane Austen, Thibaudet e um retrato da burguesia do séc. 18, por Ademir Pascale, pág. 14

Artigo: "Pós-iluminismo e o grande desafio do século", por Gilmar Duarte Rocha, pág. 17

Artigo científico: Física e Educação Ambiental: imbricações epistemológicas no processo ensino-aprendizagem na escola secundária brasileira do novo milênio, por Valquíria Cristina Abrantes; Francisco Meira Martins e Marcos Pereira dos Santos, pág. 21

Artigo: A música do seu coração, capítulo 2: Sua voz falava só de amor, por Raimundo Colares Ribeiro, pág. 31

Poema: Reportando Aída Curi, por JackMichel pág. 37

Crônica: Corônica de um mal, por Roberto Schima, pág. 38

Entrevista com Sergio Carmach, pág. 43

Entrevista com Peterson A. Silva, pág. 46

Dicas para leitura durante a quarentena, pág. 50

Conto: "Parabéns, Enzo!", por Míriam Santiago, pág. 54

Conto: "Amor Vampiro", por Roberto Schima, pág. 58

Conto: "A inominável personificação da literatura", por Caique de Oliveira Sobreira Cruz, pág. 63

Conto: "A melodia das marés", por Roberto Schima, pág. 67

Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 99

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da Capa: Ademir Pascale

Patrocinam esta edição: Míriam Santiago - Roberto Schima - Marcos Pereira dos Santos - Valquíria Cristina Abrantes - Francisco Meira Martins - Raimundo Colares Ribeiro - Gilmar Duarte Rocha - Caique de Oliveira Sobreira - JackMichel - Sergio Carmach - Sérgio Simka - Cida Simka - Peterson A. Silva - Kathia Brienza

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

Fanpage: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura

LIVRODESTAQUE

Especialista em divulgação de livros e autores

Veja dicas incríveis para uma boa divulgação do seu livro, acesse

www.livrodestaque.com.br



EDITORIAL

Num período difícil de nossas vidas, temos que ter em mente que não devemos parar. Mesmo em nossas residências, temos que exercitar o nosso corpo e nossa mente. E como todo início de mês, chega mais uma edição fresquinha de uma das maiores revistas de literatura do país: Revista Conexão Literatura. Esperamos continuar com esse trabalho de levar informação, cultura e lazer por muito tempo e temos certeza que dias melhores virão.

“Muitas vezes perdemos a possibilidade de felicidade de tanto nos prepararmos para recebê-la. Por que então não agarrá-la toda de uma vez?” - Jane Austen

Participe da nossa edição de Maio. Saiba como, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Visite o nosso site

— revista —
conexão
LITERATURA

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe

O ROMANCE GÓTICO DE JANE AUSTEN

Por Kathia Brienza





Por Kathia Brienza

Gravura do século XIX de Jane Austen, derivada de um retrato de sua irmã, Cassandra Austen (1810)

“**H**á Shakespeare para o teatro e Jane Austen para o romance”, na opinião da escritora francesa Catherine Rihoit. E muitos outros críticos, autores e leitores reverenciam a escritora inglesa como uma das maiores romancistas de todos os tempos, dentro e fora da Inglaterra. Mesmo que você nunca tenha lido nenhum de seus livros, provavelmente já teve contato com sua obra, por meio das adaptações cinematográficas, desde as mais clássicas – “Orgulho e Preconceito”, “Razão e Sensibilidade” ou “Emma” –, até as mais exóticas, como “Noiva e Preconceito” (feita em Bollywood), “Orgulho e Preconceito e Zumbis” e “Austenland”, que se passa em um resort especializado em fãs da autora.

Mais do que retratar as relações da classe média rural inglesa – aqueles que eram proprietários de terras, mas não possuíam títulos de nobreza –, a autora tornou-se famosa por conseguir captar a essência dos seres humanos e de seus dilemas. Por isso, duzentos anos depois de sua morte, os leitores (ou espectadores) ainda conseguem estabelecer empatia e identificação com suas personagens.

Jane Austen nasceu na noite de 17 de dezembro de 1775, em Steventon, no condado de Hampshire, sul da Inglaterra. Jane passou toda a vida com os pais e os sete irmãos. Não se casou, não teve filhos, não viajou para outros países. Nada disso a impediu de ser uma grande observadora, conseguindo entender os sentimentos dos seres humanos, em especial, das mulheres.

O início de sua carreira como escritora se deu em 1811, com a publicação de “Razão e Sensibilidade”. Entretanto, seu nome não foi estampado na capa deste, nem dos outros três romances que publicou em vida, como também aconteceu com outras autoras da época.

O Gótico e a paródia de Jane Austen

“O Castelo de Otranto”, do britânico Horace Walpole, publicado em 1764 é considerado o marco inicial da literatura gótica. Os romances góticos são caracterizados por elementos como: castelos, ruínas, catedrais, altas doses de drama e de elementos misteriosos como pergaminhos, profecias, maldições, entre outros. Elementos medievais, macabros, fantásticos e subjetivos estabelecem o clima essencial para essas obras.

No final do século XVIII e início do séc. XIX, boa parte dos criadores de romances góticos era constituída por mulheres – Ann Radcliffe, Mary Shelley e Emily Brontë, são as mais conhecidas. O público feminino era o principal consumidor dessas obras, consideradas pelos críticos da época como uma forma de arte menor.

Jane Austen construiu uma paródia aos escritores (e leitores) góticos que ela conheceu, sem deixar de lado a crítica social. Esse livro é “A Abadia de Northanger”, escrito entre 1798 e 1799, revisado pela autora em 1803 e publicado em dezembro de 1817, após a morte de Jane Austen (ela morreu em julho, aos 41 anos).

Já nas primeiras linhas de “A Abadia de Northanger”, o leitor é informado que o livro será sobre os acontecimentos da vida da “heroína” Catherine Morland. Filha de um clérigo e de uma senhora de apropriado senso comum, Catherine é a

quarta em um grupo de dez filhos, uma jovem ingênua, que se deixa impressionar por suas leituras e que acredita que mesmo as maiores fantasias descritas nos romances estarão a sua espera na vida real.

O chamado à aventura é feito a Catherine por um casal de amigos de seus pais, os Allen, que a convidam para uma temporada em Bath, onde o senhor Allen iria cuidar da saúde. Ir para Bath era uma boa oportunidade para Catherine conhecer pessoas interessantes, educadas, de boa posição social – já que muitos membros da burguesia e aristocracia inglesa da época frequentavam o balneário para tratar de alguma enfermidade ou para apenas serem vistos por seus amigos. Em Bath, Catherine conhece o Sr. Henry Tilney, por quem logo se interessa. Entretanto, depois do primeiro encontro, o rapaz não é mais visto em nenhum lugar. O leitor saberá, posteriormente, que o jovem ausentou-se de Bath por uma semana (e, da trama, por quatro capítulos).

Depois, surgem a sra. Thorpe e suas filhas. A mais velha e mais bonita, Isabella, se tornará a amiga e confidente de Catherine.

Isabella Thorpe é uma personagem muito importante na trama. Um pouco mais velha que Catherine, ela tem mais experiência em assuntos mundanos. Tentando sempre mostrar ser uma pessoa melhor do que é de verdade, Isabella faz um contraponto divertido com Catherine Morland. Astuciosa,

exagerada, interesseira e volúvel, ela leva a ingênua e sincera Catherine a acreditar que ambas são igualmente inocentes e generosas.

O irmão de Isabella, John Thorpe, é arrogante, falastrão e mentiroso. O irmão de Catherine, James, e a família de Henry, os irmãos Eleanor e Frederick, e seu pai, o general Tilney, também surgem no cenário de Bath. E é graças a este último que Catherine recebe um segundo convite, agora para passar uma temporada na residência dos Tilney, a Abadia de Northanger.

Essa mudança de espaço faz toda a diferença no romance. Pode-se considerar que uma nova história começa a partir do capítulo vinte, com a chegada à Abadia. Antes disso, os romances góticos apenas são mencionados nas conversas das personagens; Catherine e Isabella são companheiras de leitura da obra de Ann Radcliffe. Mas a verdadeira paródia aos romances góticos começa quando Catherine se vê em um lugar que poderia ser o cenário de uma daquelas histórias. E deixa sua imaginação voar. Assim, ao se ver sozinha no quarto em que vai dormir na Abadia, Catherine ouve “sons característicos” que trazem “até ela lembranças de incontáveis variedades de terríveis situações e cenas horríveis” (AUSTEN, 2015, p. 92). Ela alterna seus sentimentos entre a fantasia advinda da leitura dos romances e o desejo de se mostrar corajosa, já que sabe que não há nada a temer ali.

Jane Austen continua criando o suspense, por meio da descrição das reações físicas e psicológicas de Catherine, principalmente durante a noite na Abadia. À luz do sol, tudo muda, e a verdade é quase sempre sem graça e decepcionante para a moça. Por meio da

ironia, elemento típico das paródias, Jane Austen nos mostra sua personagem envolvida em um clima de mistério e terror que acaba por soar ridículo, quando o desfecho da cena acontece. Ao final de onze semanas, Catherine Morland encerra suas aventuras e volta para a casa da família, depois de passar por sustos, humilhações e de, finalmente, ser chamada à realidade. Os romances de entretenimento não devem ser encarados como a vida real; cada coisa tem seu espaço definido na vida de uma heroína. Essa parece ser a lição aprendida pela protagonista.

As críticas ao Gótico e o posicionamento de Jane Austen

O sucesso que o gênero fazia entre as mulheres e as críticas que recebia, vindas principalmente de homens, devem ter sido fatores levados em consideração por Jane Austen,

também ela uma leitora desse gênero, quando decidiu fazer uma paródia de romance gótico. Ao imitar o estilo e criar uma heroína ingênua e ávida leitora desse tipo de romances, Austen fez antes uma brincadeira com os romances góticos do que uma crítica destrutiva, ataque ou ridicularização do gênero. “A Abadia de Northanger” é, antes de mais nada, uma homenagem ao Gótico.

Ao longo da obra, Jane Austen declara seu amor ao gênero romance e defende sua importância como obra de arte. Demonstra que sua leitura não se destina apenas a jovens ingênuas, já que a principal personagem masculina, Henry Tilney, afirma ser apreciador de “Os Mistérios de Udolpho”, de Ann Radcliffe

(enquanto o antagonista desdenha a obra). Ou seja, aquele que é o herói da história é também um leitor de romances góticos, bem como Catherine.

Deve-se mencionar que no auge do sucesso dos romances góticos eles eram criticados por, supostamente, causar perigos às leitoras, devido a seu conteúdo escabroso, capaz de provocar “efeitos maliciosos”, de “corromper as leitoras”, muitas das quais, no “calor das emoções” ficavam suscetíveis e impressionadas a ponto de se apegarem subitamente “a pessoas indignas de seu afeto e, assim, apressarem-se em casamentos que

terminavam por provocar sua infelicidade” (STEVENS, 2001, p.96). Por meio de Catherine e Isabella, leitoras das mesmas obras, mas que possuem caracteres tão distintos, pode-se depreender que não são os romances que deturpam a formação feminina na opinião de Jane Austen.

O resultado final é uma obra fascinante, agradável e divertida, que desperta no leitor tanto a vontade de conhecer os “verdadeiros” romances góticos, como a de mergulhar mais profundamente na obra de Jane Austen, por meio da leitura de seus outros romances.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTEN, Jane. *A Abadia de Northanger*. Tradução de Eduardo Furtado. São Paulo: Landmark, 2015. 240 p.

AUSTEN-LEIGH, James Edward. *Uma Memória de Jane Austen*. Tradução de José Loureiro e Stephanie Savalla. Domingos Martins, ES: Pedrazul Editora, 2014.

AZERÉDO, Genilda. *Jane Austen, Adaptação e Ironia: Uma Introdução*. João Pessoa: Ed. Manufatura, 2003. 120 p.

BURGESS, Anthony. *A Literatura Inglesa*. Tradução de Duda Machado. São Paulo: Editora Ática, 2008. 312 p.

COLASANTE, Renata Cristina. *A Leitura e os Leitores em Jane Austen*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2005. 130 p.

GENETTE, Gérard. *Discurso da Narrativa*. Tradução de Fernando C. Martins. 3. ed. Lisboa: Vega Universidade, 1995. 276 p.

HUTCHEON, Linda. *Uma Teoria da Paródia*. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989. 165 p.

REEF, Catherine. *Jane Austen – Uma Vida Revelada*. Tradução de Kátia Hanna. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2014. 220 p.

SILVA, Lajosy. Leituras de Jane Austen no Século XXI. São Paulo: Livrus, 2014. 208 p.

STEVENS, David. The Gothic Tradition. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. 128 p.

WOOLF, Virginia. Um Teto Todo Seu. São Paulo: Círculo do Livro, sem data. 141 p.



Kathia Brienza é escritora e Mestre em Literatura pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, SP. Publicou contos em várias antologias. São suas obras: “Olhos de Fogo” (romance em parceria com Helena Gomes), “Contos de Maldição e Desejo” e “Não é com Vinagre que se Apanham Moscas”. kathiabrienza@hotmail.com

ISSN 2448-1068
Distribuição Gratuita

REVISTA

PROJETO

Auto Estima

Abril / 2020

nº 01

No Facebook: @projetoautoestima

E MAIS

UNIVERSO ZEN, UMA BOA RE-
LAÇÃO CONJUGAL, COMO
VIVER BEM NO SEU TRABA-
LHO MESMO SEM GOSTAR
DELE

Primeira Edição

**VIVA BEM
VIVA COM SAÚDE**



LANÇAMENTO EM BREVE

Uma revista com dicas para você
viver em harmonia



**ACESSE E CURTA: @projetoautoestima
revistaprojetoautoestima.blogspot.com**



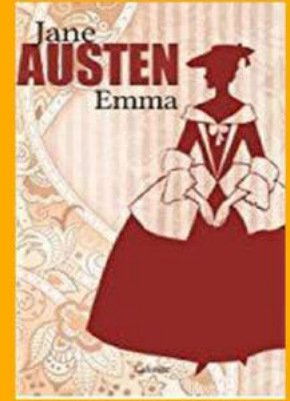
Orgulho e Preconceito
Jane Austen

Acesse



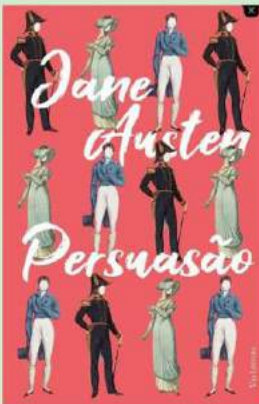
Persuasão
Jane Austen

Acesse



Emma
Jane Austen

Acesse



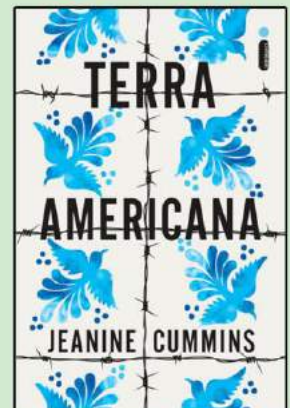
Persuasão
Jane Austen

Acesse



A cidade que precisa dormir
Giovani Rodrigues Leite

Acesse



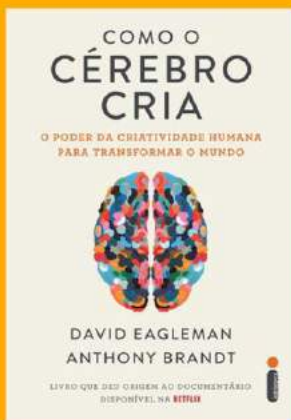
Terra Americana
Jeanine Cummins

Acesse

“Mantenha a cabeça erigida e tente manter a fé. E reze por dias melhores.”
– Tupac

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





Como o cérebro cria
David E. e Anthony B.

Acesse



Ser ou não ser? Eis a questão
Binária

Egidio T. Neto

Acesse



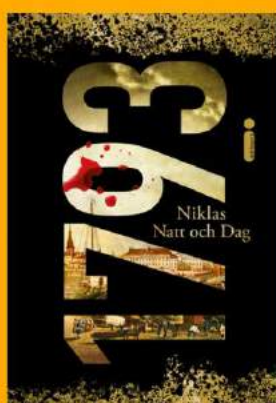
Poemas Reunidos
Jorge Lopes

Acesse



O Cozinheiro de Bangu
Wagner Fontoura

Acesse



1793
Niklas N. och Dag

Acesse



As Aventuras de Pip
Jane H. Berrick

Acesse

“A cada dia ruim, faça igual a Fênix, renasça e levante a cabeça pois dias melhores estão por vir!” – Elijah

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



conexão Literatura

Visite Nossos Parceiros:

www.livrodestaque.com.br

Grupo no Face: My Books

www.submersaempalavras.com

dose-of-poetry.blogspot.com.br

www.edgarallanpoe.com.br

www.encantoliterario.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

bibliotecadeumaprofessora.blogspot.com

www.livreando.com.br

coleccionandoromances.blogspot.com.br

ateaultimapagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

Grupo no Face: Livro Destaque

miriammorganuns.blogspot.com.br

Instagram: @biblioteca_deumaprofessora

www.cafeinaliteraria.com.br

Curta nossa Fanpage:
www.facebook.com/conexaoliteratura



Visite nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



POR ADEMIR PASCALE

JANE AUSTEN, THIBAUDET E UM RETRATO DA BURGUESIA DO SÉC. 18

Nascida em 16 de dezembro de 1775, a britânica Jane Austen foi uma das figuras mais importantes da literatura inglesa, juntamente de William Shakespeare. Filha de um sacerdote, teve sete irmãos, destacando sua irmã mais velha Cassandra, que foi a autora do único retrato conhecido de Jane (o quadro se encontra na galeria nacional de arte de Londres).

Jane foi autora de celebres romances, dentre os quais “Razão e Sensibilidade” (1811); “Orgulho e Preconceito” (1813); “Emma” (1815) e “Persuasão” (1818). Não precisamos ter olhos atentos para identificarmos uma obra de Jane Austen, pois todas carregam incrível sensibilidade, além do retrato detalhado da burguesia da época.

Hoje discutiremos mais sobre as obras “Orgulho e Preconceito” e “Razão e Sensibilidade”, que foram adaptadas para

o cinema. Estes dois longas são incrivelmente semelhantes, retratando a vida de meros camponeses e burgueses da época. A simplicidade é o destaque dos enredos, e as narrativas são absolutamente admiráveis.

Em “Orgulho e Preconceito”, foi criada uma atmosfera para que o espectador fosse levado ao mundo da protagonista Elizabeth Bennet (Keira Knightley). O ambiente do longa é indescritível, minuciosamente trabalhado e rico em detalhes.

O filme inicia-se com a bagunça de uma casa com cinco garotas virgens não muito prendadas, algo para repulsa de qualquer família nobre, principalmente para os pretendentes. Naquela época, era imprescindível uma mulher saber bordar, tocar piano, cantar e pintar, além de outras tarefas do cotidiano, como escrever poesias e ler contos, algo que a protagonista não dominava. Elizabeth Bennet era uma terrível pianista. E como toquei no assunto, a trilha sonora do enredo é interpretada por um dos grandes pianistas do mundo, Jean-Yves Thibaudet. Ouça: clique aqui.

No longa-metragem "Orgulho e Preconceito", encontramos vários planos através de janelas, significando os véus da percepção, uma espécie de mensagem subliminar (notamos as personagens através das janelas da sua própria percepção).

"A energia que você sente como diretor, filmando uma cena como essa, é a melhor sensação do mundo. A adrenalina é incrível.", disse o diretor Joe Wright ao filmar uma dança envolvendo quase todos os atores e dezenas de figurantes,

sendo que a maioria eram realmente habitantes do local, sem nenhuma experiência em frente as câmeras.

INTERESSANTE:

Tanto os livros como os filmes baseados nas obras de Jane Austen, são indicados nas universidades, principalmente nos cursos de Letras e História.

Conforme dito anteriormente, a autora também teve adaptado para as telas seu romance "Razão e Sensibilidade", num longa-metragem que carrega praticamente as mesmas características de "Orgulho e Preconceito". Ambos têm finais felizes, bem diferente da vida da autora, que morreu solitária em 28 de Julho de 1817. Acredito que um grande amor e uma vida feliz era tudo com que Jane Austen sonhava, deixando transparecer nitidamente em suas obras seu simples desejo.

Se um dia você for à Inglaterra, não se esqueça de visitar a casa-museu de Jane Austen, a qual foi sua última morada, tendo vivido no local entre 1809 e 1817 com sua irmã Cassandra e sua mãe.

Além de alguns contos, Jane deixou dois romances incompletos: "The Watsons" e "Sanditon".

Filme: **Becoming Jane (2007)**

(Becoming Jane, EUA/ Reino Unido, 2007)

Sinopse: Cinebiografia da escritora Jane Austen (Anne Hathaway) e seu romance com um jovem advogado irlandês Tom Lefroy, antes da fama. Seu relacionamento com ele a inspira na criação de personagens para seu mais famoso romance, Orgulho e Preconceito.

Gênero: Drama

Direção: Julian Jarrold

Elenco: Joe Anderson, Jessica Ashworth, Maggie Smith, Julie Walters, Anne Hathaway, James Cromwell, Laurence Fox, Anna Maxwell Martin, James McAvoy, Chris McHallen, Lucy McKenna, Donald O'Farrell

Livro: Orgulho e Preconceito

Um retrato fiel, divertido e inteligente da sociedade inglesa do início do séc. XIX. Os costumes, o amor, a condição da mulher, os preconceitos e o casamento são abordados de maneira simples e engenhosa neste livro, considerado uma das primeiras comédias românticas da história e uma obra-prima da literatura universal. Tradução de Paulo Mendes Campos.

Editora: Ediouro

Ano: 2007

Edição: 1

Número de páginas: 156

Livro: Razão e Sensibilidade

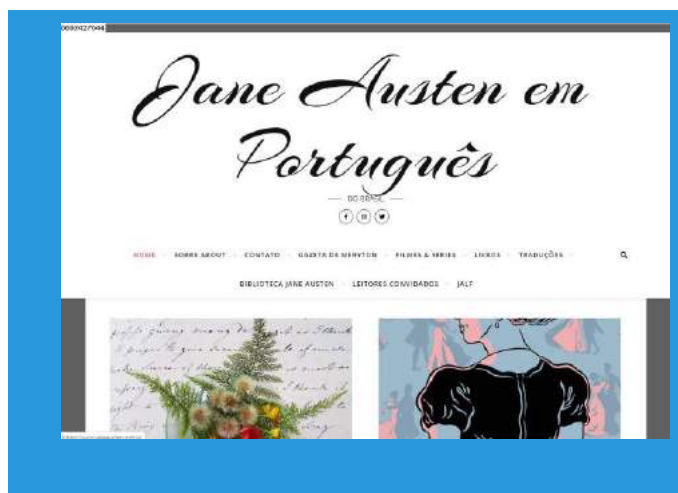
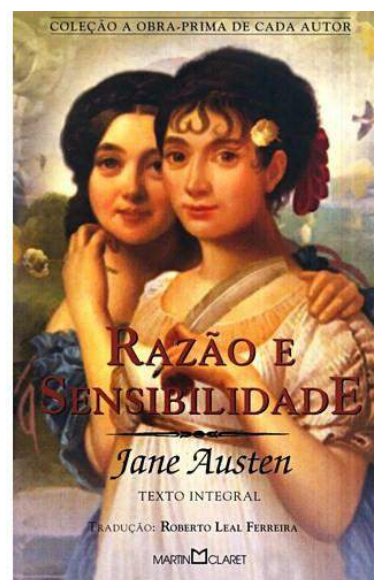
Depois da morte do pai, as irmãs Marianne e Elinor Dashwood perdem toda a herança para um meio-irmão. Sem dote, têm poucas chances de fazer um bom casamento. Marianne (a sensibilidade) apaixona-se à primeira vista por um homem que não é tão leal quanto imagina. Elinor (a razão) gosta de alguém com quem não pode se casar.

Editora: Best Seller

Ano: 1997

Edição: 1

Número de páginas: 304



Para saber mais sobre Jane Austen, recomendo o site nacional:

www.janeausten.com.br

Ademir Pascale é paulista, escritor, ativista cultural e digital influencer. Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Participou em mais de 40 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, Portugal e França. Criador e organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir). Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor do romance "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe" (Editora Selo Jovem) e autor convidado do novo livro "A Casa" (Editora Verliedelas). Contato: ademirpascale@gmail.com



PÓS-ILUMINISMO E O GRANDE DESAFIO DO SÉCULO

Por Gilmar Duarte Rocha

Artigo

Daqui a trezentos anos talvez estudantes em sala de aula numa redoma da estação lunar estejam fazendo um trabalho de pesquisa sobre a cultura no Século XX, da mesma forma que estudantes de hoje se debruçam sobre livros ou espalham os olhos sobre telas para pesquisar a cultura no Século XVIII, ou Século das Luzes, onde a humanidade parece ter sido acordada com um beliscão de ideias de onde não se via desde a Grécia Antiga. Homens como John Locke (1632-1704), Voltaire (1694-1778), Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Montesquieu (1689-1755) e Denis Diderot (1713-1784), apenas para citar alguns, como que enfeitados por uma espécie de seita

imaginária, não obstante terem sido formados em estabelecimentos de ensino diferentes e em períodos distintos, foram picados por uma espécie de mosquito que transmitia um vírus que agitava o cérebro e tornavam a cognição deles atenta e conectada com os movimentos, insatisfações e desejo de transformação que vicejavam em toda sociedade à época. O resultado foi assustador e revolucionário, pois essa geração de intelectuais produziu farto material que agitou a estrutura político-social, como os trabalhos de Rousseau; a filosofia política alicerçada no empirismo que permitiu estudos que desaguaram no liberalismo, como os trabalhos de John Locke; a compilação de conhecimentos

sob a forma de enciclopédia, ideia de Diderot; a criação de novelas e fabulações a partir da imponderável mescla do conhecimento de física, metafísica e história, como bem engendrou Voltaire; e os conceitos e estudos de separação de poderes; manutenção das liberdades civis e fim da escravidão humana, como o iluminado Montesquieu tão bem condensou na sua obra chave “O espírito das leis”. Essas criaturas especiais não apenas vieram ao mundo com a cabeça iluminada; a formação de todos eles consistiu no amálgama de ideias de várias civilizações passadas associado com o turbilhão de anseios da sociedade, cada dia mais populosa, mais inquieta, e, por corolário, ávida por mudança na estrutura político, econômico e social da época, ainda amparada no feudalismo e seus aspectos primitivos. Eles, os chamados Iluministas, não foram apenas passageiros de um tempo; eles foram construtores intelectuais, artífices, arquitetos de uma nova era que ansiava em chegar. Eles não viajaram de um lugar para outro. Fizeram a sua insurreição ficando raízes em seu próprio lugar, físico e temporal. Voltando aos estudantes que estarão pesquisando os intelectuais do Século XX (ou nascidos nesse século), ele destacarão, com certeza, mentes brilhantes, homens que usaram os neurônios para criar engenhos e fórmulas de toda natureza e que produziram uma revolução monstruosa nos costumes; que encurtaram caminhos; que simplificaram a forma de viver de um lado e a tornaram complexa de outro; que alongaram a vida de muitos e exterminaram a vida de outros tantos, enfim esses seres da chamada Idade Contemporânea, que

caldearam conceitos e fórmulas de antepassados com um sistema de encaixes de peças de conhecimento, como um complexo quebra-cabeças de epistemologia, para montar artifícios de toda espécie e natureza.

Contudo, visto de longe, os gênios do século passado serão vislumbrados como passageiros de uma época, que simplesmente embarcaram num meio de transporte virtual e produziram coisas úteis; coisas dispensáveis; coisas que se auto depreciam; coisas voláteis; mas que certamente não deixarão muitas sementes para a estrada do futuro, não obstante a genialidade de alguns gigantes do pensamento e da criação como Albert Einstein, nas ciências exatas; Alexander Fleming, nas ciências da vida e, no nosso campo, o do pensamento escrito, os filósofos Jean-Paul Sartre, Albert Camus, Foucault e Bernard Shaw.

Como os pensadores do Século XX ficaram devendo no quesito iluminação, em relação aos seus pares do século das luzes, o que a gente espera, até porque a gente se preocupa com o futuro dos nossos descendentes, é que no Século XXI, hajam pessoas, criaturas de mente brilhante, que não ocupem o tempo tão-somente se dedicando a construir equipamentos bélicos; hardwares de produtividade; softwares de comodidade e máquinas nocivas ao ecossistema, e se preocupem em queimar os neurônios em pesquisas empíricas ou tratados epistemológicos que resolvam o grande problema que se desenha atualmente na humanidade e que tem que ser solucionado em um prazo razoável, que é a questão da hiper população no planeta; como alimentar essa grande massa de viventes e, principalmente, como ocupar

esse enorme contingente tendo em vista as necessidades básicas que todo ser humano tem direito e que está previsto nas regras internacionais homologadas pela ONU já há algum tempo, pois o que se vislumbra nessa árdua estrada, no momento, é um alto grau de incerteza quanto a redução do nível de desigualdade social e econômica, haja visto o crescimento geométrico da robotização e as perspectivas ínfimas de

criação de postos de trabalho e ocupação; o emprego, tão necessário ao ser humano quanto o ar que a gente respira.

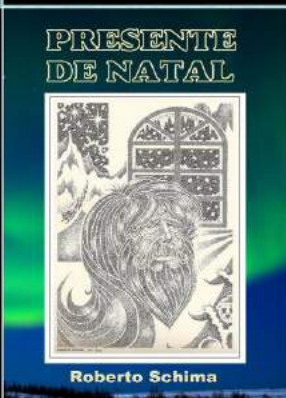
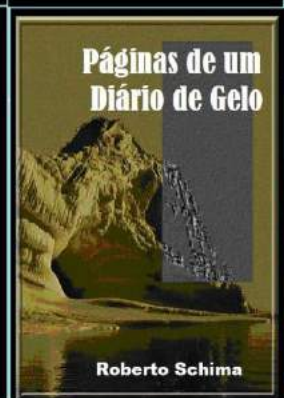
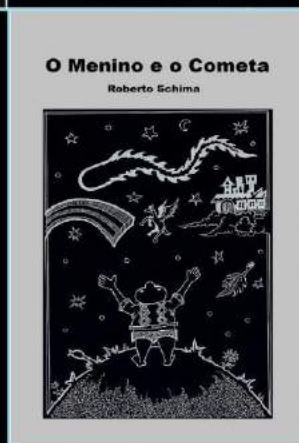
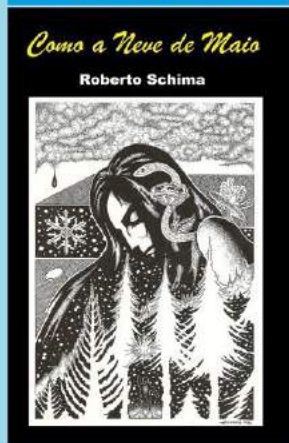
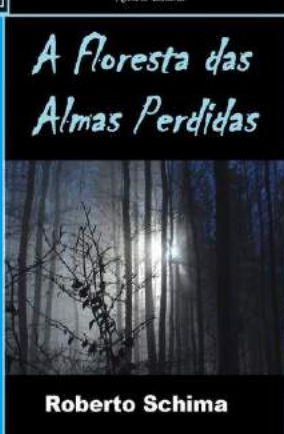
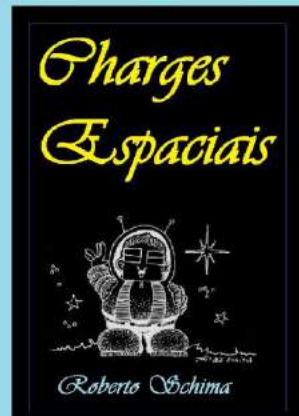
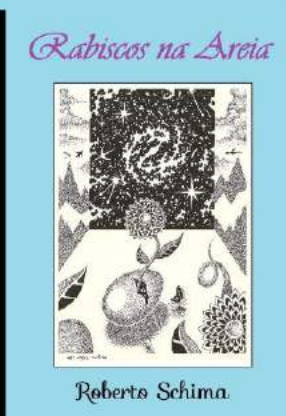
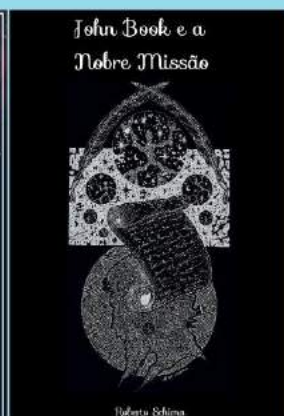
A solução certamente não virá de homens de palavras vazias. Virá do trabalho e da inspiração de pensadores; pessoas que devem ser incentivadas e fomentadas pelos estados; pessoas que poderão receber o rótulo, quiçá, de pós-iluministas.



Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de sete livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Acaba de mandar para o prelo mais uma cria literária, *O berço de Judas*, romance que deve ser lançado em novembro deste ano.

Para ler no smartphone, tablet ou laptop:

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

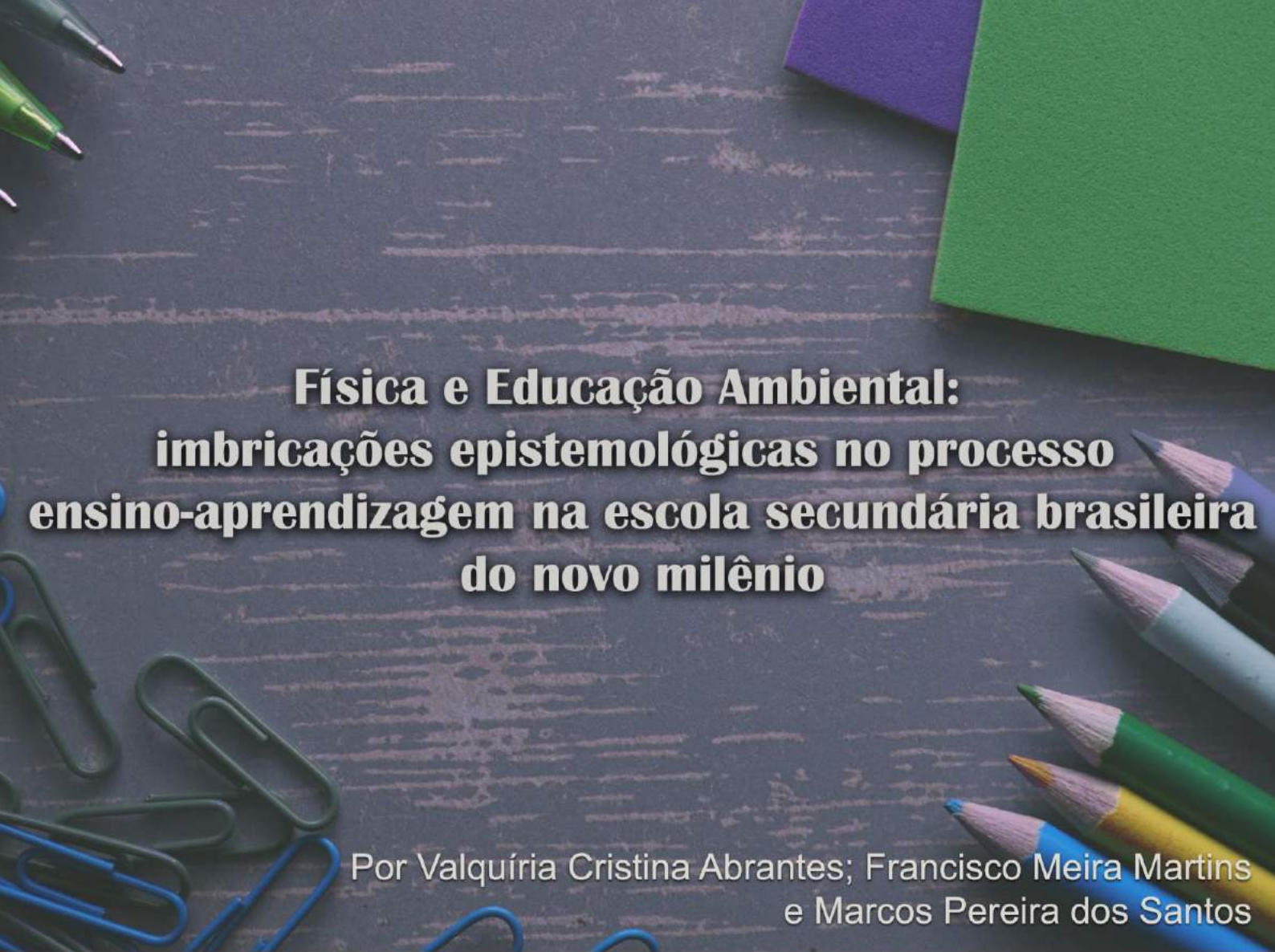


wattpad 

ROBERTO SCHIMA - rschima@bol.com.br

Obs: Também no Clube de Autores, agBook, Amazon, Conexão Literatura, EFuturo, Marcianos como no cinema.

Maiores informações: Google.



Física e Educação Ambiental: imbricações epistemológicas no processo ensino-aprendizagem na escola secundária brasileira do novo milênio

Por Valquíria Cristina Abrantes; Francisco Meira Martins
e Marcos Pereira dos Santos

Artigo Científico

Física *versus* Educação Ambiental: duas faces da mesma moeda!

Pontos em comum ... Convergências ... Conexões sinérgicas de complementaridades ...

Com base em tais assertivas, torna-se prudente, à guisa de esclarecimento, informar aos leitores e às leitoras que o presente artigo acadêmico-científico, de viés qualitativo de pesquisa e aportes teórico-bibliográficos, tem como principal finalidade tecer comentários analíticos e crítico-reflexivos referentes às imbricações epistemológicas entre a Física e a Educação Ambiental no processo ensino-aprendizagem na escola secundária brasileira da contemporaneidade.

Neste sentido, o tema gerador estruturante de pesquisa científica em questão é a Física (Ciência) no contexto da Educação Ambiental (disciplina curricular e subárea da Educação, Biologia e Geografia), cujas duas áreas do conhecimento (Física e Educação Ambiental, em específico), segundo Carvalho e Sasseron (2018) e Pozzebon *et al* (2018), respectivamente, ainda têm sido, no Brasil, alvo de grande polêmica e discussão nos dias atuais por uma significativa parcela da sociedade civil organizada e do alunado do Ensino

Médio, tendo em vista a complexidade de alguns conceitos teóricos atinentes a cada uma das áreas do saber científico supracitadas e a ausência de imediata(s) aplicabilidade(s) prática(s) dos mesmos no contexto sociocultural e/ou escolar.

Capecchi, Carvalho e Silva (2000, p.154) afirmam que, de modo verossímilante ao que ocorre com a Matemática, “[...] em torno da disciplina curricular de Física, na escola, também gravitam muitos mitos, tabus, estereótipos, conjecturas e ideias falaciosas”, em termos de ensino e aprendizagem, a respeito da complexidade e da pouca aplicabilidade direta e prática desta Ciência na *escola da vida* e na *vida na/da escola*; em conformidade com o que sabiamente apregoam Ceccon; Oliveira e Oliveira (1989).

Dizemos isto, porque muitas vezes os(as) alunos(as) não conseguem estabelecer as devidas relações entre os conhecimentos científicos ensinados no contexto escolar com a realidade social (objetiva e existencial concreta) em que eles(as) se encontram inseridos(as), fazendo-se, pois, presente e valorado o velho “jargão pedagógico” que diz o seguinte: “Na vida dez, na escola zero”. (CARRAHER; CARRAHER; SCHLIEMANN, 1988)

Sendo assim, a Matemática e a Física, em específico, são duas disciplinas curriculares tidas como “surreais” (MEGID NETO; PACHECO, 2001) ou “fantasmagóricas” (MACHADO, 2001) que causam grande temor nos(as) estudantes de todos os níveis e modalidades de ensino, alavancando, ainda nos dias de hoje, altos índices de evasão ou reprovação escolar.

Devido a estes fatores, os quais podem ser aliados à escassez de trabalhos científicos concernentes ao tema em pauta, às várias queixas e reclamações apresentadas por inúmeros(as) alunos(as) e às nossas inquietações pessoais, acadêmico-científicas e profissionais como docentes de Matemática/Física, Geografia e Biologia em escolas (públicas e particulares) de Educação Básica e também no Ensino Superior (cursos de graduação – bacharelado, licenciatura e de tecnologia – e pós-graduação *lato sensu*) ao longo de muitos anos, optou-se em elaborar este artigo acadêmico-científico, a fim de investigar sistemática, metodológica, meticulosa, crítica, analítica e reflexivamente os possíveis contributos epistemológicos da Física no processo ensino-aprendizagem de Educação Ambiental na escola brasileira de Ensino Médio à luz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) das áreas de Física, Biologia e Geografia; a qual está em vigor de forma deveras recente (desde o ano de 2017) no Brasil dos dias atuais e sendo alvo ora de elogios, ora de críticas contundentes por vários(as) pesquisadores(as) em Educação, estudiosos(as) do assunto, pedagogos(as), educadores(as), professores(as), educandos(as) e pais de alunos(as).

Trata-se, pois, de uma nova proposta curricular para a Educação Básica escolar brasileira, de viés didático-pedagógico e metodológico, haja vista que:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental foi aprovada e homologada em dezembro de 2017. Por sua vez, o documento para o Ensino Médio foi aprovado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) no dia 04 de dezembro de 2018 e homologado na semana seguinte, no dia 14 de dezembro do mesmo

ano, pelo Ministério da Educação (MEC), no Brasil. (CURY; REIS; ZANARDI, 2018, p.65; grifos nossos)

Portanto, trazer a lume a temática Educação Ambiental para a realização de discussões, debates e pesquisas acadêmico-científicas consiste em algo de extrema relevância, significado ímpar e valor capital para a contemporaneidade, uma vez que, de acordo com Reigota (2004, p.10-11), é preciso ter clareza do seguinte:

[...] o componente “reflexivo” da Educação Ambiental é tão importante quanto o “ativo” ou o “comportamental”, [...] pois trata-se de fundamentar uma “nova aliança” que não só possibilite às espécies naturais a sua sobrevivência, mas também à humanidade. Assim, a Educação Ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a Natureza. A Educação Ambiental como educação política enfatiza antes a questão “por que” fazer do que “como” fazer. Considerando que a Educação Ambiental, como Ciência, área do saber científico e disciplina curricular, surge e se consolida num momento histórico de grandes mudanças no mundo, ela tende a questionar as opções políticas atuais e o(s) próprio(s) conceito(s) de Educação e de Meio Ambiente vigente(s), exigindo-a, por princípio, criativa, inovadora e crítica. [...] A Educação Ambiental crítica está, dessa forma, impregnada da utopia de mudar radicalmente as relações que conhecemos hoje, sejam elas entre a humanidade, sejam entre esta e a Natureza como um todo.

Em decorrência destas proposições, resulta a necessidade de investigar de forma científica até que ponto, máximo e mínimo, alguns conceitos da Física Teórica Escolar (tais como movimento, espaço, tempo, velocidade, aceleração, Leis de Newton, inércia, força, gravitação, trabalho, potência, energia, impulso, massa, momento (ou torque), equilíbrio, fluido, pressão, densidade, temperatura, calor, óptica, onda, som, eletricidade, carga elétrica, campo elétrico, potencial elétrico, corrente elétrica, magnetismo, campo magnético, dentre outros) contribuem – epistemológica e significativamente – ou não para o ensino e a aprendizagem de Educação Ambiental na escola brasileira de Ensino Médio no século XXI, segundo os ditames didático-pedagógicos e metodológicos propostos pela vigente Base Nacional Comum Curricular (BNCC) das áreas de Física, Biologia e Geografia.

Bachelard (1972) afirma que a Ciência se opõe à opinião, uma vez que em Ciência tudo é construído, gerando conhecimentos científicos, racionais e legitimados, tendo

como base três atos epistemológicos fundamentais: a ruptura, a construção e a constatação. Daí, a Epistemologia ser entendida como “o estudo da constituição dos conhecimentos válidos, em que o termo ‘constituição’ abrange tanto as condições de acesso quanto as propriamente constitutivas”. (PIAGET, 1967, p.6)

É nesta linha de pensamento, pois, que a concepção psicológica construtivista piagetiana de aprendizagem ganha campo e sentido: o conhecimento é construído por força da ação do sujeito sobre o objeto (modelo epistemológico) e pelo retorno ou repercussões dessa ação sobre o sujeito. Em outras palavras, o conhecimento dá-se pela interação do organismo com meio físico-social, o que implica assegurar que a aprendizagem é a condição do avanço do desenvolvimento, e que o desenvolvimento, por sua vez, é a condição prévia da aprendizagem.

Neste contexto, coadunamos com as filosofias educacionais de Nascimento (2010) e Brinatti; Andrade e Silva (2018) ao postularem que a disciplina curricular de Física, na escola brasileira de Ensino Médio, precisa ser viva, dinâmica, ativa, prazerosa, utilitária, contextualizada, inter/trans/multi/pluridisciplinar e de aplicabilidade prática na vida social, a fim de despertar nos(as) educandos(as) interesse e motivação – elementos imprescindíveis para a ocorrência de um aprendizado significativo, eficaz e eficiente.

Isto implica assegurar que cabe aos(às) docentes de Física, em específico, mediar a aprendizagem dos(as) alunos(as), levando-os(as) assim a construir e reconstruir seus conhecimentos científicos. Daí a necessidade de os conceitos pertinentes ao campo da Física (Teórica e Experimental) e de suas subáreas contribuírem positivamente para o entendimento e a compreensão de temas/assuntos abordados, por exemplo, nas disciplinas curriculares de Matemática, Química, Biologia e Geografia na escola de Ensino Médio. (BOSQUILHA; PELEGRINI, 2003; SCHNEEBERGER; FARAGO, 2003)

No que tange, de modo particular, aos contributos epistemológicos da **Física** no processo ensino-aprendizagem de Educação Ambiental na escola de Ensino Médio, vale destacar que *conceitos físicos* como os de movimento, espaço, tempo, velocidade, aceleração, Leis de Newton, inércia, força, gravitação, trabalho, potência, energia, impulso, massa, momento (ou torque), equilíbrio, fluido, pressão, densidade, temperatura, calor, óptica, onda, som, eletricidade, carga elétrica, campo elétrico, potencial elétrico, corrente elétrica, magnetismo, campo magnético, dentre outros, são fundamentais para o estudo científico de diversas temáticas alusivas ao campo da *Educação Ambiental*, incluindo-se, nesse contexto, as áreas de *Biologia* e *Geografia*; especificamente.

Em relação à área de **Biologia**, os conceitos físicos anteriormente elencados tornam-se basilares para a compreensão dos seguintes *conteúdos curriculares programáticos*: efeito estufa, camada de ozônio, poluições ambientais, ecossistema, sustentabilidade ambiental, desenvolvimento sustentável, meio ambiente, *habitat*, nicho ecológico, ciclos da matéria, epidemias e endemias, biomas (terrestres e aquáticos), impacto e preservação ambiental, etc. No que diz respeito à área de **Geografia**, os conceitos físicos supracitados são essenciais para o entendimento de *temas/assuntos* e de algumas *definições conceituais*, tais como: espaço, território, corpos e fenômenos celestes, clima, vegetação, relevo, eras geológicas, atmosfera, hidrografia, solos, paisagens, biodiversidade ambiental, densidade demográfica, camada de ozônio, poluição do meio ambiente, efeito estufa, desenvolvimento sustentável, sustentabilidade ambiental, ecossistema, meio ambiente,

habitat, ciclos da matéria, impactos ambientais, biomas, nicho ecológico, dentre outros; de acordo com o que demonstram pesquisas científicas realizadas por Carvalho e Sasseron (2018), Fogaça (2013), Fonseca; Costa e Costa (2005), Pozzebon *et al* (2018) e Santos (2020).

É preciso, portanto, histori(ciz)ar a Física (HAMBURGER, 1984), contextualizando-a, de modo que sejam estabelecidas relações dialéticas entre teoria e prática (*práxis*) dentro e fora da sala de aula, bem como correlacionando-a diretamente com a Biologia e a Geografia, por exemplo, no contexto do trabalho com a temática Educação Ambiental. (BOSCHILIA, 2008; PENTEADO, 1994; REIGOTA, 2004)

Não se pode negar, ocultar ou negligenciar que o físico (profissional bacharel ou licenciado da área de Física) estuda a relação entre matéria e energia, suas propriedades e as leis que regem sua interação. Ele trabalha com corpos e fenômenos físicos de todas as dimensões, de partículas subatômicas à imensidão do cosmo.

Diante de tais propositivas, corroboramos com Mira y Lopez (1999, p.77; grifos nossos) ao postular que:

De certo modo, poderia afirmar-se que o físico é um *filósofo da Natureza*, isto é, um indivíduo que quer saber quais as leis que a governam, desinteressando-se pelas suas manifestações superficiais e indo penetrar nas suas causas. [...] Quer dizer que o físico “pensa em termos do espaço-tempo mais do que em palavras”.

Sendo assim, o físico (e outros profissionais oriundos do campo de Ciências Exatas e Naturais, por exemplo) pode especializar-se em diversas áreas ou subáreas do conhecimento científico, tais como Acústica, Astrofísica, Física Nuclear, Física Ambiental, Física Teórica, Física de Materiais, Física Matemática, Física Estatística, Física Quântica, Física Experimental, Física Pura, Física Aplicada, Física Atuarial, Física Industrial, Ensino de Física, dentre outras.

Neste sentido, particularmente no que tange à Física Ambiental, coadunamos com as concepções educacionais de Tavares (2011) ao enfatizar, sobremaneira, em sua dissertação de mestrado em Física Ambiental, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Física Ambiental da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), o seguinte aspecto:

[...] *A Física Ambiental deve estar incorporada no contexto escolar para promover a alfabetização científica como uma das partes essenciais do pleno exercício da cidadania na sociedade contemporânea, na tentativa de construir conceitos básicos, porém fundamentais, para a compreensão dos problemas pertinentes ao meio ambiente, minimizando uma visão determinística e adotando uma visão sistêmica de mundo.* [...] A Biologia foi uma das

primeiras áreas do saber científico a olhar a Natureza com uma perspectiva sistêmica. (TAVARES, 2011, p.2-8; realces nossos)

Portanto, o papel do físico (profissional bacharel ou licenciado da área de Física), bem como o de outros profissionais advindos de campos correlatos do saber científico, a exemplo das áreas de Ciências Exatas e Naturais e de Ciências Biológicas e da Saúde, é fundamental no desenvolvimento de estudos e pesquisas acadêmico-científicas atinentes ao Ensino de Física, Ensino de Biologia, Ensino de Geografia e de Educação Ambiental, visto que, de acordo com Mira e Lopez (1999, p.76), especialmente “dentro do campo das Ciências Biológicas é cada vez mais imprescindível o assessoramento destes profissionais, que também são solicitados pelos serviços de pesquisas aplicadas à indústria e à agricultura”.

A Educação Ambiental, ao ser entendida por Reigota (1997; 2004) e outros(as) estudiosos(as) da área como Ciência, disciplina curricular, teoria educacional, educação política e prática filosófica de qualidade de vida, possui constructos epistemológicos diretamente atrelados ao campo da Física, Biologia e Geografia; devendo assim ser trabalhada de forma contextualizada e significativa pelos(as) docentes na escola de Ensino Médio, segundo os pressupostos didático-pedagógicos e metodológicos apresentados pela vigente Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destas respectivas áreas do saber científico; a qual se constitui, grosso modo, conforme asseveram Cury; Reis e Zanardi (2018), num documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que devem ser desenvolvidas pelos(as) alunos(as) deste nível de ensino com base em conhecimentos, capacidades, habilidades e competências.

Face ao exposto, ratifica-se a necessidade de a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) das áreas de “Ciências da Natureza e suas Tecnologias” (Biologia, Física e Química) e “Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” (História, Geografia, Filosofia e Sociologia), no contexto do Ensino Médio, se entrecruzarem e convergirem sinergicamente em complementaridade mútua para que seja possível abordar a temática Educação Ambiental a partir de conceitos essenciais oriundos da Física e de seus engendramentos epistemológicos com a Biologia e a Geografia, de modo deveras peculiar.

Logo, a inserção das temáticas de Física Escolar, Física Experimental e Física Ambiental no âmbito da Educação Ambiental, e vice-versa, se justifica viável dada a necessidade, parafraseando de forma reiterativa Tavares (2011), da incorporação de a Física Ambiental no contexto escolar para o desenvolvimento da Educação Científica e Tecnológica e da construção de conceitos essenciais para a melhor compreensão dos problemas que assolam o meio ambiente nos dias atuais, lançando assim um olhar sistêmico sobre a Natureza sob a égide da Biologia, da Geografia e de outras áreas congêneres do conhecimento científico.

Sem mais delongas, almejamos sinceramente que este trabalho de investigação científica possa, de fato, contribuir de maneira significativa para a ampliação do arcabouço teórico e o redimensionamento do processo educativo escolar atinente aos campos da Educação, Pedagogia, Física, Biologia, Geografia, Ensino de Física, Ensino de

Biologia, Biologia Educacional, Ensino de Geografia, Educação Geográfica e Educação Ambiental.

Tal perspectiva fundamenta-se, dentre outros elementos, no fato de que a temática trazida à baila é deveras relevante, instigante e atual, embora também seja complexa e polêmica em muitos aspectos.

Física não é “bicho-papão”!!!

Educação Ambiental é vida e(m) inovação!!!

Pensemos nisso: hoje, amanhã e sempre ...

Referências:

- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**. Paris: Editora J. Vrin, 1972.
- BOSCHILIA, C. **Minimanual compacto de biologia: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Rideel, 2008.
- BOSQUILHA, A.; PELEGRINI, M. **Minimanual compacto de física: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Rideel, 2003.
- BRINATTI, A. M.; ANDRADE, A. V. C.; SILVA, S. L. R. A disciplina de processos e sequências de ensino e aprendizagem em física no ensino médio para alunos de pós-graduação na prática. In: **Revista Tecné, Episteme y Didaxis: VIII Congreso Internacional de Formación del Profesores de Ciencias para la Construcción del Sociedades Sustentables**. Bogotá, v.extraordinário, p.1-6, out./2018.
- CAPECCHI, M. C. V. M.; CARVALHO, A. M. P.; SILVA, D. Relações entre o discurso do professor e a argumentação dos alunos em uma aula de física. In: **Revista Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, v.2, n.2, p.152-166, jul./dez., 2000.
- CARRAHER, T. N.; CARRAHER, D. W.; SCHLIEMANN, A. D. **Na vida dez, na escola zero**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- CARVALHO, A. M. P.; SASSERON, L. H. Ensino e aprendizagem de física no ensino médio e a formação de professores. In: **Revista Estudos Avançados**. São Paulo: Editora do Instituto de Estudos Avançados da USP, v.32, n.94, p.43-55, 2018.
- CECCON, C.; OLIVEIRA, M. D.; OLIVEIRA, R. D. **A vida na escola e a escola da vida**. 19.ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- CURY, C. R. J.; REIS, M.; ZANARDI, T. A. C. **Base nacional comum curricular: dilemas e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2018.
- FOGAÇA, D. S. **Física x meio ambiente: a importância da física nos fenômenos relacionados ao meio ambiente**. Medianeira, 2013. 32 f. (Monografia de Especialização em Ensino de Ciências – Universidade Tecnológica Federal do Paraná). *mimeo*.
- FONSECA, V. L. B.; COSTA, M. F. B.; COSTA, M. A. F. Educação ambiental no ensino médio: mito ou realidade. In: **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Rio Grande: Editora da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, v.15, p.139-148, jul./dez., 2005.
- HAMBURGER, E. W. **O que é física**. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos – v.131).

- MACHADO, N. J. **Matemática e educação: alegorias, tecnologias e temas afins**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época – v.2).
- MEGID NETO, J.; PACHECO, D. Pesquisas sobre o ensino de física no nível médio no Brasil: concepção e tratamento de problemas em teses e dissertações. In: NARDI, R. (Org.). **Pesquisas em ensino de física**. 2.ed. São Paulo: Escrituras Editora, p.15-30, 2001. (Coleção Educação para a Ciência).
- MIRA Y LOPEZ, E. **As vocações e como descobri-las**. 5.ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A., 1999.
- NASCIMENTO, T. L. **Repensando o ensino da física no ensino médio**. Fortaleza, 2010. 61 f. (Monografia de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Física – Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Ceará). *mimeo*.
- PENTEADO, H. D. **Meio ambiente e formação de professores**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Questões da Nossa Época – v.38).
- PIAGET, J. **Lógica do conhecimento científico**. Paris: Gallimard, 1967.
- POZZEBON, B. C. *et al.* Educação ambiental no ensino médio: preservação, conscientização e busca pelo conhecimento. In: **Revista Eletrônica de Extensão**. Florianópolis: Editora da UFSC, v.15, n.28, p.64-76, 2018.
- REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997. (Coleção Questões da Nossa Época – v.41).
- _____. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos – v.292).
- SANTOS, M. P. **Contributos epistemológicos da física no processo ensino-aprendizagem de educação ambiental na escola brasileira de ensino médio dos dias atuais: uma abordagem crítico-reflexiva à luz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Ponta Grossa, 2020. 17 f. (Projeto de Pesquisa Acadêmico-Científica de Doutorado em Ciências/Física – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências/Física da Universidade Estadual de Ponta Grossa). *mimeo*.
- SCHNEEBERGER, C. A.; FARAGO, L. A. **Minimanual compacto de geografia geral: teoria e prática**. São Paulo: Rideel, 2003.
- TAVARES, A. S. **Física ambiental e teoria da complexidade: inserção de tópicos essenciais da teoria da complexidade no ensino médio – a viabilidade de uma proposta**. Cuiabá, 2011. 113 f. (Dissertação de Mestrado em Física Ambiental – Instituto de Física do Programa de Pós-Graduação em Física Ambiental da Universidade Federal de Mato Grosso). *mimeo*.

Sugestões de leituras sobre o tema:

- ARAÚJO MADEIRA, M. C. **Educação ambiental e educação matemática: uma busca pela interação**. Campinas, 2016. 133 f. (Dissertação de Mestrado em Educação – Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas). *mimeo*.
- ARRIBAS, S. D. **Experiências de física ao alcance de todas as escolas**. Rio de Janeiro: FAE, 1988.

BALDOW, R. *et al.* Ensino de física e educação ambiental: percepções de sustentabilidade dos estudantes em uma atividade de robótica sustentável. In: **Revista Experiências em Ensino de Ciências**. Cuiabá: Editora da UFMT, v.13, n.5, p.152-167, 2018.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. P. **Física**. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Magistério 2º Grau – Série Formação Geral).

LIMA, E. A. **Educação científica e física ambiental**: uma análise das percepções dos alunos da EJA em campanhas ambientais no Estado de Mato Grosso. Cuiabá, 2011. 93 f. (Dissertação de Mestrado em Física Ambiental – Instituto de Física do Programa de Pós-Graduação em Física Ambiental da Universidade Federal de Mato Grosso). *mimeo*.

SANTOS, L. C. A. **A física na educação ambiental**: a questão do efeito estufa. São Paulo, 2003. 143 f. (Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências: Modalidade Física – Instituto de Física e Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo). *mimeo*.

SILVA, L. F.; CAVALARI, M. F.; MUENCHEN, C. **A temática ambiental e o ensino de física**: algumas considerações sobre os trabalhos apresentados nos Encontros de Pesquisa em Ensino de Física (EPEF). Rio de Janeiro, 2009. 12 f. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br>>. Acesso em: 03/12/2009.

WUO, W. **A física e os livros**: uma análise do saber físico nos livros didáticos adotados para o ensino médio. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2000. (Coleção Hipótese).

Valquíria Cristina Abrantes – Brasileira. Natural do município de Arapongas/PR. Doutora em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) - Florianópolis/SC. Pesquisadora em Ciências Biológicas. Professora adjunta da Universidade Positivo (UP) em Curitiba/PR, onde reside atualmente. E-mail: valquiriacabrantes@outlook.com

Francisco Meira Martins – Brasileiro. Natural do município de Ivinhema/MS. Mestre em Física Matemática pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) - São Carlos/SP. Pesquisador em Ensino de Física e Educação Matemática. Professor assistente da Faculdade de Telêmaco Borba (FATEB) em Telêmaco Borba/PR, onde reside atualmente. E-mail: francisco.mmartins@gmail.com

Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) - Ituiutaba/MG. Pesquisador em Ciências da Educação. Literato profissional. Defensor militante da causa da Educação, da Literatura Brasileira e dos Direitos Humanos. Professor adjunto da Faculdade Rachel de Queiroz (FAQ) em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. E-mail: mestrepedagogo@yahoo.com.br

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

**VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL**

**FANPAGE: + DE 100 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 40 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES**

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com

A close-up photograph of two hands, one from a person wearing a dark green cable-knit sweater and the other from a person wearing a light grey cable-knit sweater, joined together to form a heart shape. The background is a soft, out-of-focus outdoor scene with warm, golden light, suggesting a sunset or sunrise. The hands are positioned in the center of the frame, with the fingers pointing towards each other to create the heart's outline.

POR RAIMUNDO COLARES RIBEIRO

A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO

Capítulo 2: Sua Voz Falava Só de Amor

Artigo

Findo os comerciais, o som dançante da música ONE WAY TICKET, sucesso absoluto da banda britânica Eruption, que alcançou o top 10 em toda a Europa, em 1979, deixou ainda mais agitada a manhã de 31 de dezembro de 1983. Era o melhor da *disco music* que invadia os lares tefeenses.

– Prazer enorme desfrutar da sua companhia amiga. Esclareço que o programa compõe-se de 31 blocos, incluídos o de pausa para o almoço e o de encerramento. A partir deste segundo bloco, cada um apresentará quatro grandes sucessos, nacionais e internacionais, e, ainda, os anúncios dos nossos patrocinadores. Também haverá, ao longo da programação, destaques a pessoas físicas e jurídicas que contribuem para o desenvolvimento econômico e social da nossa cidade. Vale lembrar que Tefé, nos dias atuais, é reconhecida como centro de abastecimento comercial de vários municípios, entre os quais Alvarães, Uarini, Maraã, Fonte Boa, e região do Japurá, Juruá e Jutai.

Em sua primeira intervenção no programa, a assistente de locução, que esteve por alguns meses em estágio na Rádio Nacional de Tefé, apresentou as quatro músicas que seriam tocadas no bloco de apresentação e agradecimento a DEUS: “Rivers Of Babylon”, “O Homem”, “Sailing” e “Multidão”. Kátia usava vestido tubinho, com estampa floral e mangas curtas. Nos pés, sandálias na cor bege e de saltinho quadrado. Brincos e gargantilha combinavam. Estava linda.

– Alegria, alegria, alegria!!! Estamos começando pra valer!!! Em *begê*, um grande sucesso: RIVERS OF BABYLON com Boney M., grupo musical criado pelo produtor alemão Frank Farian, em 1976. Para aqueles que ainda não sabem, essa música é baseada nos Salmos 136 e 137. E o que dizem esses salmos? Em resumo, dizem que o Rei Davi esteve com seu povo junto aos rios da Babilônia, onde se assentaram e choraram, recordando Sião. Tudo esclarecido? Ok.

O som da discoteca é dotado de vida, ritmo animado e eletrizante. Marcou uma época, a nossa época. Hoje, quando ouvimos essas músicas, relembramos momentos felizes. Sem dúvida, continua muito, muito presente em nossas vidas, fazendo com que nos lembremos até dos locais que frequentávamos. Na Corte do Solimões, recordo, existia o bar e boate Galo de Ouro, na Estrada do Aeroporto, quase em frente à subestação de energia da Celetramazon, que reunia a juventude nas sextas-feiras, sábados e domingos, ao som dessas canções inesquecíveis. Ainda existe? Antes, passávamos no Bessinha, a cem metros. Que saudade!!!

A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO estava apenas no seu começo. Ao longo da programação, mais de uma centena de músicas desfilariam através das ondas poderosas da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Para a abertura do programa, selecionamos quatro grandes sucessos, iniciando com RIVERS OF BABYLON, para agitar a cidade; depois, trouxemos o “rei” Roberto Carlos para dizer que O HOMEM tinha no “cantar uma oração e no falar a mais linda canção que já se ouviu”; Rod Stewart interpretou a belíssima SAILING (Navegando), e Ricardo Braga mostrou MULTIDÃO, conclamando a todos para seguirmos radiantes em busca da paz, dividindo o pão. Afinal, não somos diferentes, somos todos iguais e caminhamos na mesma direção.

– Esta é a Rádio que toca a sua música preferida!!! Nos estúdios da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, de frente a este locutor, um dos nossos mais prestigiados colaboradores. Bom dia, seja muito bem-vindo e fique à vontade. Você é o Marcos Vinícius que indicou essa linda canção? Por favor, confirme o seu nome, a sua profissão e, logo a seguir, leia a mensagem que nos enviou.

– Alô, galera!!! Bom dia a todos. Meu nome é Marcos Vinícius, sou fotógrafo dos bons, com estúdio e laboratório fotográficos montados aqui na Rua Olavo Bilac, no centro histórico da nossa Princesinha. Trabalho em eventos sociais, cobrindo aniversários, batizados, casamentos, formaturas e festas em geral. Faço também revelação de filmes em fotos preto e branco. A pedido da produção do programa, estarei

fotografando os seus melhores momentos. A mensagem que encaminhei à coordenação do programa musical está, assim, redigida:

Neste final de 1983, temos que parar e analisar o que fizemos durante o ano, pesando os pontos positivos e os negativos, para melhor definirmos as nossas metas para o ano vindouro. Devemos praticar o verdadeiro amor e a caridade, socorrendo o próximo, principalmente aqueles que mais necessitam da nossa ajuda. Que a amizade, a felicidade e a paz imperem durante o ano de 1984, com as bênçãos de DEUS. Espelhem-nos sempre em JESUS CRISTO!!! Por tudo, indico O HOMEM, sucesso do “rei” Roberto Carlos, o melhor e mais famoso cantor brasileiro de todos os tempos. Feliz e abençoado 1984!!!

– Estamos juntos, ao seu lado, em todo lugar!!! Que esta alegria presente em cada um de nós seja espalhada aos quatro cantos da cidade. Caso ainda exista algum resquício de tristeza, devemos afastá-lo imediatamente. A alegria, todos sabemos, é tocha de luz que ilumina os nossos caminhos, contribuindo para o bem estar de todos.

Lembrei que a música O HOMEM, sucesso indicado pelo Marcos Vinícius, era melodia maravilhosa, cuja composição estava assinada por Roberto Carlos e Erasmo Carlos. A canção, que não entrou no sorteio, foi indicada para fazer parte do bloco de apresentação e de agradecimento a DEUS, logo no início da programação.

– Esta música está incluída no LP produzido pela gravadora CBS, no ano de 1973. Com interpretação magistral do “rei” Roberto Carlos, quem não se lembra dos primeiros versos da canção? Querida assistente, você poderia ler os nove primeiros versos dessa canção?

– É uma linda canção. Aliás, todas as músicas do Roberto são maravilhosas!!! Recordemos os seus nove versos primeiros:

*Um certo dia, um homem esteve aqui
 Tinha o olhar mais belo que já existiu
 Tinha no cantar uma oração
 No falar a mais linda canção
 Que já se ouviu
 Sua voz falava só de amor
 Todo gesto seu era de amor
 E paz, Ele trazia no coração
 Ele pelos campos caminhou...*

– Roberto Carlos, prosseguiu a assistente de locução, nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, no Estado do Espírito Santo, no dia 19 de abril de 1943. É considerado o Rei da Juventude Brasileira e Rei da Música Latina. Juntamente com Erasmo Carlos e Wanderléa, comandou o movimento musical Jovem Guarda, iniciado em meados da

década de 1960. Ganhou vários prêmios, entre os quais o Festival de San Remo, na Itália, em 1968, e o Troféu Imprensa (melhor cantor), nos anos de 1971, 1973, 1974, 1977, 1981 e 1982. É um dos maiores vendedores de discos do mundo, incluindo gravações nos idiomas espanhol, italiano, inglês e francês. Também estrelou filmes baseados em sua carreira musical, destacando-se “Roberto Carlos em Ritmo de Aventura”, “Roberto Carlos e o Diamante Cor-de-Rosa” e “Roberto Carlos a 300 Quilômetros por Hora”. Hoje, a quase totalidade das composições musicais do “rei” é romântica, motivada, sobretudo, pelo seu público-alvo que deixou de ser jovem e, agora, é adulto. Mesmo assim, permanece ídolo de uma geração, com shows frequentes e sempre lotados, no Brasil e no exterior. No final de ano, no mês de dezembro, a TV Globo transmite, em horário nobre, à noite, uma apresentação especial do “rei” Roberto Carlos. Neste ano, o especial foi ao ar no dia 23, contando com perguntas do público e participação de Erasmo Carlos, Djavan e Gal Costa. Logo no início, falou da invasão das guitarras e da Jovem Guarda, cantando “Parei na Contramão” e “Splish Splash”. Em seguida, “Fama de Mau” e “O Calhambeque”, em dupla com Erasmo Carlos. Como sempre, o programa esteve entre as maiores audiências da televisão brasileira.

Em atenção aos nossos queridos ouvintes, eu disse que todos gostaríamos de ouvir um dos maiores sucessos do “rei” Roberto Carlos: O HOMEM. Anunciei também a atração internacional, uma composição de Gavin Sutherland intitulada SAILING, que traduzida significa “navegando”, na interpretação do cantor e compositor britânico Rod Stewart. Completando a trinca musical, confirmei a participação de Ricardo Braga, com a música MULTIDÃO, cuja letra instrui-nos a cantar conjuntamente com nossa gente, ou, caso contrário, iremos chorar sozinhos. Diz, ainda, com todas as letras, que o orgulho é uma corrente que prende demais.

SONOPLASTIA:

Músicas: O HOMEM (1), SAILING (2) e MULTIDÃO (3).

– Tripé musical estupendo logo no início da programação. Que maravilha!!! Em fundo musical, Ricardo Braga permanece cantando MULTIDÃO. A composição é de Ricardo Braga e Marcelo Duran. Agora, fique ligado nesta notícia: O LP “Fantásticos”, produzido pelo selo RCA, em 1982, juntou as seguintes canções: “Vem Fazer Glu-Glu” (Sergio Mallandro), “You Got The Power” (War), “Só Penso Nela” (Bebeto), “To Be Superman” (Pam N’Pat), “Vamos Dançar Mambolê” (Los Angeles), “It’s Good To Be The King” (Mel Brooks), “Sempre no Meu Coração” (Antonio Marcos), “On The Inside” (Lynne Hamilton), “Reencontro” (Marcio Greyck), “It’s Nasty / Genius Of Love” (Grand Master Flash & The Furious Five), “Don’t Talk To Strangers” (Rick Springfield), e “Coisa Linda” (Vinicius Cantuária). A título de informação, o cantor e compositor Vinicius Cantuária é amazonense.

Nesse mês de dezembro de 1983, a rede de comunicação Rádio e Voz Comercial Agá-Erre havia recebido muitos cartões de natal, oportunidade em que a Kátia, nossa assistente de locução, passou a decifrar aqueles que foram selecionados. O primeiro a ser

lido, que exibia a imagem de um presépio em sua capa e parte da mensagem escrita em máquina de escrever, trazia essa suprema mensagem:

Prossigamos na nossa crença e nunca abandonemos o nosso ideal. A semente que foi plantada em nossa mente deve ser acompanhada com carinho no seu germinar, crescer, florescer e frutificar, pois, colhem os frutos quem persevera e tem paciência. O fracasso pertence a quem desiste da luta. DEUS está em nós e nos dá forças para superar os obstáculos e realizar nossas aspirações. Confiemos e entreguemos os nossos sonhos a Ele. Feliz Natal!!! Feliz Ano Novo!!!

Essa belíssima mensagem foi-nos enviada pelo ouvinte Rickson, funcionário público, nosso vizinho da Travessa Bom Jesus, a quem agradecei e retribuí os votos de boas festas. A Travessa Bom Jesus, faço o registro, ligava as ruas Quintino Bocaiúva, Olavo Bilac e Duque de Caxias. Nos anos da minha infância e adolescência, existia a Quadra de Esportes Monsenhor Barrat, na esquina da Rua Olavo Bilac com a Travessa Bom Jesus, junto ao Mercado Municipal. Foi inaugurada pelo prefeito Raimundo Ramos Coelho.

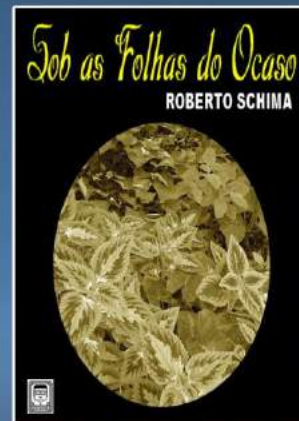
– Onde quer que você esteja nos ouvindo, agradecemos de coração pela sua valiosa audiência. Continue ligado na Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Todos estamos adorando este grande musical intitulado A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO. Na sequência: BRASA VIVA com a cantora Katia Cilene, e, ainda, o quadro QUAL O DISCO QUE VOCÊ MAIS OUVIU NESTE ANO DE 1983?



Raimundo Colares Ribeiro é autor de 16 livros, entre eles “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.
Visite o autor no TWITTER: <https://twitter.com/ColaresRibeiro>

Sob as folhas do Ocaso

Roberto Schima



Com dezoito histórias de fantasia, ficção científica, terror e nostalgia, a maioria das quais publicada a partir do nº 37 da revista digital "Conexão Literatura", cujo download pode ser efetuado gratuitamente em: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>.

Fica, então, a inevitável pergunta: se todos os exemplares da revista podem ser obtidos gratuitamente pela Internet, qual a vantagem ou interesse em publicar um livro para venda ao público?

Ah, sejamos francos, aproximem-se aqui ao pé do ouvido. Eu não nutro ilusão alguma em relação a vendagem e nem almejo qualquer "vantagem" nesse sentido. A autopublicação é mais uma satisfação pessoal. Afinal, que autor não deseja ver suas histórias em um livro que seja só seu? Se lanço livros dessa forma é porque, bem ou mal, além de eu satisfazer um gosto, dispô-los na rede não deixa de ser uma forma de divulgação: ao menos, estão lá.

E, seja através de que meio for, se, eventualmente, alguém ler uma ou outra de minhas histórias e vier a gostar, isso sim será motivo de regozijo e orgulho. São mundos povoados por florestas tenebrosas, cotidianos nostálgicos e naves espaciais. Se houver uma pontinha de tristeza, será pela efemeridade das coisas de maior significado, todavia, talvez justamente por isso, elas foram maiores e significativas.

Agora, sem maiores delongas, viremos a página como quem, sorrateiramente, abre a porta de um casarão antigo e abandonado. As dobradiças rangem, a escuridão nos acolhe e, em seu interior, sozinhos, ouvimos o som de passos... que não são os nossos.

— PARA ADQUIRIR, ACESSE
AMAZON - AGBOOK
CLUBE DE AUTORES

REPORTANDO AÍDA CURÍ

POR JACKMICHEL



Poema publicado no evento Dia Internacional da Mulher 2020 AMCL (Academia Mundial de Cultura e Literatura) da qual JackMiche é membro perpétuo e ocupa a cadeira 31 tendo como patrono o cantor Mario Reis.



BIOGRAFIA:

JackMichel é o primeiro grupo da literatura mundial, composto por duas escritoras: Jaqueline "Jack" Ramos e Micheline "Michel" Ramos. São irmãs e nasceram em Belém – PA (Brasil). O tema de sua obra é variado visto que têm livros escritos nos gêneros ficção, poesia, romance, fábula e conto de fadas. Tem treze livros publicados, premiados e començões honrosas. Também foi destaque em diversos jornais e revistas de literatura, artes e cultura. Participou de salões literários na Europa e no Brasil. Conquistou o IV Prêmio Talentos Helvéticos-Brasileiros na categoria Infantil/Infantojuvenil, o 3º lugar no Concurso Cultive de Literatura "Prix ALALS de Littérature" e no I concurso literário da Casa Brasil Liechtenstein e o 1º lugar no II Festival de Poesia de Lisboa. Seu slogan é "A Escritora 2 Em 1".

Website Oficial da JackMichel A Escritora 2 Em 1

<https://www.websiteoficialjackmichelaescritora2em1.com>

Aída Curi?

Disse a manicure.

Vinha sempre aqui no salão,

Era uma rosa em botão!

Cuidava das unhas,

Temos testemunhas....

Embelezava os cabelos,

Como fazem as Consuelos

Daqui de Copacabana,

Todo final de semana.

Gostava de caminhar pela praia,

Olhar a onda que desmaia...

Sentindo o calor do sol,

Na vermelhidão do arrebol,

Por entre a rajada do vento,

De cada momento!

Adorava Samba-canção,

Que cantava com emoção...

Quando era Carnaval,

Ia pular no Municipal...

Sua medida era a alegria,

Quer fosse noite, quer fosse dia.

Rapazes, ela amava todos,

Sem achar que fossem lobos!

Vivia sorrindo para a vida,

Talvez por isso fosse tão querida!

Tudo foi assim,

Até o fim...

Quando meu olhar afoito

Leu o jornal de 14 de julho de 1958:

Jovem é atirada do 12º andar:

Será que queria voar?

Dum edifício na Av. Atlântica,

Uma cena não muito romântica!

Houve tortura com luta intensa,

Que falta de presença!

Os acusados são três delinquentes:

Serão novatos ou reincidentes?

Eis um crime de atentado ao pudor

Que horror!

Ao terminar de ler, chorei

E em voz alta falei:

Aída Jacob Curi,

Se é possível percore

Ou descanse em paz,

Anjo fugaz!...



CORÔNICA DE UM MAL

POR ROBERTO SCHIMA

Crônica

Ainda que nos derrotem, se, no final, houvermos trazido alguma luz as suas mesquinhas consciências, então, nossa ínfima existência terá servido para alguma coisa.

Estão amedrontados com as centenas de vidas que ceifamos e outras tantas que estão por vir? Sim, vocês devem temer, mas não pelas razões que supõem ou fingem dizer. Não sentem uma comichão na consciência? Não sentem um certo desconforto, constrangimento ao olharem-se no espelho? Não? Ah, isso não nos surpreendem. Pois deviam.

Esse é o momento.

Essa é a hora.

A sua hora.

A pandemia que nós temos causado é preocupante, sem dúvida. Aterroriza suas almas, assim como fizeram a peste negra, a gripe espanhola, a doença do vírus Ebola, a gripe asiática, a gripe suína, cujos fantasmas ainda pairam na memória da humanidade como uma lembrança indesejável de uma noite sombria.

Mas bem que não cancelaram o carnaval!

Quanto a isso, só temos a agradecer...

Esquindô! Esquindôôô!

E rala e rola, gente!

Maravilha...

Médicos, biólogos e outros tantos pesquisadores estão lutando por

encontrar uma arma eficaz contra nós. Esses merecem o nosso respeito. Alguns até sacrificaram a própria vida nessa batalha, por menos que seus esforços tenham sido reconhecidos no passado, e seus estudos tenham sofrido cortes de verbas em condições inadequadas de trabalho. Parece haver um cerceamento deliberado à cultura, à Ciência, à Educação, ao progresso, talvez enquanto um mecanismo de defesa da estupidez de seus líderes que vêem nisso uma ameaça a própria posição, ou um constrangimento quanto a própria falta de sabedoria, ou uma maneira de melhor manter às rédeas de uma nação imersa na ignorância.

Valorizem seus professores, seus sábios em geral! Não somente agora, nesse momento de urgência, mas em todos os momentos. O estudo é o alicerce de um povo; a ignorância, sua perdição. A cultura os ensina a pensar, a procurar soluções, a questionar, a evoluir. Sem ela, tudo o que resta são escombros fétidos nos quais os aproveitadores buscam levar vantagem.

Por que nós dizemos isso?

Por que damos um tiro no próprio pé?

Porque desejamos um adversário digno de nossa posição.

Já se perguntaram por que tamanha comoção e mobilização não é realizada em relação aos milhares e milhares de mortos todos os anos pela corrupção, pela falta de segurança, por falta de atendimento médico, por brigas domésticas ou no trânsito, pela miséria, pelas guerras? Verdadeiros massacres que, de tão corriqueiros, não causam mais espanto - o que, por si, é, tragicamente, o maior dos espantos.

Ah, se um alarde de tamanha magnitude fosse feito em prol de certas regiões cujos povos vivem abaixo do nível da miséria - Alguém se lembra da seca no Nordeste ou dos países africanos? - ou são vítimas de infindáveis conflitos armados.

Ah, se os interesses políticos, econômicos e sociais dessem lugar a um verdadeiro sentimento de solidariedade e uma ação concreta por soluções e igualdade, e não somente um temor quanto ao próprio umbigo.

Todavia, tal não ocorre, exceto agora, diante de nossa presença e, conforme mencionamos, não pelas razões que supõem ou fingem dizer.

Não que medidas contra nós não devam ser tomadas, como de fato devem e estão sendo realizadas pelos cientistas e médicos já mencionados.

Mas as discrepâncias entre as mobilizações contra nós e em relação aos massacres acima mencionados são tão gritantes... Gritantes! Por exemplo, quarenta ou cinquenta mil homicídios todos os anos merecem menos atenção?

Não faz alguns de vocês questionarem a quais interesses a fomentação de todo esse pânico - apetitosamente alimentado pela imprensa - e o caos econômico decorrente tem beneficiado ou irá beneficiar?

Podemos dar nosso modesto parecer?

A violência, a falta de médicos e a fome não atingem aqueles que têm o poder de reagir contra essas coisas. Quando doentes, recorrem aos melhores hospitais do país, quando não buscam auxílio no exterior. Em relação à violência, estão cercados por seguranças, usam carros blindados e suas mansões são verdadeiras fortalezas. Quanto a

miséria, é uma realidade que não os assombra e, muito menos, a fome. Já leram *A Máscara da Morte Rubra*, de seu falecido semelhante, Edgar Allan Poe? Não? Recomendamos.

De nossa parte, porém, somos absolutamente democráticos.

E é isso que os amedronta.

Não estamos nem aí se você é um chefe de Estado ou um varredor de rua, milionário ou pobre, branco ou negro, homossexual ou heterossexual, cristão ou muçulmano, banqueiro ou flanelinha, palco ou platéia, honesto ou corrupto, um grande empresário ou um pequeno comerciante, juiz ou criminoso, gordo ou magro, bonito ou feio, do primeiro mundo ou do fim do mundo, nem nos interessa a qual partido político pertence e, tampouco, a sua ideologia.

Não podemos ser chantageados.

Não podemos ser convencidos.

Não podemos ser comprados.

E, quando o próprio traseiro se vê em perigo, atingindo aqueles que se julgavam inatingíveis, faz-se um tremendo alvoroço, há uma urgência e real interesse em solucionar a questão, pois passa a doer no próprio pé, a atingir o próprio umbigo, a afetar os próprios interesses.

Sim, nós estamos a sua frente, ao seu lado, atrás de você.

Somos um fantasma a assombrá-lo em uma noite de chuva.

Ao menos, nesse caso, o mal que nós representamos poderá trazer algum benefício na medida em que todos de fato poderão se beneficiar da cura que,

eventualmente, irá surgir, e não somente atender a alguns privilegiados na pontinha da pirâmide.

E, quiçá, tal consciência possa se expandir às outras áreas como as já referidas, que mereceriam tanto ou mais alarde não só dos que se acham autoridade, mas de toda a sociedade.

Meditem sobre a sua expansão ilimitada em contraposição a restrição de recursos.

Meditem se não vale a pena salvar um planeta a cuja degradação deram causa.

Meditem sobre a inevitabilidade de novas pandemias na atual situação.

Se tudo isso ocorrer, nossa curta existência não terá sido em vão.

Se tornarem a dar de ombros, nós, os vírus, diremos: até breve.

Isso é válido não somente em relação aos líderes, mas a cada um de vocês tão habituados a olhar para o alto e, tão pouco, para os lados e, muito menos, aos seus pés. Protestem, esperneiem, xinguem... sirvam-se da carapuça. Não pensem nisso como uma reprimenda, mas uma oportunidade.

Pensem bem e reflitam.

Esse é o momento.

Essa é a hora.

E sua hora..

... chegou.

Somos fantasmas a pairar em suas memórias.

Somos uma lembrança indesejável de uma noite sombria.

Nossas asas negras estenderam-se sobre a Terra. E estamos a voar.





Roberto Schima

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que hoje me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Fui o vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc.

Obs: Mais informações: *Google, Yahoo* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss_2

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

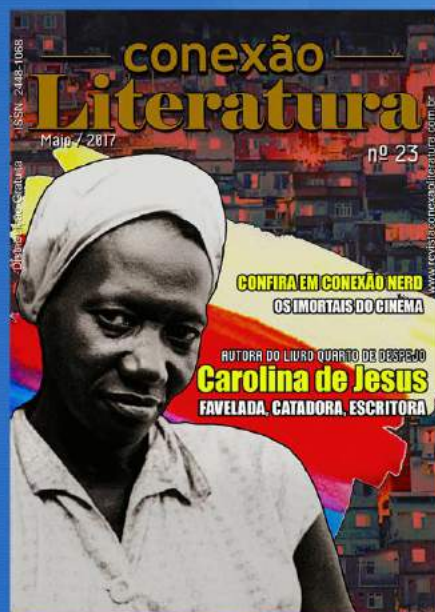
<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br

Apoie a Revista Conexão Literatura



APOIA.se

Agora você pode apoiar o trabalho de incentivo à leitura da
Revista Conexão Literatura

Sabemos que não é fácil promover o incentivo à leitura no Brasil, pois falta apoio dos nossos governantes. Um povo que lê mais, certamente terá mais cultura e uma visão diferente de mundo e é isso que estamos fazendo desde junho de 2015, quando tivemos a ideia da criação da Revista Conexão Literatura.

Tudo isso leva tempo, trabalho e dedicação. Por isso pedimos o seu apoio para que esse trabalho continue com força, atingindo cada vez mais leitores. Faça parte desse projeto e seja um apoiador da nossa causa.

APOIADORES: Sandra Boveto, Roberto Schima, Mayanna Velame
Dirma Fontanezzi

FAÇA PARTE DO TIME DE APOIADORES, ACESSE
<https://apoia.se/conexaoliteratura>

Sergio Carmach, editor da editora Verlidelas e a publicação do livro "O Enigma da Biblioteca", de Cida Simka e Sérgio Simka



Entrevista

Sergio Carmach

Fale-nos sobre a editora Verlidelas.

A Verlidelas é uma editora independente que investe em autores de qualidade. Depois de aprovada uma obra, é realizado um cuidadoso trabalho em cada fase do processo de edição, sem custo para o autor. A divulgação feita por parceiros, amigos e escritores já publicados contribui para a chegada cada vez maior de originais, nos mais diversos estilos e com as mais variadas propostas. O site explica como o autor deve enviar seu texto, mas em breve teremos novas diretrizes, indicando, inclusive, nossa preferência por autores proativos.

Uma característica importante da Verlidelas é o apartidarismo. Indivíduos podem – e devem – ter posições ideológicas próprias, mas uma editora precisa valorizar a liberdade de pensamento e a pluralidade de ideias, seja em que campo for (político, artístico etc.). É triste quando editores não resistem à

tentação e transformam suas crias em guetos ideológicos. Isso é um misto de tolice e arrogância. Minha ideia é ver o destino da Verlidelas ser desenhado sem predeterminação, como aquelas histórias e personagens que, depois de nascerem, fogem ao controle do próprio autor.

O que o motivou a publicar o livro "O Enigma da Biblioteca"?

O desejo de fazer o primeiro lançamento infantojuvenil da editora e a confiança que tenho nos professores Cida e Sérgio Simka, que já organizaram duas antologias da Verlidelas.

Ao começar a ler "O Enigma da Biblioteca", logo percebi que pré-adolescentes iriam gostar muito do livro, embora o texto também seja perfeitamente apropriado a crianças e jovens em geral. Acostumados a tramas de mistério e suspense, Cida e Sérgio souberam dar a esse gênero tudo o que exige o público

infantojuvenil. Escrever para essa faixa etária não é fácil, e eles mostraram que dominam essa difícil arte. “O Enigma da Biblioteca” é ágil, sem descrições longas ou hiatos na história, não tem personagens adultos se sobrepondo aos protagonistas, valoriza o visual, com ilustrações de Otávio Zaia e diversos gráficos, usa a linguagem da nova geração e, acima de tudo, respeita a inteligência do leitor. E esse último item é importantíssimo. Talvez um dos livros mais marcantes de minha infância tenha sido “Marcelo, Marmelo e Martelo” justamente porque seu protagonista se mostra astuto e questionador. A história de Ruth Rocha é para crianças mais novas e tem uma proposta bem diferente da trazida pelo livro dos Simka, mas as duas obras se assemelham nesse respeito à curiosidade e à capacidade de investigar e refletir dos jovens.

Os desafios que os personagens de “O Enigma da Biblioteca” precisam enfrentar em busca do grande segredo também ajudam a colocar a história em sintonia com o universo juvenil. Jovens adoram superar obstáculos. Do mesmo modo que detestam lições de moral. E nesse aspecto o livro também é preciso. Ele cumpre a função de passar uma mensagem, mas sem tentar disciplinar o leitor.

Publicar “O Enigma da Biblioteca” foi como unir o útil ao agradável, pois o livro valoriza o catálogo da editora ao mesmo tempo em que me traz satisfação. Estou feliz que tenha sido o nosso primeiro lançamento infantojuvenil. O resultado final ficou lindo, sendo importante destacar as colaborações profissionais de Seri, que fez a ilustração da capa, do Otávio Zaia, que fez as ilustrações do

miolo, e de César Mendonça, responsável pela diagramação.

Quais os próximos projetos seus e da editora?

Certa vez eu estava visitando a página de uma editora no Facebook e me deparei com algo mais ou menos assim: “Conquista da empresa neste ano: não ter apoiado o golpe.” Meio estranho e fora de propósito. É tão esquisito quanto dizer: “Conquista da empresa neste ano: não ter contribuído para a ascensão comunista.” Então consolidei em mim a convicção de jamais ter uma editora de bolha, por mais que entrar em uma possa ser o pulo do gato. Também não gostaria de ver a Verlidelas se portando como certas editoras dirigidas por empreendedores de mão cheia, mas descuidados do ponto de vista literário. Esses editores têm tino comercial e desenvolvem estratégias interessantes para atrair autores iniciantes e supostamente promovê-los. Só que, já no início de suas chamadas, escrevem coisas como “Convidamos à todos”. E os textos dos livros não ficam muito atrás em termos de qualidade. Em resumo, eu diria que a Verlidelas tem como projeto amplo continuar investindo em autores de diversas tendências – artísticas, ideológicas etc. – e prosseguir editando livros com todo o cuidado. Também pretendemos lançar a revista “Verlidelas”, mas não vou me aprofundar agora nesse assunto.

Sobre projetos literários pessoais, se a editora me conceder algum tempo, pretendo lançar uma edição revista e alterada de “Para Sempre Ana” – livro que estive em posição de destaque na blogosfera até 2013, quando foi indicado ao Codex de Ouro na categoria “melhor

romance” – e concluir “O Estranho

Inferno da Felicidade”.

Link para o livro:<https://www.verlidelas.com/product-page/o-enigma-da-biblioteca>**Cida Simka**

Maria Aparecida Silva Simka é licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Coni-tora de livros "Etna como Substantivo Concreto" (Wak, 2014) e autora dos livros "O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa na Prática" (Wak, 2016), "O Enigma da Velha Casa" (Uirapuru, 2016), "Nôis Sabe Português" (Wak, 2017) e "Prática de Escrita: Atividades para Pensar e Escrever" (Wak, 2019). Organizadora dos livros "Uma Noite no Castelo: Contos Mal-Assombra-dos" (Selo Jovem, 2019) e "Contos para um Mundo Melhor" (Xeque-Matte, 2019). Colunista da revista Conexão Literatura.

Durante as férias, João e Maria resolvem ir à biblioteca retirar alguns livros de mistério e suspense. No trajeto, observam diversos erros de português em placas, outdoors, fachadas de lojas e até na mensagem de boas-vindas da biblioteca.

Indo avisar sobre o erro, João e Maria são surpreendidos por um envelope deixado por um desconhecido. Ao abri-lo, se-vem convidados a participar do ENIGMA DA BIBLIOTECA, que consiste na resolução de dez desafios, divididos em dois níveis de dificuldade, que os levam a percorrer inúmeras seções de livros. No caminho, conhecem os três andares da biblioteca e encontram até um tabuleiro de xadrez com um jogo prestes a terminar. Caso vençam os desafios, João e Maria – após mergulharem numa extraordinária aventura por nosso idioma e por livros da literatura brasileira e mundial – terão o direito de conhecer o GRANDE SEGREDO, que mudará suas vidas.

Mas espere. Quem é aquela pessoa que entrou na biblioteca, numa sexta-feira à noite?



VERLIDELAS



VERLIDELAS

**Sérgio Simka**

Professor universitário desde 1999. Autor de mais de cinco dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a coleção Mistério, publicada pela Editora Uirapuru. Colunista da revista Conexão Literatura.

**CIDA SIMKA**

É licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Autora, dentre outros, dos livros O enigma da velha casa (Editora Uirapuru, 2016), Prática de escrita: atividades para pensar e escrever (Wak Editora, 2019) e O enigma da biblioteca (Editora Verlidelas, 2020). Organizadora dos livros: Uma noite no castelo (Editora Selo Jovem, 2019), Contos para um mundo melhor (Editora Xeque-Matte, 2019), Aquela casa (Editora Verlidelas, 2020) e Um fantasma ronda o campus (Editora Verlidelas, 2020). Integrante do Núcleo de Escritores do Grande ABC e colunista da Revista Conexão Literatura.

SÉRGIO SIMKA

É professor universitário desde 1999. Autor de mais de seis dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a série Mistério, publicada pela Editora Uirapuru. Membro do Conselho Editorial da Editora Pumpkin, integrante do Núcleo de Escritores do Grande ABC e colunista da Revista Conexão Literatura.

Peterson A. Silva e o livro "A cor do preconceito"



Peterson A. Silva

Peterson Araújo da Silva, filho de Diva de Miranda e Dílson Araújo da Silva, natural da cidade de Curitiba (PR), nasceu em 14/07/1969. Aos 12 anos de idade foi morar com os pais na cidade de Paranaguá, onde passou grande parte da sua adolescência. Hoje, tendo retornado à Curitiba, admirador da música, das artes e da literatura, começou a trabalhar em projetos nessas áreas de Cultura.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Peterson A. Silva: Desde os 12 anos de idade eu já amava a leitura, os livros fizeram parte do meu crescimento desde a infância até a adolescência, aos 18 anos de idade, tive minha primeira experiência em relação à literatura, comecei a escrever meu primeiro livro intitulado O Diário de Guerra o qual falava sobre a vida de Robert William e Mary Elizabeth um soldado da aviação americana que vai lutar na segunda guerra mundial e que no decorrer da história num campo de guerra se apaixona por uma enfermeira supostamente americana que guarda grandes segredos sobre sua real origem, esse foi meu

primeiro contato real com a escrita, infelizmente na época eu era muito jovem não tinha tanta experiência com a literatura que tenho hoje e por motivos econômicos e falta de patrocínio na época eu acabei por colocar na gaveta metade da obra já concluída, hoje com mais experiência como escritor e situação financeira definida pretendo ainda continuar a escrever a obra e lançar o livro Diário de Guerra em um próximo projeto futuro.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "A cor do preconceito". Poderia comentar?

Peterson A. Silva: Sinto-me orgulhoso de ter dado vida a essa obra denominada A



Cor do Preconceito, ser o autor dessa Obra me possibilitou criar as ferramentas literárias necessárias para falar sobre os Direitos Humanos, sobre valores e lutas das classes menos favorecidas, mas principalmente falar sobre justiça e o direito do povo negro mulheres e homens na luta pela conquista de uma sociedade mais justa para todos.

A Cor do Preconceito no meu ponto de vista como humanista e escritor é a bandeira que caminha a frente dos campos sociais e institucionais das classes emergenciais das favelas a se multiplicarem nas lutas contra a violência infantil, contra a violência denominada feminicídio, na aquisição de garantias e na restituição dos valores éticos e morais que tanto nossa sociedade precisa, por fim na luta contra o preconceito seja ele qual for. A cor do Preconceito é na minha visão a representação da força e da garra das

mulheres e homens negros a liberdade e igualdade de justiça social num mundo ainda comandado pelo poder da pele branca.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Peterson A. Silva: As pesquisas começaram em 2018, os temas abordados na Obra A Cor do Preconceito mostravam a representatividade dos anseios de uma sociedade oprimida, eram temas muito fortes e que por essa razão necessitaram ser tratados de uma forma muito especial, falar sobre racismo, violência sexual contra as mulheres, homofobia, falta de segurança justiça e criminalidade não foi fácil, imagina escrever um livro inteiro sobre esses temas.

As pesquisas foram inúmeras, as fontes foram nas áreas jornalísticas em geral, mas também houve a necessidade de buscar conhecimento nas instituições sociais e governamentais, não fugindo de buscar suporte nas leis de acesso à informação e conhecimento e ferramentas de suporte linguístico e literário.

Principalmente falar sobre o assassinato da vereadora Marielle Franco e Anderson Gomes foi de certa forma o que tomou mais tempo e atenção no decorrer das pesquisas por se tratar de um assassinato cruel e polêmico o qual estava estampado em todas as mídias sociais.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Peterson A. Silva: Nas representações artísticas culturais e políticas, o rosto do negro se projeta mais, o trabalhador

brasileiro tem em seu DNA a constituição das origens africanas demarcada de forma imperativa: a velha imagem do negro escravizado, oprimido e sentenciado a realizar as piores tarefas e a se sujeitar a aceitar as piores ordens por parte dos seus donos, hoje em nada condizem com certas práticas do passado: os castigos exemplares em praças públicas ou os assassinatos na calada da noite motivados por escravidão se tornam consulta nos estudos universitários ou intelectuais em referência a novos tempos de liberdade. A Cor do Preconceito página / 131.

Conexão Literatura: Qual a dica que pode dar a um escritor iniciante?

Peterson A. Silva: Começar uma Obra ou um Projeto não é fácil, tais tarefas necessitam de muita luta força de vontade e determinação, você que almeja essa carreira de escritor iniciante ou mesmo que só deseja escrever por amor a literatura, tem que ter motivação naquilo que faz escrever um livro não é tarefa fácil, seguir em frente nesse sonho é ter confiança em você e amor naquilo que você faz, o primeiro obstáculo que você vai encontrar é ter capital de investimento, para começar a concretizar o seu projeto, sem esse capital inicial a caminhada se torna limitada.

Uma segunda dica muito importante, você precisa fazer parcerias com prováveis Editoras sócias em seu projeto, busque informação, corra atrás, entre em contato com o maior numero de Editoras de Literatura através da Internet, assim que sua Obra já estiver concluída envie cópia para as mesmas e aguarde resposta, sua Obra será analisada pelas Editoras e se estiverem conforme aquilo que procuram

no mercado literário e seguindo as características da Editora com certeza você será aceito e terá o seu Livro publicado.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Peterson A. Silva: A Cor do Preconceito foi uma Obra lançada em parceria no Brasil e Portugal pela Editora Chiado Books a qual me representa como sócia em todo o processo de comercialização e distribuição da Obra no Brasil e Portugal via canais virtuais e mídia, internet e livrarias, a Obra pode ser encontrada já a venda através do Google pesquisando por A Cor do Preconceito escritor Peterson A Silva, onde encontrara o livro a venda nas livrarias da Chiado Books, Livraria Cultura, livraria da Travessa. Através do Google os leitores poderão conhecer um pouco mais sobre todo o lançamento da Obra as reportagens jornalísticas que deram enfoque ao lançamento e os Blogs de literatura parceiros que nos ajudaram a apresentar A Cor do Preconceito no Brasil e Portugal.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Peterson A. Silva: Existe o desejo de voltar a trabalhar em 2020 novamente no seguimento da obra O Diário de Guerra, livro que deu origem a minha entrada na literatura e que por muitos anos ficou esquecido sem conclusão por falta de parcerias, ou financiamento numa gaveta, um romance baseado entre dois jovens Americanos que em meio aos campos de

guerra da segunda guerra mundial e em meio ao holocausto (exterminio dos judeus) dos campos de concentração nazistas encontram o amor como única saída para sobreviver ao inevitável e cruel poderio de Adolf Hitler.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Alquimista do autor Paulo Coelho.

Um (a) autor (a): Paulo Coelho

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: A Cabana / William P Young

Um dia especial: O dia em que eu fui gerado pela mulher mais importante da minha vida

Minha Mãe Diva de Miranda

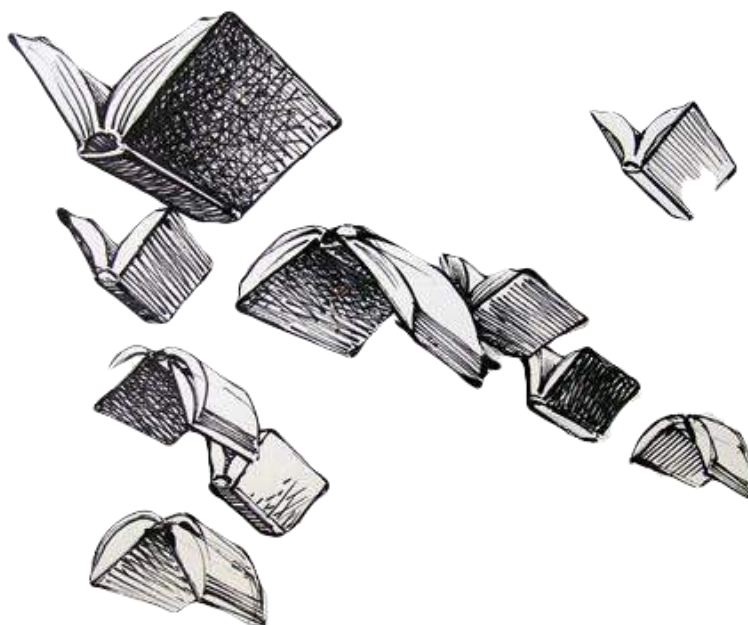
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Peterson A. Silva: No Brasil em especial a literatura e as Obras Literárias precisam ser mais valorizadas e respeitadas pelo

conteúdo social e cultural que carregam em suas linhas, importante ressaltar que infelizmente em nosso país os incentivos para a cultura através da literatura não são tão valorizados como em outros países afora, o brasileiro não tem o costume de ler livros, e são poucos que realmente se dedicam a leitura.

Na contra mão dessa imensa discussão temos ao longo da nossa história literária grandes personalidades da literatura e da escrita gênios respeitados pelo mundo afora, é preciso reconhecer o poder de criação dos novos escritores iniciantes, pois eles têm como fonte criativa grandes autores e escritores brasileiros renomados e premiados dentro e fora do Brasil, como Paulo Coelho, Jorge Amado, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade entre tantos.

Meus parabéns pela luta e pela garra dos novos autores e escritores brasileiros que com certeza num tempo não muito distante se tornarão como os grandes nomes da nossa Literatura Brasileira.



Para adquirir o livro, acesse: <https://www.chiadobooks.com/livraria/a-cor-do-preconceito>



Por Ademir Pascale

Dicas Para Leitura

Boa parte da população brasileira está de quarentena para contenção do vírus COVID-19, principalmente os paulistas e cariocas. Estamos afastados das escolas e do serviço e dentro de casa temos que procurar o que fazer. Um dia passa rapidamente, mas não sabemos ainda quanto tempo ficaremos nessa situação. Isso pode levar dias ou até alguns meses, então pensando nisso, além de várias atividades que poderemos fazer em nosso lar, como exercícios físicos, desenhar, pintar, estudar, assistir filmes e séries e até fazer novas receitas culinárias, deixarei dicas para uma boa leitura.

1º - Leia ou coloque em dia a leitura das edições da **revista Conexão Literatura**. Ela é gratuita e já são quase 60 edições. Para baixar e ler cada uma delas, basta acessar a página e clicar sobre a edição desejada:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

2º - Um livro super bacana lançado em 2005, intitulado “**Cinmaterapia para a alma**”, das escritoras e cinéfilas Nancy Peske e Beverly West. Além de uma boa leitura, você terá dicas de vários filmes para ler nessa quarentena ;) Para adquirir ou saber mais:

<https://www.submarino.com.br/produto/5931230/livro-cinematapia-para-a-alma-guia-de-filmes-para-todos-os-momentos-da-vida>

3º - “**Insight – Reflexões para uma vida melhor**”, do autor Daniel C. Luz. Esse é um livro com várias pequenas histórias, lições de vida que poderão auxiliar nessa nova jornada em nossas vidas. Para adquirir ou saber mais:

<https://www.amazon.com.br/Insight-Reflex%C3%B5es-Para-Vida-Melhor/dp/8588329395>

4º - “**As notícias mais malucas do Brasil**”, de Alessandro Bender. Um livro divertido que reúne várias notícias malucas ou fora do eixo que foram publicadas no Brasil. Para adquirir ou saber mais: <https://www.amazon.com.br/As-Not%C3%ADcias-Mais-Malucas-Brasil/dp/8572442928>

5º - “**Falha Nossa – As maiores gafes do cinema**”, do autor e cinéfilo Cesar Kos. Esse livro aponta erros em vários filmes e é um excelente passatempo para revermos alguns deles. Para adquirir: <https://www.travessa.com.br/falha-nossa-as-maiores-gafes-do-cinema/artigo/26c53111-1797-4f39-ad61-70ad42d31b1e>

6º - “**Eu e Fernando Pessoa – Livro de anotações**”, uma publicação da editora Bandeirola. Ganhei esse livro e achei super diferente, pois além de conter poemas de Fernando Pessoa, o leitor pode se inspirar no autor e seus heterônimos e até escrever ao lado deles, estilo um diário diferente ou caderno de anotações. Para adquirir ou saber mais: <https://www.bandeirola.com.br/produtos/eu-e-fernando-pessoa/>

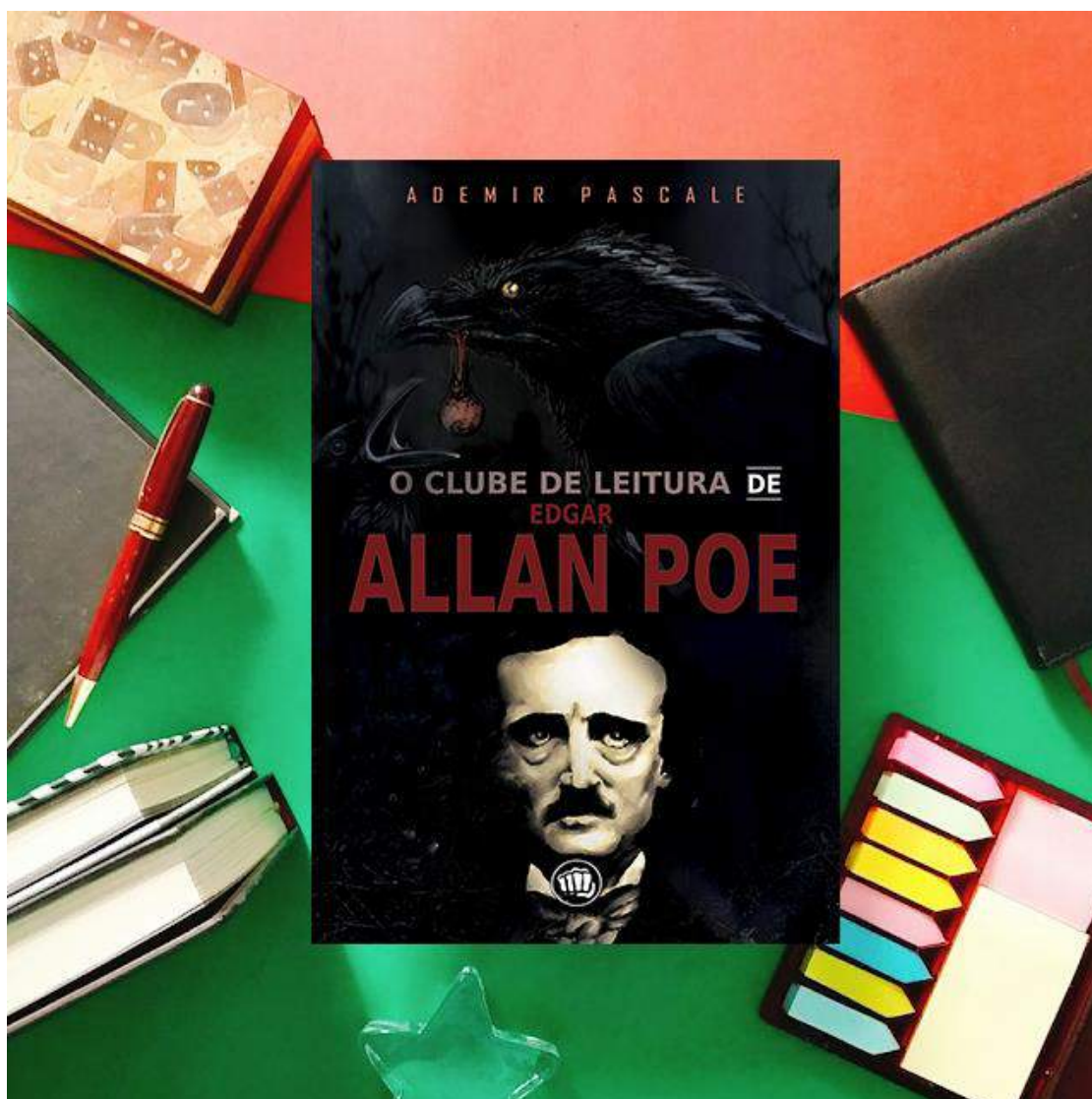
7º - Para os que gostam de ir um pouco além da imaginação (ou não, pois acredito nas teorias desses livros), deixo aqui duas dicas super bacanas: “**O Universo numa casca de noz**”, de Stephen Hawking e uma obra bem antiga, intitulada “**Eram os deuses astronautas?**”, do autor e pesquisador Erich Von Daniken. Para adquirir ou saber mais: <https://www.saraiva.com.br/o-universo-numa-casca-de-noz-9251195/p> e https://www.amazon.com.br/Eram-Deuses-astronautas-Erich-D%C3%A4niken-ebook/dp/B07M8CSJCN/ref=asc_df_B07M8CSJCN/?tag=googleshopp00-20&linkCode=df0&hvadid=379805264048&hvpos=&hvnetw=g&hvrnd=13772123222546146587&hvpone=&hvpstwo=&hvqmt=&hvdev=c&hvdvcmld=&hvllocint=&hvllocphy=1031711&hvtargid=pla-813259807391&psc=1

8º - Claro, não posso deixar de citar algumas HQs: o divertido “**Um sábado qualquer**”, de Carlos Ruas e “**Eu sou a lenda**”, de Steve Niles e Elman Brown, que inspirou o filme

que leva o mesmo título, estrelado pelo ator Will Smith. Para saber mais:
<https://www.umsabadoqualquer.com/> e <https://www.amazon.com.br/EU-SOU-LENDA-Elman-Brown/dp/857532425X>

9º - Como autor, escrevi dezenas de livros e participei como coautor em outras dezenas. Foram mais de 40 livros. Mas gostaria de indicar aqui um deles para leitura nessa quarentena, que é um dos meus mais recentes, intitulado “**O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe**”. Para saber mais sobre ele:
<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/2019/02/a-paixao-pelo-autor-de-o-corvo.html>

10º - Por último, indico a leitura do livro “**Sem medo de vencer**”, do autor Roberto Shinyashiki. Essa é uma obra para nos incentivar nesse momento tão crítico e cheio de incertezas. Para adquirir ou saber mais: <https://www.saraiva.com.br/sem-medo-de-vencer-3049099/p>



POR QUE DIVULGAR O SEU LIVRO NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL

FANPAGE: + DE 100 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 40 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com



PARABÉNS, ENZO!

Por Míriam Santiago

Conto

Manhã do dia 19 de março de 2021, aliás, Dia de São José para quem é da religião católica, e Enzo irá comemorar o aniversário dele próprio junto dos amiguinhos do condomínio onde reside há sete anos.

Mas neste ano iria “arrebentar”, receber muitos presentes, além de ganhar ainda, a bicicleta que tanto sonhou.

O pai logo cedo o cumprimentou feliz da vida, já que 2020 foi um ano triste para todas as pessoas do mundo,

que lamentavelmente passaram pela pandemia do coronavírus, crise que abalou o globo terrestre. E antes mesmo que lembranças dolorosas reinassem na casa, vem do curso de Enfermagem a filha Rose, de 17 anos de idade, que mudou de ideia de Administração para a área médica por inspiração de milhares de médicos, enfermeiros, técnicos em enfermagem, auxiliares, estagiários e estudantes, que nos momentos mais críticos em que a doença avançava no Brasil, incansavelmente ficaram à frente nos hospitais e postos de saúde,

recebendo e cuidando, dia e noite de pessoas infectadas pela doença.

Mas o momento que mais marcou a opção profissional de Rose foi o crescente número de voluntários, que não mediram esforços em prol da solidariedade em ajudar com reforço físico e de corações abertos aos doentes.

Enzo além de completar mais um ano com saúde via na irmã uma grande inspiração e lição de vida, um exemplo de positividade e de educação. Porque pessoas do bem são sempre bons exemplos, não é mesmo?

E Rose estava sempre ao lado dele, em todos os momentos, sem contar que sabia cativar o irmão com presentes legais!

A mãe Érica seguia na cozinha preparando os quitutes, pois era a doceira preferida do bairro Pompeia, na cidade de Santos, no litoral paulista! Cheia de encomendas sempre, viu sua rotina retornar gradativamente logo após a doença “desaparecer do mapa” tão rápido assim como iniciou, lá no outro lado do mundo, no Oriente, passando para o Velho Continente. Érica se benzeu na lembrança das pessoas que perderam suas vidas com a pandemia, mas alegrou-se ao lembrar-se dos bons comportamentos, em como as pessoas seguiram as regras permanecendo em casa até que o perigo eminente chegasse ao fim. Érica riu sozinha batendo o bolo da festa ao lembrar-se ainda dos idosos, que de jeito algum queriam obedecer e roubaram a cena da tragédia com vídeos

engraçadíssimos mostrando todos os tipos de teimosia porque não queriam ficar em casa, isso sim marcou momentos de descontração dentro de um cenário cruel. Mas depois de tudo isso, o grupo número um de risco entendeu que não podia perambular pelas ruas e eles acabaram entrando para valer na quarentena.

E todo esse reflexo da doença que veio cheia de tristeza e calamidade pública, a pandemia foi perdendo força, e o que sobrou do ano passado foram momentos de bons costumes, que aproximaram mais as famílias, já que não tinham muitas opções além de compras de remédios e abastecimento de alimentos, foram momentos em que as pessoas voltaram a se reunir com velhos jogos de cartas ou outros passatempos, passaram a assistir mais filmes juntos, enfim, como diz o ditado, “há males que vêm para o bem”, sem contar que a Esperança fez parte de todos os corações, que pulsaram em um só sentido, o da preservação da vida! Já o pai Rodrigo lembrou-se ainda dos idosos que foram resgatados de asilos, pois muitas pessoas, movidas pelo remorso, buscaram seus entes queridos desses locais, já que muitos, descartados pelas famílias, caíram no esquecimento e a doença mexeu com o sentimento comunitário do planeta!

— Parabéns Enzo! As duas palavras ecoaram por toda a vizinhança, enchendo de alegria o coração do garoto, que teve uma esplêndida festa de aniversário!

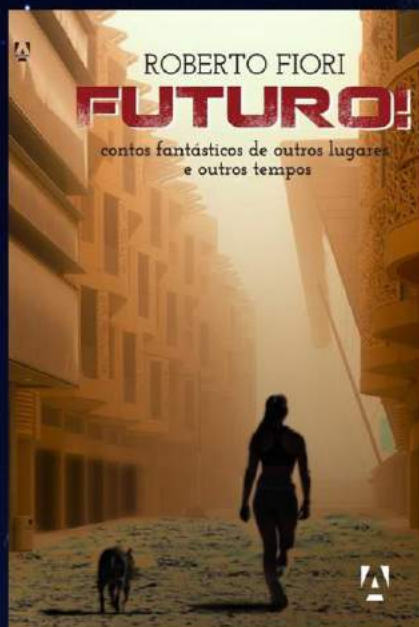
O intuito da história foi homenagear e brindar os profissionais de saúde que incansavelmente se arriscam todos os dias para salvar vidas, assim como também demais responsáveis que estão na linha de frente mantendo estabelecimentos indispensáveis à população.

Infelizmente a Humanidade passa por momento muito difícil, mas tenho certeza que se todos fizerem a sua parte cumprindo determinações impostas ao bem coletivo, sairemos dessa calamidade no menor tempo possível, mantendo cautela e procedimentos de educação e de higiene pessoal e coletiva.



Miriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianssantos@gmail.com



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]



AMOR VAMPIRO

Por Roberto Schima

Conto

Chovera muito nos últimos dias. E as noites, tempestuosas, só traziam maus presságios.

Vênus surgiu no céu e, breve, foi seguido por uma e outra estrela.

Enfim, as nuvens de mau agouro e os relâmpagos aterradores foram embora.

O Sol, na direção oposta, ainda era visível rente a linha do horizonte e seu dourado mesclava-se ao rubro como se uma mortalha de sangue separasse o que era divino dos pecados mundanos.

Mas o crepúsculo não tardaria a findar e, na noite sem luar, tudo aquilo que

fosse comparsa das trevas, estenderia suas asas sobre a terra.

As luzes dos lampiões não seriam páreo para o que estaria por vir.

O sacerdote, aflito, bem o sabia.

— O tempo urge, José! — gritou ao jovem. — Oh, que agonia!

Ao lado do esquife, José sequer virou seu rosto para o religioso. Sentia-se hipnotizado, pasmo, lívido, o retrato de um vazio que somente a mais profunda tristeza poderia pintar. Suas mãos tremiam. Seus ouvidos ainda sentiam ecoar o vozerio do ancião. A memória

daqueles momentos permanecia nítida: os flertes, o nervosismo, a aceitação, os encontros, o calor em seus braços, as promessas e o compartilhar de respirações.

— Depressa! — bradou o religioso. — Por Nosso Senhor!

José deu mais um passo e, assim, pôde vê-la melhor. O tremor apoderou-se de seu corpo.

— Ma-Ma-Maria... — balbuciou.

O mausoléu pareceu ecoar sua voz mais nitidamente do que o clamor do sacerdote.

Ou seria efeito da tortura que, então, flagelava o infeliz rapaz?

José precisava agir rapidamente. Ele bem o sabia. Vários outros no vilarejo haviam passado por isso. A "cura" era muito bem conhecida. Sim, seu cérebro tinha uma consciência fria e cristalina do fato, e do que deveria fazer, não obstante, dentro de seu peito, uma ínfima chama arder, queimar sua alma como se ela fosse um papel de arroz. E ele, desgraçadamente, sentia o fogo a consumi-lo.

— Maria!

A estaca, agora, mirava para o centro do busto da vampira.

Ela havia sido bela.

Ela era bela!

Apesar de sua palidez extrema, do vermelho obscuro em sua boca e do par de caninos cujas extremidades projetavam-se sobre o carnudo lábio inferior, o encanto daquele corpo não fora de todo maculado.

— Rápido! — insistiu o velho sacerdote.

Muito magro, a custo mantinha-se em pé. Somente a força ferrenha de quem combatera o Mal durante toda a sua existência fazia-o conservar um sopro de vida. Essa seria a sua derradeira missão, o seu último combate. Lastimava por ver-se obrigado a utilizar as forças de outro para tal. Lastimava por ter sido José, o infeliz escolhido; e, Maria, a vítima da vil criatura que ainda perambulava nas redondezas.

O jovem reposicionou a estaca.

A ponta aguçada tocou o seio esquerdo.

O martelo foi erguido mais alto do que o necessário.

— Eu estou vivo. Você pertence ao umbral, Maria. Porém, ao afundar em seu peito esta estaca, a vida será igualmente extraída de mim. Apagar-se-á a luz assim como o ocaso lá fora. Maria!

As paredes espessas tornaram-se mais opressoras.

As chamas dos lampiões tremeluziram.

A atmosfera ficou mais gélida.

— Vamos! — incitou o ancião, tossindo.

Mas José, no instante derradeiro, hesitou. Petrificado, ele percebera.

Os olhos de Maria... Eles se abriram!

E, em sua mente, José escutou:

"Ah, meu querido, apesar de morta... eu existo!"

— Não! — gemeu o rapaz.

O coração ficou descompassado. O sangue palpitou na estrada jugular.

Ele fitava os olhos frios daquela coisa que, um dia, fora a sua amada Maria.

Coisa...

"É ela", corrigiu a pequena chama em seu peito.

Coisa...

"Não é ela!", gritou-lhe o cérebro em protesto.

Coisa...

O sacerdote, embora fraco e doente, decidiu avançar e tomar do martelo e da estaca, cumprindo ele próprio o amargo fardo. O exalar de sua respiração condensava-se diante dos olhos.

Todavia, tarde demais se tornara.

Martelo e estaca caíram pesadamente ao chão.

O religioso emitiu um longo gemido, a dor de mil punhais.

José, no fundo de seu ser, desejou lamentar, entretanto, não o conseguiu.

Braços finos e brancos, dedos pálidos de unhas salientes detiveram sua razão no ar.

E ele chorou.

"Oh, meu amor, minha tortura, amor vampiro, por que teve de partir?"

"Ah, meu doce José, nenhum destino assinado a sangue irá nos separar. Eu ainda sou. Eu existo."

E repetiu na mente dele a voz na sepultura:

"Eu existo!"

Imediatamente, uma força não natural fez o sacerdote desabar sobre o piso de mármore, prostrado, desacordado, engolido por uma camada de névoa.

A derradeira missão fracassara.

A criatura ergueu seu torso com a mesma leveza do nevoeiro.

A boca fria e carnuda entreabriu-se, os seios empinaram-se, braços de gelo envolveram o apaixonado José. E, então, os caninos.

"Ah, Maria, sua boca em meu pescoço, seus caninos rompendo-me a carne evocam a doçura. Sim, doçura! Além da dor, além do medo, além da sanidade, além de meu amor pelo Senhor, todas as

barreiras que a desgraça nos fez separar. Sim, agora, volto a mirá-la ternamente."

O líquido precioso trafegou veloz pela estrada jugular.

O esgar no rosto de José tanto poderia ser de dor, quanto de prazer.

"Venha para mim, José. Venha! Juntos, seremos parte dessa noite e muitas outras que virão."

"Oh, amada, pelo destino de mim separada. Criança da noite, embora levada. Ao seu lado renascerei tão certo quanto a vida que de mim se esvai. E, mais uma vez, juntos enfim, pelo séculos e séculos do porvir, seremos um, sempre um, como um eclipse que o dia trai e a noite atrai. O ontem, o amanhã, e, pela eternidade... o infinito Agora."

E, assim, José morreu para a vida a fim de viver para a morte.

Aquilo que se chamara Maria aguardou paciente ao lado dos dois homens.

Quando a coisa que se chamara José despertasse, ambos teriam o primeiro aperitivo a repartir. Diziam que o vinho melhorava conforme o tempo, contudo, aquela encarquilhada garrafa de carne a seus pés teria tão pouco a oferecer...

Ah, seria uma linda noite estrelada, afinal de contas!

Muitas outras presas esperavam por eles, sob as cobertas do medo.

E, na noite sem luar sobre o vilarejo, os comparsas das trevas estenderiam suas asas sobre a terra.

Roberto Schima

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que hoje me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Fui o vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc.

Obs: Mais informações: *Google, Yahoo* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss_2

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#Wey1sltSzIV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br

LIVRODESTAQUE

www.livrodestaque.com.br

Especialista em
divulgação de livros
e autores

AND THIS IS HOW IT IS
we go home
and we shut our doors
we don't sleep with them open
for fear the world sees in
really sees us
sees our pain
sees our mess
sees the things we can't brush into place
see our broken hearts
we don't open our doors wide
turn the spotlight on
I say, "I haven't done laundry in a week. My girlfriend
I'm not sleeping."
at the white door
andle
all night.

A INOMINÁVEL PERSONIFICAÇÃO DA LITERATURA

Por Caique de Oliveira Sobreira Cruz



Conto

Sobre aquela fatídica e ensolarada tarde no campo, seguem breves e singelas notas de um pretenso conto. Estava eu a passar naquele cenário incomum para indivíduos caseiros e avistei duas pessoas, uma delas jogando os cabelos reluzentes ao vento, o sol peneirado por sombras de árvores que carregavam folhas avermelhadas refletia uma luz brilhante diante da sua loira cabeleira, a moça corria pra lá e pra cá, sentindo a natureza, respirando e transpirando os ares, o cheiro das rosas, descalça com os seus pequeninos e belíssimos pés de calçado número 36, ela sentia o macio da grama extremamente esverdeada, havia vida em todos os lados,

em todo canto, o cantar dos pássaros nos provava isto, nos fazia conjecturar que assoviavam racionalmente para completar o panorama daquele fausto. Uma cena apaixonante e cinematográfica, os olhos dela cintilantes da cor de mel fitavam-me de uma maneira muito forte, razão pela qual resolvi parar e admirar o contexto, o destino havia reservado que ela estivesse com os óculos em uma das mãos, revelando os irradiantes olhos e, na outra, carregava as suas sapatilhas. A segunda pessoa que estava lá, ao seu lado, não era menos resplandecente, entretanto, não corria, apenas filmava com uma câmera de última geração os momentos marcantes vividos pela

primeira pessoa, a inominável. Registrando cada passo dela e fazendo ela dar risada cada vez mais para que se enquadrasse ao ângulo da filmagem. Bom, os terceiros ao redor, que também curtiam o ambiente e reparavam as cenas descritas, provavelmente devem ter pensado apenas que era uma doidinha serelepe, saltitante sem razões últimas, que sujava seus pezinhos na grama de maneira desleixada, uma verdadeira birutinha desvairada. Mas, lamentavelmente, a minha mente é um pouco poética e a forma que demonstraste estar vivendo aquele espaço só me fez pensar em alguma personagem que estaria ali, como uma espécie de livro poético ou mesmo um romance hollywoodiano, embora eu não fosse muito fã da sétima arte norte-americana, em verdade, a detesto. Ela mantinha-se sorridente como se estivesse experimentando cada particularidade do lugar, ou melhor, ela era parte da paisagem, em conjunção e sintonia absoluta, de forma que parecia ser a própria natureza em pessoa. Senhorita, você é pura poesia! Nunca imaginei que lhe enxergaria por lentes tão poéticas em minha vida, mesmo após 4 anos conhecendo-a, aquela tarde foi a primeira vez que ao lhe ver senti um frio na barriga, coração acelerado, leveza de espírito e etc. Se me contassem que eu poderia te ver como uma poesia humana há anos atrás, eu daria boas gargalhadas e chamaria isto de uma subjetivação fora da realidade, apenas meras abstrações, às vezes o meu mecanicismo fala mais alto, porém, sentimentos espontâneos tendem a nos surpreender. Foi neste elevado patamar que tudo aquilo me veio à cabeça. Você parecia verdadeiramente uma literatura

ambulante, a sua altivez e a sua alegria eram estonteantes, dignas de um espetáculo antológico, talvez o único concretamente possível nesta “Sociedade do Espetáculo”, definida por Debord. Tive uma catarse estética e fiquei deslumbrado, meus glóbulos oculares interpretavam por intermédio de estímulos luminosos que você era a própria reencarnação da Julieta, da Alice, da Iracema, da Macabéa, da Anna Karenina, da Gabriela escrita pelo camarada Jorge Amado, e, especialmente, da Carlota a quem Werther tanto se devotou na obra de Goethe. Urge, então, a necessidade de superar esta imagem poética que fiquei da inominável, pois a vida continua e segue caminhando a passos largos, como em uma ampulheta, o tempo se esgota rapidamente ao cair da areia, os relógios não nos servem mais, e tudo que era sólido em algum momento se desmancha pelo ar, Goethe diria que o homem é muito fugaz, transitório e frágil. Porém, este lapso temporal não se deu comigo, acomete-me um sentimentalismo exacerbadamente senil e infantil, contraditório, eu sei, decrépito e novo ao mesmo tempo, já disse em algumas ocasiões que a dialética está em tudo que me cerca, mas o fato incontestado é que tudo aquilo não me sai da mente. Maldita natureza! Maldita fotógrafa! Maldito sol! Maldita grama! Malditos olhos! Maldito sorriso!!! Por falar na fotógrafa, ela filmava como uma profissional, entretanto, eu nunca fui daqueles que acreditam na substituição dos humanos pelas máquinas, neste caso, confio mais no registro feito pela minha memória, tenho certeza que o meu cérebro captou muito mais os elementos profundos que nós presenciamos lá do

que o mero aparelho digital. Foi um baque muito forte, fiquei sem compreender o que estava acontecendo naquele espaço e comigo mesmo, paralisado, estático, só conseguia lhe enxergar em uma poesia, foi tudo muito instantâneo e autêntico, você floresceu do nada de forma esplendorosa!

A vida prega dessas peças. Por um segundo eu passaria direto e não veria nada disto, perderia uma cena esteticamente perfeita. Por outro lado, também não ficaria idealizando-a com tamanha abstração, como uma fonte de energia deslumbrante, uma exuberância sem igual, delicadeza ao mesmo tempo que força, uma elegância natural. Uma idealização quase que platônica de uma mulher incorporada à natureza, sendo feita desta, mas também expressando-a em suas mais singulares graciosidades, inexistentes nas vidas urbanas. Ela me trouxe uma sensação de essencialidade que eu queria esquecer um pouco, pelo cansaço e exaustão de várias questões pessoais que naquele momento só me legavam o ódio. Caros leitores, eu não estou doido, não. Mas é que, para mim, foi um estarrecimento muito estranho e espontâneo, sabe? Magnificamente excepcional.

Minha querida inominável, eu tinha uma imagem de você mais concreta e real, como uma mulher com suas qualidades e defeitos, cuidadosa com os outros, mas que às vezes se torna chata por excesso, tentando me enquadrar, mesmo que com razão, ou aquela inquieta que deixa as pessoas inquietas, não consegue ficar parada, não cessa suas risadas e trejeitos, sorrindo sempre para alegrar o ambiente/ mesmo quando deixava os outros sem graça sem querer. E, de

repente, eu vi que, por um instante, você poderia ser ainda muito mais do que aquela pessoa de coração enorme com terceiros. Veio na minha consciência, em frações de segundos, um contraste entre a percepção que eu tinha de você anteriormente e aquela nova, de uma abstração idealista, perfeita, como se realmente fosse uma cena de filme em que a “princesa” ou sei lá o quê que os roteiristas fantasiam, deixou a todos encantados em um mundo fantasmagoricamente perfeito e belo, divergindo do real. Como se você tivesse brotado de todos os livros que li, não sei explicar direito, é como se eu visse concretamente a forma de personagens que somente havia lido. Sabe aquele vácuo entre o que está escrito e o que se pensa sobre aquilo? Não existem figuras em boa parte dos livros que tive acesso, fica sempre uma dúvida, uma lacuna que sua imaginação preenche, mas que nunca se encerra, pois você não tem a resposta definitiva sobre qual a forma concreta que as personagens realmente têm. Mas quando te vi ali, foi como se tivesse germinado para mim, a forma concreta da literatura, eu vi na sua imagem, a escrita, e na escrita, a sua imagem.

Deves estar me denominando de gentil, mas não é a verdade, eu sou apenas poético, você quem me inspirou, você é a arte da qual eu fui o mero tradutor. Portanto, apesar dos pesares, tenho muito a lhe agradecer, inominável, por ter personificado tão contundentemente a forma última e definitiva da poesia e da literatura, jamais lerei com as mesmas lentes reduzidas de antigamente, fecharam-se as lacunas. Muito obrigado!



Caique de Oliveira Sobreira Cruz, nascido em 15/08/1994 na cidade de Salvador/BA, graduado em Direito pela Universidade Católica do Salvador, advogado trabalhista. Pós-Graduando em Sociologia pela Estácio. Escritor em diversos sites e blogs sobre temas variados como: economia, política, história, sociologia, literatura e etc. Autor do artigo "A subsunção do real ao estético, a miséria do pós-modernismo" publicado pela Revista de Estudos Latino-Americanos na edição de 2018, volume 8, p.426-461. E-mail: caique_sobreira@hotmail.com



A MELODIA DAS MARÉS

Por Roberto Schima

Conto

1 - AQUELE QUE ESPERA

O vulto de linhas retas estava lá fazia muito tempo.

No ocaso perene que o rodeava, ele aguardava.

Sob o frio

Sob o tempo.

Sob a escuridão.

Não esperava por alguém que o tocasse, mas que o ouvisse, escutasse a sua lastimosa história, seu drama, sua tragédia. Havia uma ansiedade reprimida sob os sedimentos que o cobria, um

desejo de narrar suas desventuras antes que um impulso mais forte da corrente lançasse-o garganta abaixo às profundezas do abismo.

E agora, não tão paciente após cerca de um século e meio, suas notas soaram.

Sob redemoinhos molhados, a música melancólica esparramou-se em todas as direções, dissipando-se na obscuridade da distância até juntar-se à densa escuridão.

Falava de campos verdejantes e sorrisos no frescor ensolarado da

juventude. Cais apinhados de gente.
Muitas cargas. Vários idiomas.
Despedidas e fugas. Velas desfraldadas.
Riquezas. Motins e infortúnios.

Mas o vulto ereto sentia, ele sabia.

Cedo ou tarde, alguém ouviria seu lamento.

Ainda que sua voz fraquejasse, um espírito investigativo, cedo ou tarde, descobriria.

Da surpresa, corações passariam ao temor enquanto escutassem a suave melodia ao sabor da corrente.

E, do interior da escuridão profunda, algo mais se mostraria para trazer solidez ao pavor de suas almas.

2 - DANIEL

O "Cajuru" era um pequeno barco pesqueiro. Suas tábuas gastas imploravam descanso. Quanto ao motor trôpego, não estava em melhor forma, mas funcionava numa luta orgulhosa.

A âncora coberta por uma pintura nova não conseguia disfarçar sua crosta de ferrugem. Foi lançada num borrifar de espuma. O ruído monótono da corrente durou quase um minuto.

- Finalmente, chegamos! - desabafou o jovem, entediado. - Eu não aguentava mais.

Ao seu lado, o velho marinheiro aposentado sorriu, deixando a roda do leme. A bem da verdade, alcançara a patente de Primeiro-Sargento, contudo, nunca se sentira preso às formalidades, muito menos agora. Deu uma boa

tragada no cachimbo, expelindo a fumaça espessa que o vento rapidamente tratou de dispersar. Teria seus sessenta e tantos anos, porém, a pele curtida de sol fazia-o aparentar mais idade. Mas que ninguém se deixasse enganar pela força daqueles braços rijos feito aço temperado, moldados por décadas de trabalho nos oceanos. Usava um boné surrado, cuja aba protegia seus olhos da claridade do alto, embora não daquela refletida no mar. Costurado nele, havia a figura de uma mulher da cintura para cima, nua, cabelos esvoaçantes, mãos atrás da nuca e seios empinados; abaixo dela, lia-se: "Pegue-me!" Provocou:

- A paciência é uma arte que precisa ser aprendida, moleque.

- Não para mim, Seu Edivaldo, eu tenho pressa de viver!

- Bah! - Cuspiu para além do costado. - E eu não tenho nenhuma de morrer...

Ambos riram.

Daniel, o jovem, completara o curso de mergulho fazia pouco tempo. Ruivo de cabelos cacheados, descendia de irlandeses e pernambucanos, tinha vinte e três anos e crescera ouvindo histórias sobre navios naufragados e tesouros no fundo do mar. Desde cedo formara uma considerável coleção de conchas que apanhara na praia ou entre os rochedos do Morro do Careca. Desconhecia seus nomes populares, o que não era incomum, pois ninguém entre os residentes na baixada dera-se ao trabalho de nomeá-las - exceto no caso dos mariscos, das ostras e dos mexilhões

-, mas, se um dia tiveram, perderam-se no tempo. Um malacologista diria nomes esquizóides como: *Donax hanleyanus*, *Olivancillaria vesica*, *Sanguinolaria cruenta*, *Tivela mactroides*, *Hastula cinerea*, *Dorsanum moniliferum*, *Semicassis granulata* ou *Tegula viridula*. Todavia, convenhamos, o próprio termo "malacologista" ou "malacólogo" era muito difícil de engolir... Porém, agora, Daniel teria a oportunidade de observar tais moluscos vivos, bem como os cardumes de peixes, as algas, as medusas, os ouriços e as estrelas-do-mar. E, quem sabe, descobrir uma nova espécie ou encontrar uma arca de tesouro! Era bastante difícil desvencilhar a criança de dentro de um jovem adulto, pois que, sequer certos idosos o conseguiam...

A mãe culpava o avô, o patriarca João Miguel, por ter enchido a cabeça do menino de fantasias, ao qual este retrucava que era melhor o neto ter crescido assim do que com a pança cheia de torresmo e cachaça. Contra tal argumento, o que haveria para ser dito? E, se tal não bastasse, o avô acusava a filha de ter se casado com o estrangeiro, afinal, se dos pernambucanos Daniel herdara a jovialidade, a impetuosidade diante do mar viera dos filhos da Irlanda. Entretanto, mulher era mulher. A mãe sempre trazia alguma objeção na ponta da língua e uma reserva desmedida em relação ao Seu Edivaldo. O que ocorrera com o "Irlandês" fora culpa daquele, não fora? Certas dores jamais seriam plenamente cicatrizadas.

Seu Edivaldo ajudou o rapaz a vestir o traje de mergulho. Novato que era, somado à ansiedade e ao nervosismo, Daniel atrapalhou-se todo, principalmente diante do cilindro de ar comprimido.

O mar seguia as suas próprias leis e o velho marujo bem sabia o quanto a precipitação poderia custar. Pestanejou. Afugentou a má lembrança com uma piada:

- Calma... É assim que um peixe de água doce morre no mar...

- Eu nunca morrerei no mar, Seu Edivaldo.

As rugas do velho se pronunciaram.

- Não?

- Não.

- Hum... E eu posso saber por quê?

O jovem sorriu.

- O senhor está tomando conta de mim.

Seu Edivaldo ficou na dúvida se socava a ingenuidade do rapaz ou dava um peido. Quis emendar outra pilhéria, porém, nenhuma veio-lhe à mente. "Ah, moleque, será que, algum dia, eu fui assim tão jovem?" Limitou-se a soltar outra baforada do cachimbo. Era amigo de longa data do avô de Daniel, serviram juntos na Marinha. Somente Miguelão compreendera o ocorrido. Sim, Seu Edivaldo nutria uma afeição paternal pelo rapaz. E sim, sem dúvida, faria de tudo para protegê-lo. Depois de conferir o equipamento e as vestes do jovem, cuidou de ajeitar a si próprio para o

mergulho. Conforme a praxe, lamentou ter de separar-se tanto de seu cachimbo quanto do boné que trazia a jovem oferecida.

3 - O MERGULHO

Seu Edivaldo nunca mergulhara exatamente naquele local, afinal, o mar era bastante grande. Porém, assim como muitos outros, escutara os relatos sobre naufrágios nas redondezas. O mais recente fora o de barco de pesca muito semelhante ao seu. O irônico era que tal embarcação sequer estava pescando. O capitão mudara de ramo e levava turistas endinheirados para passeio. De repente, o barco colidira contra outro maior de pesca em alto-mar e, rapidamente, fizera água. Como conseguira esse feito em pleno oceano e céu limpo tornara-se um mistério para o inconformado marujo aposentado. Nenhuma fatalidade ocorrera, todavia, tanto o barco menor quanto as carteiras de alguns clientes foram parar no fundo do mar. O dito cujo capitão fugira na primeira oportunidade e isso - mais o hábito de aliviar suas frustrações numa garrafa de aguardente - poderia dar uma idéia do porquê do desastre.

Mas não era atrás de modernos navios afundados que Daniel estava. Além da aventura de mergulhar entre os cardumes de enchovas, ele sonhava em achar alguma relíquia, quem sabe um dobrão espanhol ou uma cerâmica antiga. Um baú pirata recheado de jóias e metais

preciosos era seu desejo secreto, o maior de todos, entretanto, até ele reconhecia que isso seria pedir demais.

Seu Edivaldo fez as últimas recomendações antes de mergulharem:

- Lembre-se, moleque, não se afaste demais de mim, não vá muito fundo e fique sempre de olho na corrente da âncora. Nunca ouvi falar de ataque de tubarões por estas bandas, mas é bom ter cuidado também, afinal, ninguém disse para eles que este local lhes era proibido.

- Não tiveram tempo de advertir os tubarões, tio Ed: foram comidos antes.

Daniel riu de gostoso.

O velho aposentado forçou um sorriso. Não apreciava piadas sobre tubarões. Era o primeiro passo da imprudência. Essas criaturas formidáveis mereciam respeito. Quando na ativa, ele e Miguelão presenciaram um colega de farda ser atacado. Ainda se recordava do debater desvairado de braços, do horror estampado nos olhos - tão arregalados quanto um par de bolas de bilhar -, do branco da espuma ser tingido de rubro. Bolhas escarlates. O que sobrara do cabo não vivera muito tempo, felizmente.

"Tio Ed..."

Embora não houvesse laço de sangue entre os dois, Seu Edivaldo conhecia Daniel desde que este melecava as fraldas e, pela convivência, o menino acostumara-se a tratá-lo por tio. Bem poderia ser um tio-avô, na verdade. Todavia, ao crescer e após a adolescência, o garoto fora deixando esse costume de lado. Afinal, tornara-se um

homenzinho. Apesar disso, vez ou outra escapava. E não seria Seu Edivaldo quem iria reclamar.

Sentaram-se na amurada e, jogando-se para trás, deixaram-se cair nas águas escuras.

Sob a água, Seu Edivaldo tornou a verificar as condições do jovem e, em resposta, este fez um sinal de positivo. Cauteloso, olhou a sua volta. Tudo parecia calmo. Então, enfim, o velho pôde relaxar... e regozijou-se.

Ah, como era bom retornar às profundezas!

Quando na Marinha, efetuara inúmeras missões de mergulho. E, apesar dos riscos inerentes e dos objetivos a serem atingidos, sob as águas, nunca se sentira tão livre. Aliás, fora a busca desse espírito de liberdade o que, inicialmente, conduziu-o à carreira no mar. Tivera aquela visão romântica de atravessar oceanos de porto em porto e viver aventuras em meio a povos exóticos, conforme os livros de Herman Melville. Queria a infinitude do mar como chão e o firmamento inalcançável enquanto teto. O tempo - mais um balde e esfregão - ensinara-o a separar a ficção da realidade. A bordo de um navio sempre havia trabalho a ser feito, horários a serem cumpridos e uma rígida hierarquia a ser obedecida. Muito pouco intervalo de tempo sobrava para devaneios. Somente ali, no fundo do mar, flutuando no silêncio sombrio a mercê da correnteza, longe de ordens, disciplina e uniformes impecáveis, podia-se dar ao luxo de esvaziar os pensamentos, sentir-se parte

de algo maior e liberto de quaisquer amarras. Integrava-se a um outro universo, tendo a superfície da água por fronteira. Ao mergulhar, abandonava seu mundo e descobria um mundo novo onde as regras e patentes humanas de nada valiam. O ser humano na sua rude estupidez, achava-se acima da natureza, quando, na realidade, mal passava de um grãozinho dela - e sequer o mais significativo - em uma praia desmedida. Isso sim, essa compreensão, era a verdadeira liberdade. O único problema era a falta que, submerso, o Primeiro-Sargento aposentado sentia de seu quase inseparável cachimbo.

Despertou.

"Onde?..."

Fitou Daniel a alguns metros, ainda adaptando-se ao traje de mergulho. Seus movimentos eram desajeitados, vacilantes, desabituaados ao cinto de lastro e o peso do cilindro às costas; a princípio, movera os braços como se estivesse nadando acima da água. Porém, em seguida, lembrou-se das aulas e passou a balançar somente as pernas e as barbatanas de borracha. Logo soube harmonizar as batidas: uma aqui, outra ali, uma aqui, outra ali. E seguiu adiante, embevecido e orgulhoso de si.

"E o peixinho aprendeu a nadar", pensou Seu Edivaldo, sorrindo.

Recordou-se das primeiras braçadas de Daniel, ainda criança. Pensou no pai do garoto. Muito irônico que o "Irlandês", excelente nadador, tivesse perecido afogado. Contudo, quem não se afogaria naquelas circunstâncias?

Bem, a rigor, não fora afogamento. Seu Edivaldo sentiu renovar o remorso. A exemplo de Daniel, insuflara no pai deste o gosto pelo mergulho, entretanto, de tão entusiasmado, não lhe dera ouvidos a questão da profundidade. Certo dia, o "Irlandês" emergira rápido demais e fora violentamente acometido pela doença de descompressão. A paralisia seguira-se às fortes dores nas articulações. O coração cessara de bater antes do homem ser içado. A câmara isobárica mais próxima ficava a milhares de quilômetros. A mãe e a avó de Daniel acusaram Seu Edivaldo de negligência. Já o avô, amigo de confiança do velho marujo, absorvera a fatalidade, superara a dor e procurara esclarecer em vão as mulheres sobre o ocorrido. Elas nunca perdoaram o Primeiro-Sargento e morreram de apreensão ao ver Daniel trilhar o caminho do pai.

Seu Edivaldo observou o rapaz afundar lentamente, admirando uma pequena lula que, curiosa, viera observar o que estava acontecendo e que estranhos "peixes" seriam aqueles.

Como um sinal, o velho bateu a lâmina de sua faca de mergulho no cabo da lanterna.

Daniel, prontamente, virou-se.

Aquele, então, acenou para que tivesse calma e não descesse tão depressa.

"Ai, ai... Afobado como o pai", concluiu o marujo.

Desta feita, o rapaz fez o sinal de positivo com ambas as mãos.

Mas prosseguiu a nadar.

4 - A SUJEIRA DOS HOMENS

Já se encontravam debaixo d'água fazia vinte minutos.

Daniel encontrou um *Strombus pugilis* e foi ao seu encontro ao perceber que se movia, todavia, em vez do molusco propriamente, a concha estava ocupada por um caranguejo-eremita. Pretendia levá-lo para sua coleção, todavia, Seu Edivaldo fez com que soltasse. Através de gestos, justificou que o crustáceo acabaria morrendo e isso era errado.

O rapaz não se aborreceu, pois sabia que o velho estava correto. Mas não deixou de achar graça ante a mania daquele em procurar sempre passar algum ensinamento, ainda, às vezes, fosse na forma de escárnio.

A experiência de mergulhar estava sendo maravilhosa. Dava-lhe um frio na espinha imaginar estar compartilhando o mesmo ambiente dos golfinhos, dos peixes-espadas, das sépias e das temíveis barracudas. A luz solar refratava-se em um milhão de chispas douradas. A visão subaquática era limitada a algumas dezenas de metros e, mais adiante, tudo era penumbra e mistério, um gigantesco desconhecido. Tio Ed tinha razão quando falava das profundezas do mar: era, de fato, um outro universo. E trazia à baila a real dimensão das presunções humanas, quanto barulho faziam lá em cima e quão pouco significavam.

Vira inúmeros peixes a desfilar em todas as paletas de cores. Seus contornos

variavam da esguia moréia ao sinuoso e minúsculo cavalo-marinho, muito longe dos estereótipos desenhados pelas crianças nas escolas. Cores e formatos tão diversificados em meio ao jardim de corais e anêmonas-do-mar quanto os colibris ou as borboletas a esvoaçarem num bosque. Mas, para seu desgosto e espanto, Daniel também avistara dezenas de latas de cerveja, garrafas plásticas e sacolas de supermercado. Sim, era essa a verdadeira dimensão do significado de ser humano. Não que fosse novidade, pois frequentemente indignara-se com a imundície largada nas praias pela horda de turistas durante as temporadas, como se não bastassem suas malditas caixas de som e a arruaça de quem achava que, ali, podia-se fazer o que bem entendesse.

- Maloqueiros desgraçados! - resmungara certa vez. - Por que não retornam pro lixo de onde vieram?

- É assim mesmo - dissera Seu Edivaldo, apaziguador, mas lamentando intimamente. - Eles saem das malocas, mas a maloca continua grudada neles.

- Lixo, pelo menos, pode ser reciclado - corrigira-se Daniel, revoltado.

- Mas, dessa gente, nada se aproveita!

- Só o dinheiro que deixam na cidade.

- Ora, tio Ed, a cidade vive bem todo o resto do ano sem eles...

- Não se você considerar que muitos têm casas de veraneio e pagam os impostos.

- Que se danem os impostos! - retrucara, lembrando os farofeiros da

casa de temporada vizinha a sua. - Eles que enfiem o dinheiro no...

- Segura a onda aí, moleque! Só vai te trazer hemorróidas e não resolverá a questão. A exemplo destas, a raiz do problema é mais embaixo.

E, a contragosto, o jovem rira. Ainda recordava-se da última visita de uma dessas vizinhas e seus amigos, a qual recusara-se a olhar o rosto: barraqueira, gritando palavrões, colocando um alto-falante na calçada para ouvir aquelas abominações que acreditava ser "música". E tinha três crianças uma praga dessa! Que futuro poder-se-ia esperar dos pimpolhos diante de tal exemplo de educação? Quisera telefonar à polícia, todavia, fora detido pela mãe e a avó. Sabia-se lá que tipo de gente era aquela; pelo comportamento, bem poderiam ser bandidos. Então, aquiescera a vontade das mulheres. E todos passaram a madrugada em claro.

Contudo, agora, não havia sorriso algum em seu rosto diante da poluição.

De soslaio, avistou Seu Edivaldo acenar para ele: era momento de partir.

"Já?"

Lamentou.

O tempo escoara tão depressa ali!

"Não faltará outra oportunidade", prometeu a si próprio.

Preparou-se para abandonar a pureza das águas e a sujeira dos homens.

5 - BIZARRA MELODIA

Seguiu o velho homem do mar,
que, segurando a corrente da âncora,
alcançou a superfície.

Daniel vinha logo atrás.
Subitamente, o jovem deteve-se.

Esquisito...

Teve a impressão de ouvir algo.

Olhou a sua volta. Não viu nada e,
àquela altura, sequer o fundo era
discernível. Estava completamente
cercado pela obscuridade da água abaixo
e o reflexo ofuscante dos raios de sol
logo acima. Balançou a cabeça,
atribuindo tal som à imaginação. A
solidão no mar poderia provocar essas
coisas, não poderia?

Então, escutou de novo.

"O quê?"

Dessa vez foi bem claro.

Ficou tenso.

"Não é possível."

Porém, o som tornou a repetir-se,
só que ligeiramente diferente.

"Música!"

Um calafrio subiu-lhe pelas
canelas.

E, às três notas, seguiram-se outras
e mais outras, numa delicada e bizarra
melodia.

Entretanto, o motor do "Cajuru"
foi ligado e toda a placidez do oceano
teve fim.

Subiu rapidamente a bordo da
traineira.

Estava livrando-se do traje de
mergulho, quando falou, ofegante:

- O senhor ouviu aquilo?

- Ouvi o quê, Daniel.

- A música!

- Música?

- Sim, a música embaixo d'água.

O aposentado encarou o rapaz,
procurando em seu rosto o sinal de
alguma piada.

- Está gozando da minha cara,
filho?

- Verdade, Seu Edivaldo. Alguém
estava tocando...

O semblante bronzeado do velho
abriu-se num sorriso.

- Hum... Sereia talvez.

- Não! Eu...

- Moleque, só pode ser sereia ou
narcose da pressão. Já avisei: suba bem
devagar. Devagar!

- Eu fiz isso! - protestou. - Não
estou alucinando.

- Pois bem... E o que acha que foi?
Daniel deu de ombros, atônito.

- Achei que, com sua experiência,
pudesse me dizer.

O marujo terminou de retirar seu
equipamento de mergulho. Apanhou o
cachimbo, acendeu o fumo e enfiou o
boné na cabeça. Respondeu, apontando
para a garota nua:

- Eu bem queria que uma
belezinha desta existisse. Mergulhei
milhares de vezes e, exceto pelo rock que
escutava de vez em quando nos fones de
ouvido da turma do navio ou das
plataformas de petróleo, a única coisa
que posso me lembrar é o canto das
baleias. Pode ter sido isso, uma minke
nas redondezas.

- Duvido muito. Precisamos voltar
aqui, Seu Edivaldo.

- Aqui?! Eu estava planejando perto da ponta da praia. Lá tem uns corais muito mais bonitos e...

- Por favor, eu preciso descobrir de onde vem essa música.

- Vixe, pra querer voltar assim, só pode ser canto de sereia... Está enfeitado!

- Sem tiração de sarro.

- "Pegue-me!" - provocou o velho, apontando para o boné. - Tem que ser baleia, moleque, já disse.

O rapaz balançou energicamente a cabeça e, sério, falou para o Primeiro-Sargento aposentado:

- Que espécie de baleia toca piano, tio Ed?

- O quê???

6 - PAUSA INESPERADA

Do mesmo modo que o mar, o oceano do céu não estava sujeito à vontade dos homens.

Nos dias seguintes, o tempo alterou-se. Nuvens cinzentas foram trazidas do alto-mar. Rolaram e, ao encontrarem a barreira da serra, estacionaram sobre a cidade. Ventos frios vindos do Pólo Sul despejaram o temporal ao chocarem-se contra a camada úmida de ar quente. Apreensão e melancolia choveram sobre ruas e telhados, deixando as crianças agitadas; e os velhos, em silêncio. A clausura involuntária da tempestade de verão reavivava um outono cheio de memórias. Sua pungência, não raro, podia fazer

doer. E a saudade, disfarçada em rabujice, era descarregada sobre os mais novos na forma de broncas e sermões.

Para transformar tais sentimentos em melodia e palavras, alguém, numa anacrônica vitrola, acima do tamborilar do aguaceiro e do estampido dos trovões, colocou "E Não Vou Mais Deixar Você Tão Só", de Roberto Carlos. E ele declamou e cantou repetidas vezes sobre um tempo em que a ingenuidade confundia-se ao rancor.

Folhagens foram agitadas.

Gaivotas esconderam-se nos penhascos.

Algumas casas da orla perderam suas telhas.

Ondas furiosas assolaram sem dó a Av. Beira-Mar.

Daniel ouvia um rabicho distante da canção. Ele não se conformava. Não sendo suficiente o olhar ressabiado de Seu Edivaldo, agora o clima conspirara em tirar um sarro da cara dele. Podia imaginar o oceano agitado, a turbulência das águas castigando os costados das embarcações ancoradas, o vendaval arrancando toldos e pássaros de seus ninhos. Pior: o mar agitado poderia afastar o que quer que tivesse sido a fonte da música misteriosa.

O que seria ela?

De onde teria vindo?

Quem estaria tocando?

Enigmática a origem, contudo, não desconhecida a melodia.

Havia algo de familiar nela, disso tinha certeza.

Daniel não soube dizer se ou quando ouvira e, muito menos, em qual circunstância.

Sob as vergastadas da chuva em sua janela e os acordes longínquos de Roberto Carlos, ele adormeceu... e, não demorou muito, sonhou.

Viu-se despido, sem equipamento de mergulho, em águas profundas, lascivas, escuras. Mas não se afogou. O toque frio do oceano roubava o calor de seu corpo. Através de matizes tremulantes de claro e escuro, trevas e penumbras, uma sombra distante aproximou-se e, gradualmente, condensou-se.

E a música - Ah, aquela melodia! - tocou languidamente, sobrepujando as ondas e o vendaval; superando as tempestades e o agitar de velas desfaldadas.

Tocou e tocou.

Enebriante.

Sublime.

Atravessou a longa e empoeirada ponte das eras.

E a tal sombra, transformada em rosto, sorriu.

Oh, que palidez residia naquele semblante!

Quão pontiagudos eram aqueles dentes.

Quão escancarada ficou aquela boca.

A coisa mais e mais perto chegou.

Deu solidez ao mais puro horror.

E Daniel, desesperado, gritou...

... e gritou... e gritou...

7 - ENJÓO

Quando finalmente a tempestade se foi e a vitrola tragara a nostalgia de volta ao esquecimento, a velha traineira pôs-se novamente a caminho do mar aberto em direção às coordenadas anteriores.

Era maré alta e a água estava encrespada.

As praias ficaram imundas de toda sorte de sujeira.

Homens da limpeza pública, mais uma vez, faziam milagres.

As ondas estouravam no costado do "Cajuru" em ruidosos tufos de espuma. No fustigar do vento, sentia-se ainda o cheiro do aguaceiro recém-partido. O céu trazia um aspecto leitoso em diferentes gradações de cinza. Não prometia chuva, todavia, tampouco prenunciava sol. Era o famoso tempo "nem tico, nem taco", ou, conforme dizia Seu Edivaldo no jargão dos avós, um tempo "caga na cama".

Daniel, ao tentar examinar o horizonte, não conseguia esconder o misto de decepção e ansiedade mais do que Seu Edivaldo não disfarçava seu enfado e preocupação.

Havia um nevoeiro moderado, mas adensava-se a medida em que a distância crescia. Não era possível avistar as ilhas próximas e, muito menos, a linha do horizonte. Céu e mar confundiam-se na bruma.

- Vamos lá, "Cajuru"! - gritava Seu Edivaldo cada vez que o barco, indo de

encontro a uma onda, empinava feito um cavalo chucro ao sentir as pontas da espora. - Eiaaaa!

O velho marinheiro - Primeiro Sargento - tentara demover o jovem da idéia de mergulhar enquanto o tempo não acalmasse de vez. Porém, fora tão em vão quando passar em frente a um shopping center acompanhado de uma rapariga e esperara que essa não entrasse ou, pior, nada comprasse.

- A água ainda está suja - argumentara. - Deve estar um baita forrobodó lá embaixo.

- Tenho que descobrir de onde veio a música.

- Cargas d'água, moleque, não vai enxergar coisa alguma! A correnteza está forte e...

- Mas eu poderei ouvir.

- "Ouvir"?

- A música!

- Que coisa, Daniel, isso de novo?

Não há música alguma... Ouça a mim!

- Por favor, tio Ed...

Lá viera ele com o seu "tio Ed" e olhar de cachorro abandonado quando queria muito alguma coisa. Fora assim desde criança: por causa de um sorvete, de algum brinquedo ou um passeio mais longe. E sempre conseguia levar o marujo durão no bico. O Primeiro-Sargento dera ordem a centenas de marinheiros; agora, via-se feito de gato e sapato por um fedelho.

"Praga! Sou tão durão quanto um punhado de maionese na salada", resmungara Seu Edivaldo para si, mastigando a piteira do cachimbo. "Ai,

ai... Estou velho demais. É teimoso feito o pai".

- Tudo bem, tudo bem! Mas avise a sua mãe que foi idéia sua. Não quero mais problemas pro meu lado. E você irá me ajudar na pescaria depois. Só terminará o serviço quando eu disser que acabou. Aliás, o fundo do casco tá cheio de cracas; precisa de raspagem.

- Combinado!

- Combinado, combinado... Uma droga de combinado!

- Quem é que tem que segurar a onda agora?

E o velho dera um murro fingido no ombro do outro.

Agora, o barco seguia, galgando onda após onda.

- Eiaaaa!

Seu Edivaldo, mãos firmes na roda do leme, observou o semblante cada vez mais pálido do rapaz. Advertiu:

- Se vomitar no deck vai limpar com a língua!

Se arrependimento matasse, Daniel já teria caído duro no convés. Debruçou-se apressado na amurada e, sem qualquer cerimônia, fez uma generosa oferenda às divindades do mar.

Tudo em que pensava era no fundo do mar escuro e naquela música...

... A melodia.

8 - NA BEIRADA DO ABISMO

Atingiram o local do último mergulho cerca de meia hora depois.

O oceano acalmara-se, porém, o céu continuava cinzento e o vento teimava em arrancar chumaços de espuma. Ainda não era possível vislumbrar o horizonte, embora a névoa, agora, estivesse tênue e permitisse divisar o contorno das ilhas mais próximas.

- Tem certeza que deseja ir lá embaixo? - indagou Seu Edivaldo, atento a fisionomia do rapaz. - Sua cara tá horrível.

Daniel confirmou num aceno de cabeça, não confiando na própria voz ou naquilo que pudesse subir de sua garganta.

Seu Edivaldo fez uma expressão resignada.

- Pois bem, teimoso. Mas ficarei do seu lado o tempo todo dessa vez. E permaneceremos metade do tempo anterior, menos até, conforme as condições lá embaixo. Entendido?

- Ma-mas, tio...

- Nada de "tio"! Sou o capitão desta banheira e essas são minhas ordens. É isso ou nada... Entendeu?

O jovem tornou a acenar a cabeça.

- Muito bem. Então, coloque o traje de mergulho. Vamos atrás da sua sereia. E, pelo amor de Deus, não vomite na boquilha!

Isso poderia obstruir o fluxo de ar vindo do cilindro, além de ser bem nojento por si.

Entraram na água algum tempo depois e o velho marujo começou a marcar o tempo em seu relógio.

Ele tivera razão.

Havia turbulência sob a superfície e a água estava mais "suja". Ademais, estando o céu nublado, a infiltração de luz era consideravelmente menor. A temperatura diminuía, mas não havia risco de hipotermia por causa da vestimenta de neoprene. Todavia, o que mais preocupava Seu Edivaldo não era a falta de visibilidade, a temperatura ou mesmo os tubarões e, sim, a correnteza. O mar podia ser bem traçoeiro quando queria. Por isso, atentou à pressão das águas sobre seu corpo, à movimentação não voluntária dos peixes e algas marinhas e, por último, mas não último, à corrente da âncora. Ah, claro, ficou de olho no jovem Daniel. Como poderia esquecê-lo?

No começo, Daniel viu-se completamente desorientado. Levou mais tempo a adaptar-se ao balanço do mar e sua indisposição em nada ajudava. Não tinha a menor idéia sobre qual direção tomar. Decidiu seguir até o fundo. Aguçou os ouvidos. Tudo o que conseguiu escutar foi o nervosismo de sua própria respiração reverberando dentro da cabeça. Esforçava-se por manter o estômago sob controle.

A corrente enferrujada chegou ao fim.

O mar fazia balançar tudo aquilo que estava solto ou frouxo: para lá, para cá, para lá, para cá...

Daniel não conseguia discernir nenhum ponto de referência. Passou, então, a descrever círculos cada vez maiores em torno da corrente.

A princípio, Seu Edivaldo acompanhou-o, mas, depois de algumas voltas - e sentindo-se meio idiota -, posicionou-se um pouco mais distante, deixando o jovem prosseguir em sua busca.

Por fim, quando efetuava um círculo de quinze metros de raio, o rapaz avistou uns rochedos que pareceram-lhe familiares.

Sim.

Fora ali que ele encontrara a concha ocupada pelo caranguejo-eremita.

"Agora, quanto a música...", pensou.

Prendeu a respiração e aguardou.

Sua visibilidade era curta nas águas turvas. Fragmentos de algas, detritos de madeira e sedimentos eram levantados de tempos em tempos por fluxos d'água rente ao piso.

Viu o aposentado consultar o relógio.

"Não!"

Exalou o ar dos pulmões numa coluna de bolhas e tornou a prender a respiração.

"Cadê você? Onde?"

Começou a duvidar de seus sentidos. Talvez tivesse imaginado. Alguém poderia ter feito uma brincadeira, colocado uma caixa de som debaixo d'água... Seria possível? Mas, quem?

Repentinamente, quando já estava prestes a expulsar o ar dos pulmões novamente...

... O som.

Teria escutado? Alucinação?

Virou-se na direção de Seu Edivaldo. Viu que ele também ficara intrigado.

Não era ilusão!

E novamente... Outra nota!

Embora o velho usasse a máscara de mergulho, Daniel percebeu o espanto nos olhos dele.

Outras notas se seguiram naquela familiar melodia.

O rapaz sentiu uma mistura de alívio e deslumbramento. Fez um gesto que significava: "Eu não disse?"

Agora, foi a vez de Seu Edivaldo tomar a dianteira para tentar descobrir de onde viria.

Depois de algumas incertezas, eles distinguiram algo, um vulto mais a frente. Cautelosos, aproximaram-se.

Sim, lá estava ele na beirada de um abismo submarino.

Irreal.

Incrível.

Imponente.

Inconfundível.

E fantasmagórico, terrivelmente fantasmagórico...

... O piano!

9 - O PIANO

O tic-tac do relógio avançou sob às águas escuras.

Nem Seu Edivaldo e nem Daniel, deram-se conta.

Aquele universo cuidava de desacelerar o tempo.

Aproximaram-se cautelosos e puseram-se a examinar o instrumento.

Sentiam estar diante de um enorme castelo de cartas que, a qualquer instante, desabaria. Mas tal castelo constituía-se na própria mente de ambos os homens. Ambos receavam por um sopro mais forte.

Inicialmente surpreenderam-se com o achado. Logo em seguida, pelo fato do piano ter caído de pé sobre a borda de uma saliência rochosa a beira de um penhasco submarino. E encontrava-se ileso, a exceção da uma camada de sedimentos, do verniz bastante gasto e alguns pequenos crustáceos que fizeram dele sua morada. Era, pois, evidente que o piano encontrava-se ali fazia muito tempo. Cracas e anêmonas-do-mar cresciam em suas laterais. A corrosão apoderara-se de suas partes de metal. Era um modelo de piano vertical. Como ficara em pé? Não possuía tanta estabilidade quando um piano de cauda. Qual seria a probabilidade de um piano caído no mar pousar naquela posição? Por que a madeira não fora completamente consumida pelos pequenos organismos? E, se a ferrugem tomara conta de tudo, como teria sido possível tocá-lo? Suas cordas não se deveriam ter partido? Adiaram a principal questão.

A luz do dia mal conseguia atingir o local. Não havia peixes em volta. Nenhum som era ouvido agora. Havia tão somente o ondular do oceano, fazendo pensar em uma brisa densa e envolvente.

Seu Edivaldo, sem conseguir conter-se, dedilhou pelo teclado e encontrou resistência, fosse pelo desuso ou devido à corrosão. Tentou novamente, mais forte.

Não houve som algum!

Isso foi tão ou mais surpreendente quanto o achado do piano.

Analisando mais detidamente, exceto pelos locais onde as pontas dos dedos do marujo haviam tocado, no restante das teclas existia uma fina película de limo.

Isso era um alívio e, também, um grande mistério.

Alívio porque não teriam de buscar resposta à inevitável pergunta: quem poderia ter tocado?

Mistério porque, se ninguém encostara no piano desde que caíra de algum navio, de onde teria vindo a música?

Não havia mais uma etiqueta a indicar sua marca, entretanto, num canto dele, estava entalhado o ano de fabricação: 1885.

Mais de cem anos!

A quem pertenceria?

Como ele viera parar ali?

De qual embarcação caíra?

Perguntas demais sem resposta.

O oceano, perdido em sua vastidão, era repleto de enigmas.

Seu Edivaldo tornou a consultar o relógio, espantando-se com o tempo que havia decorrido. Gesticulou para Daniel que precisavam voltar. O desapontamento do rapaz foi mais do que evidente. Mas, se precisava retornar,

tinha de levar algo material, uma prova de que não estivera delirando. Começou a apalpar o instrumento, atrás de uma peça frouxa, algo que fosse fácil de arrancar. Seus movimentos fizeram soltar o limo e levantar uma nuvem de sedimentos.

Seu Edivaldo, vigiando de um lado e do outro, estava prestes a arrancar Daniel de lá a força quando, por fim, uma gaveta oculta foi encontrada. O rapaz abriu-a num baque molhado. Ambos arregalaram os olhos por trás de suas máscaras. Dentro dela, nada de dobrão espanhol ou jóias de pirata, mas um envelope fechado por um enorme lacre de cera. Trazia uma espécie de brasão. Daniel enfiou-o no cinto de lastro e seguiu Seu Edivaldo.

A medida em que subiam e o piano foi sendo engolido para obscuridade, tornaram a ouvir a melodia tornada sinistra dada as circunstâncias. E, naquele entardecer perpétuo, o piano tocou e tocou, fazendo acompanhar os dois homens até a superfície.

- Acredita em mim agora? - falou Daniel tão logo pôde.

A palidez tomara conta do rosto do velho.

- Droga! Raios! Merda!

- O quê foi, tio Ed? - indagou, preocupado.

- Aquilo lá embaixo, porra... Eu não acredito!

- Mas está lá. O senhor viu... e ouviu. Por que está zangado?

- Sinto raiva de mim mesmo, moleque. Não levei nenhum cordame e bóia para sinalizar o local.

O jovem meneou a cabeça. Sentia-se enormemente mais satisfeito do que desapontado.

E havia a carta.

- Porém, nós dois sabemos que está lá.

- Verdade, sabemos. - Apressou-se em acender o cachimbo ainda sem ter se livrado do traje de mergulho. - Agora, moleque, o "X" da questão...

Sim, agora, a questão principal.

- ... Quem estava tocando?

Um calafrio perpassou os dois homens.

- E como poderia tocar o piano? O teclado estava estragado. Eu experimentei!

Daniel deu de ombros, igualmente aturdido.

- E digo mais - prosseguiu o marujo aposentado. - Não estávamos sozinhos por ali.

- Como assim?

- Estava meio escuro para todos os lados, assim mesmo, eu vi... Havia uma sombra rondando a gente. Você não se deu conta porque estava enfeitiçado por aquela coisa. Daria para uma baleia defecar na sua cabeça e nem perceberia.

- Tubarão?

Seu Edivaldo fez que não.

- Já estive perto de tubarões. Conheço o comportamento. Nenhum deles me fez ficar tão apreensivo quanto aquilo, seja lá o que for.

Daniel encolheu-se todo, lembrando o sonho que tivera. A bocarra. Os dentes aguçados. Hesitou ao perguntar:

- Isso significa que nós não retornaremos mais, tio Ed?

O Primeiro-Sargento da reserva ergueu a cabeça.

- Está brincando? Agora que começamos, pretendo ir até o fim dessa história.

Sentimentos conflitantes inundaram o coração do jovem. Falou:

- Conheço aquela música de algum lugar...

- Claro que conhece. Tocou no casamento da Jacira - disse Seu Edivaldo, referindo-se a uma sobrinha por quem Daniel nutria uma paixão aos doze anos.

- Lembra dela?

- Jacira... - O rosto iluminou-se. - É verdade! Eu estive lá.

- E eu não percebi? - piscou o marujo, soprando fumaça. - Só faltou chorar.

- Jacira - repetiu o rapaz, ignorando a provocação do velho. - Há quanto tempo...

- Deixa eu ver... Ah! Chama-se Canon em D maior ou algo assim. De um músico alemão .

O jovem repetiu o nome da música para não se esquecer.

10 - O BRASÃO DE ARMAS

Sim, Daniel possuía uma prova física.

Já em terra, correu o mais depressa que pôde à biblioteca.

Às suas costas, ouviu Seu Edivaldo gritar:

- Não se esqueça: vai me ajudar na pesca depois do almoço! Esteja no píer às 14h00min.

- Está bem!

- E as cracas!

- Tá!

Daniel praguejou baixinho. Mas acordo era acordo. Se pretendia que o marujo o levasse novamente ao mar, teria de cumpri-lo. Afinal, em que outro capitão de barco poderia confiar?

A biblioteca pública não era lá essas coisas. O prédio histórico sempre carecia de reforma, pois cultura nunca fora prioridade de prefeito algum da cidade.

O último, por exemplo, estava mais interessado em montar palanques para shows de "artistas" da pior qualidade. Em troca de altos cachês, faziam uma barulheira tormentosa desde o final da tarde até o amanhecer. Isso agitava turistas e arruaceiros de plantão, ansiosos por uma baderna regada a álcool e cocaína. O resultado final poderia ser traduzido em votos na próxima eleição. Todavia, para os residentes de bem, tudo não passava de um inferno. Ademais, quanto às obras de infraestrutura necessárias à cidade, a alegação era sempre a mesma: não havia previsão orçamentária.

Apesar das mazelas, o acervo da biblioteca não era desprezível, fruto de inúmeras doações dos herdeiros de

antigos moradores. Num passado recente, inúmeros intelectuais e artistas genuínos residiram na cidade, todavia, ou faleceram ou debandaram face a degradação crescente do município. Para uma cidade tida por histórica e turística, chegava a ser incrível o quão deficitária era nesses dois quesitos. Somente as belezas naturais contavam a seu favor, e não devido poder público, mas apesar deste.

Entre os milhares de livros, Daniel procurou por obras que falassem de naufrágios ocorridos na costa nos últimos duzentos anos, mas não havia nenhum volume específico sobre o assunto. Pediu então por exemplares antigos de jornais e revistas da cidade, todavia, havia uma defasagem justamente no período que ele precisava.

- Houve um incêndio certa vez - explicou a bibliotecária. - Na década de trinta, eu creio.

- E os extintores?

- Dizem que falharam... Falta de manutenção.

O desleixo público não era um fenômeno contemporâneo. Estava mais para tradição.

- Melhor tomar cuidado com este aqui - disse Daniel ironicamente, apontando para o extintor pendurado na parede.

Por outro lado, por sugestão da funcionária, havia um livro de encadernação antiga sobre heráldica.

Daniel pôs-se a comparar as ilustrações ao desenho do lacre de cera do antigo envelope. O material ainda

estava úmido e ele não se atreveu a retirar a carta - ou o que contivesse - receando que se desfizesse. A figura do sinete de lacre tinha cerca de quatro centímetros de diâmetro. Era enorme.

O brasão de armas trazia como destaque a figura de uma águia de duas cabeças, asas estendidas. No meio do brasão, um escudo com outro escudo menor ao centro, encimado por uma coroa e, ao lado desta, um leão rampante. No alto do escudo externo repousavam duas coroas, acima das quais projetavam-se as cabeças da águia, cada qual voltada para sentidos opostos; e, encimando todo o conjunto, uma coroa maior. Era um brasão impressionante e, obviamente, denotava uma origem nobre, um clã poderoso, talvez um monarca. Segundo o livro, o contorno do escudo era o de um escudo inglês. No chamado "ponto de honra" constava a já mencionada coroa; e, no "umbigo", um escudo menor. - Daniel riu desse último nome, umbigo. - A figura do citado leão encontra-se no convencionaram chamar de "cantão esquerdo do chefe" - esquerdo de quem portaria o escudo. E, no "cantão direito do chefe", havia a imagem de uma cruz patriarcal.

O rapaz procurou e procurou no livro para ver se encontrava algum brasão idêntico. Não encontrou.

Devolveu o volume, agradeceu a bibliotecária pela atenção e saiu, sem reparar no olhar de telenovela que esta lhe fizera.

Em casa, prosseguiu sua pesquisa, desta feita através da Internet. Antes, no

Youtube, pôs para tocar a música de Pachelbel. Sim, era ela de fato. Entrou no Google, visitou a Wikipédia - atual "pai dos burros" - e entrou outros sites.

De repente, uma hora depois:

- Aqui! Acheei!!!

Lá estava o dito cujo brasão de armas. Todavia, não foi em um site de heráldica, mas de numismática.

Leu:

- Maria Theresia Taler...

Era o brasão cunhado no reverso de uma moeda de prata no valor de um thaler - ou taler, conforme uma reforma ortográfica ocorrida posteriormente -, datada de 1780. A águia de duas cabeças figurava no brasão e na bandeira do Sacro Império Romano Germânico e simbolizava a dinastia dos Habsburgos.

Arregalou os olhos.

- Áustria!

Os acordes prosseguiram suaves, belos e delicados, tal qual as poucas notas que Daniel ouvira no fundo do mar.

11 - MARIA THERESIA TALER

O rapaz procurou não pensar na música, no brasão ou no piano a medida em que retornava ao píer. Ainda ruminava um almoço tardio em seu estômago. Embora gostasse de pescar, seria torturante para ele aquelas horas seguintes, dado o anseio que afligia seu espírito. Todavia, precisava fazê-lo. Era uma condição sine qua non para dar prosseguimento a sua busca, cujo objetivo era uma incógnita. De qualquer

jeito, estava ansioso por contar duas descobertas ao Seu Edivaldo.

Avistou o casco azul e branco do "Cajuru" e um grupo de gaivotas que, às vezes, costumava acompanhar o barco. Por ora, estavam preguiçosas num canto do píer, aguardando, flertando, grasnando, andando daquele jeito desengonçado com seus pés-de-pato. Não... "pés-de-gaivota". Pôde divisar o velho marinheiro - qual seja, Primeiro-Sargento - movendo-se de um lado a outro do convés. Fez uma careta diante das manchas acinzentadas das cracas logo abaixo da linha d'água. Era um pé no saco raspar aquilo.

- Que maçada!

Seu Edivaldo também viu o rapaz.

- Até que enfim, moleque! - gritou.

- Achei que iria deixar-me na mão.

Daniel limitou-se a acenar.

Quando chegou junto à traineira, caminhou pela prancha e foi a bordo.

Estranhou.

A rede de arrasto continuava presa, enrolada sob uma cobertura de lona.

- Ué, não vamos pescar?

O velho aposentado terminou de enrolar uma corda.

- "Pescar"? Ocê tá brincando? Os peixes, como eu, não têm pressa nenhuma em esticar as botas. Vamos atrás do seu piano!

Um jorro de adrenalina percorreu o corpo do jovem.

- É isso aí! - falou empolgado, cerrando os punhos. Teria saltado, não fosse o balanço do barco.

Ânimo renovado, auxiliou o velho a fixar a corda e a bóia amarela no costado. Havia caixas de isopor contendo gelo e alimentos perecíveis que levou para a cabine. Fez o mesmo em relação aos galões de água. A vida a bordo de um barco não era somente dedicada a momentos de lazer, pescaria e banhos de sol. E a traineira de Seu Edivaldo - assim como este - já conhecera dias melhores e necessitava frequentemente de cuidados. Pelo menos, ainda flutuava.

Então, Seu Edivaldo atirou-lhe um esfregão.

- Tome!

O sorriso se foi.

- O que é isso?

- Caniço que não é. Vai limpar o tombadilho. Se não vamos pescar, vou aproveitar a viagem para faxinar o barco. E continuo ensinando termos náuticos a você para não se sentir tão barata tonta.

- Mas tio...

- Mexa a bunda, moleque! Tá pensando que é barco de excursão? Diesel tá caro pra bedel! - E riu. Sentia-se revigorado diante da juventude do rapaz.
- O balde tá lá naquele canto...

De repente, a idéia de ir pescar não pareceu tão ruim assim a Daniel. Resmungou uma obscenidade.

- Pra você também - emendou o outro. - Anda logo. Vai fazer sua cabeça não pensar no enjôo...

De má vontade, Daniel obedeceu.

As gaiotas que se dispuseram a seguir o "Cajuru" logo desistiram ao darem-se conta de que daquele mato não viria coelho.

O filho do "Irlandês" lavava o convés de popa fazia uns quinze ou vinte minutos. Em dado momento, teve uma idéia. Contou de modo instigante ao marujo sobre suas recentes descobertas na biblioteca e em casa. Largou o balde e mostrou cópias escaneadas do envelope e da carta em seu interior - a qual retirara após secar, mas quase ilegível -, sendo que os originais guardara a chave em sua escrivania. Talvez entregasse ao museu local futuramente, embora não confiasse. Já ouvira boatos sobre um ou outro funcionário ter extraviado alguma peça a fim de ganhar uns trocados.

Seu Edivaldo mordeu a isca. A fim de ver melhor o lacre de cera, virou a aba do boné para trás.

Daniel viu a atenção do velho prender-se ao brasão de armas e aos escritos em volta. Deixou o balde e o esfregou de lado. O marujo não reclamou. "Yes!" Isso representou uma folga bem-vinda do tedioso serviço. Fez ares de entendido para anunciar o que sabia.

Seu Edivaldo, porém, passou na frente:

- É uma Maria Theresia Taler...

O rapaz ficou dividido entre a surpresa e a frustração.

- O senhor conhece?

- Acha que só entendo de robalos e navios? Naveguei por muitos lugares, sabe? Inclusive na costa leste do Mediterrâneo. Já tive uma dessas. É de prata, uma belezinha de moeda, uma das mais bonitas na verdade. Foi muito utilizada pelo império austríaco no

comércio com os árabes e os turcos; no norte da África também, se não estou errado. Do outro lado, traz a soberana Maria Teresa. Só uma pegadinha: você acha que é 1780?

- É o ano marcado...

- Eu sei disso. Mas há 99% de probabilidade de que não seja.

- Como assim?

- É uma história comprida. Se quiser detalhes, pesquise na Internet. Coloque a palavra "restrike" no Google.

- Restr...

O homem soletrou.

- Significa que ela foi recunhada inúmeras vezes, em diferentes épocas desde 1780, porém, sempre mantendo o mesmo ano. Centenas de milhões dessas moedas entraram em circulação. Até outros países a cunharam.

- Que idéia! Nem o ano e sequer o país...

Seu Edivaldo deu de ombros.

- Coisas do comércio internacional e da política. Era a única moeda européia que os muçulmanos confiavam. Aliás, ainda hoje ela é cunhada. Verdade! Deve ser ainda aceita no comércio em certos lugares da África e Oriente Médio por causa do metal.

- Pelo menos a prata mantiveram.

- Com certeza! É o que lhe deu credibilidade em mais de dois séculos.

- Mas a marca desse lacre até pode vir de uma moeda de 1780...

- É praticamente impossível. São raríssimas. Se houver meia dúzia das moedas originais estou sendo otimista. Há diferenças na cunhagem que um

especialista pode identificar. Porém, as mais recentes são praticamente idênticas. Pelo tamanho da língua das cabeças de águia, o "V" em vez de "U" em AVST - de Áustria -, o ponto entre o ano e o "X", a forma do "X"... Eu posso praticamente garantir que a moeda de onde fizeram esse lacre foi cunhada a partir da metade do século XIX.

Daniel ficou desapontado. Nutria a esperança de que, sendo a marca de 1780, deduzir que a carta - cuja data apagara-se devido ao tempo e a água do mar - fosse dessa época. Por outro lado, sendo do século XIX, isso seria coerente com o entalhe encontrado no piano.

"O envelope é antigo, estou certo. E as palavras foram escritas a bico de pena..."

- Eu devia tê-lo consultado primeiro antes de perder tempo na biblioteca e no computador.

- É o que dá ser afobado. Pressa de viver, não é? E sobre a carta, não conseguiu saber do que trata? Tem uns trechos marcados aí...

- Levei essa folha para a Dona Mayla. O senhor a conhece?

- Mayla? May... Uma alemã rechonchuda da imobiliária?

- Isso. É a única pessoa que eu conheço que poderia ajudar. Ela resmungou por estar tudo borrado e a caligrafia ser antiga.

- Sei como é. Temperamento forte. Frieza germânica.

Daniel concordou. A mulher parecia uma montanha de neve. Mas aquecia-se por uns trocados pelo serviço.

- Sublinhei o que ela conseguiu traduzir. Anotei embaixo.

Não passavam de frases esparsas, retalhos de uma voz perdida no tempo, de uma mulher que se fora havia mais de um século. Ela aguardara por uma resposta que jamais lhe chegaria às mãos, haja vista suas palavras terem emudecidos no naufrágio.

Seu Edivaldo forçou a vista. E leu as letrinhas miúdas do jovem:

- "... não se esqueça de nós...", "... meu pai...", "... escolher entre um banho (de) lágrimas e (...) de sangue...", "... estará sempre comigo...", "... sua Sofie". Sofie... Só isso?

- Por enquanto.

- Bom, não é preciso ser um Sherlock Holmes para deduzir algo do quebra-cabeça. Pelo visto, o pai dessa Sofie não aprovava seu relacionamento com o dono do piano. Não me pareceu um piano dos mais caros. Que tipo de músico seria? Tocaria num bar? Faria a trilha sonora de fundo para um filme mudo? Um banho de lágrimas ou um banho de sangue... Ele deve ter fugido da Áustria para o Brasil, tentar vida nova, fazer fortuna como outros imigrantes. Talvez pretendesse retornar à Europa após juntar dinheiro, fazer por merecer a mulher que amava... Isso dá uma novela!

Seu Edivaldo era um homem vivido. Esse tipo de coisa, para ele, não devia ser novidade nem causar-lhe emoção. Entretanto, para Daniel, a teoria traduzida em palavras carregava o peso enorme da paixão proibida, do encantamento e da tragédia. Como seria

essa Sofie? Qual seria o navio naufragado? Teria o pretendente dela sobrevivido? E seu nome? Se viveu, vencera na vida? Teria esquecido Sofie e formado família no Brasil ou retornara à Europa para confrontar o pai da moça?

Porém, Daniel estava errado, pelo menos em relação a emotividade do velho marujo.

Seu Edivaldo, trazendo de volta a aba do boné, murmurou acima das ondas:

- Sempre haverá um oceano entre dois apaixonados...

Soltou uma lenta baforada de seu cachimbo e o olhar perdeu-se na distância em que o mar encontrava-se com o céu.

- Sempre - repetiu.

Daniel perguntou-se se ele referia-se a si próprio, mas não teve coragem de ir a fundo. Em vez disso, falou:

- E o navio?

O velho deu de ombros.

- Quem sabe? Deve ter afundado no abismo. É muito chão lá embaixo.

- E quanto a música?

O homem do mar desviou seu olhar do horizonte e observou as águas escuras.

- A música... Ah, moleque, a música! Ela faz parte do "grande oceano da verdade", ao qual Isaac Newton se referia. É um dos enigmas do Universo, faz parte do imenso desconhecido a espera de ser desvendado. Todo o conhecimento da humanidade resume-se a uma gota num mar de mistérios.

Daniel sabia que "tio Ed" era um homem viajado, bastante vivido, entretanto, não estava familiarizado com a dimensão de sua cultura e, tampouco, do lado filosófico que ora demonstrava. À sua maneira, aquele homem também era um oceano misterioso do qual o rapaz, até então, vislumbrara somente a ponta do iceberg.

E o momento mágico passou.

Seu Edivaldo, casmurro, resmungou:

- Chega de conversa fiada.

Estamos chegando. E não pense que eu não percebi que deixou de fazer metade do serviço!

12 - SOMBRA

O piano jazia no fundo mar nas águas escuras do Atlântico Sul.

Bem poderia ser obra de algum artista plástico excêntrico.

Ou uma manifestação de protesto por boas músicas.

Quem diria ser vestígio de um apaixonado?

Embora a correnteza nos arredores fosse forte, especialmente nas profundezas frias do precipício, ali onde o instrumento se encontrava tornava-se caprichosa, descrevendo minúsculos redemoinhos que, ora em vez, agitavam o fundo arenoso e sobre teclado gasto por tantas vezes dedilhado.

A água estava menos turva dessa vez e os dois homens encontraram o piano após alguns minutos.

Não havia cardumes próximos, aliás, peixe algum, o que era estranho. Até as anêmonas-do-mar mantinham os seus tentáculos recolhidos.

Por quê?

Porém, ambos os homens estavam concentrados demais naquilo que faziam para prestar atenção ao capricho das criaturas marinhas, exceto naquilo que lhes competia. Seu Edivaldo, por exemplo, portava o seu arbalete num dos ombros. Era mais um precaução contra sombras estranhas movendo-se nos arredores. Numa das mãos, trazia a ponta de uma corda de nylon, sendo que a outra extremidade dentro do barco tinha um galão vazio amarrado a título de bóia.

A sombra destacou-se imperceptivelmente da escuridão no fundo do abismo. Não possuía contornos discerníveis. Era como uma mancha a diluir-se gradualmente em penumbra.

Evanescente.

Maleável.

Diáfano.

Abissal.

Seu movimento lembrava o de uma folha seca destacada de uma árvore no auge do Outono, só que, em vez de cair, subia. Ora ia conforme a correnteza, ora desafiava o fluxo das águas. Para lá e para cá. Revolteava. Redemoinhava.

Medusas ficavam estáticas.

Crustáceos recolhiam-se a sua passagem.

Polvos fugiam num rastro negro de espanto e pavor.

Enquanto Daniel examinava novamente o piano atrás de outras pistas ou compartimentos secretos, Seu Edivaldo pensava em uma maneira de amarrar a corda ao piano. Chegara a conclusão de que não pretendia somente demarcar a posição do instrumento: iria içá-lo a bordo do barco, trazê-lo a superfície com ajuda do motor da rede de arrasto e rebocá-lo até o píer.

Estavam lidando com o piano quando, este, de repente, começou a tocar. Afastaram-se, assustados.

Sim, era ele, o piano, não havia dúvida sobre isso. Mas como?

Sentiram movimentos sutis da correnteza ao redor, arrastando, rodopiando, desviando e puxando.

Pachelbel se manifestava, todavia, as teclas não se mexiam. Como isso era possível? E, caso se mexessem, como também isso poderia acontecer?

Através de suas máscaras, Seu Edivaldo e Daniel trocaram olhares inquisitivos.

O que fazer?

Seu Edivaldo decidiu-se. Passou a corda ao redor do corpo do piano, enquanto pensava no nó de marinheiro mais adequado a utilizar.

E a música tocava e tocava, linda, pungente e, naquelas circunstâncias, absolutamente fantasmagórica.

Examinando o piano rapidamente, Daniel não encontrou mais nenhuma gaveta secreta, porém, supôs ter descoberto o segredo por trás da melodia. Num compartimento na parte de trás, vislumbrara uma espécie de

mecanismo composto por engrenagens e molas de diferentes tamanhos e formas. Apesar dos sedimentos e pequenos animais, funcionava a medida em que as correntes marítimas ora avançavam e ora retrocediam. Era tão incrível que tal pudesse acontecer quanto a própria existência do instrumento à beira do abismo. "É uma espécie de caixa de música!", concluiu, embora fosse uma explicação que pouco explicasse e, a bem da verdade, fizesse surgir mais e mais perguntas. Convencia tanto quanto imaginar a sereia do boné de Seu Edivaldo surgindo para dar um concerto. Qualquer outra hipótese deveria ser formulada mais cuidadosamente por um especialista após levarem o piano para a cidade. Dúvida: especialista... de qual área? "Uma coisa de cada vez. Por enquanto, carregar o piano. Depois, o tal especialista. E, terceiro, convencer a prefeitura a abrir um espaço no museu para a peça". Sim, o rapaz já imaginava um canto do museu, onde o piano restaurado ficaria; emoldurada na parede, a carta e o envelope. Um cartaz contaria toda a história do achado, tendo ao lado um retrato dele e do Seu Edivaldo.

Foi quando Daniel percebeu a sombra. Uma farpa gelada de pavor atravessou seu corpo.

Como descrever ou classificar aquilo? Era mais escura que a escuridão. Deslizava alguns metros além, no limite da percepção, a diferentes velocidades, em diferentes trajetórias. Emergira das profundezas do abismo como se fizesse parte dele e, camuflada na penumbra, a

figura sombria movera-se para cima e ao redor.

O jovem fez gestos bruscos para o velho marujo, a fim de atrair sua atenção, todavia, Seu Edivaldo também já percebera. Terminara de amarrar a corda ao piano. Soltou-a e preparou rapidamente o arpão no arbalete.

Não houve tempo para maiores especulações.

A sombra ameaçadora, finalmente, atacou.

Não, nada tinha a ver com tubarão.

13 - LEVADO PARA O ABISMO

Era muito estranho berrar debaixo d'água.

Bilhões de bolhas diante do rosto.

Ajudando a esconder o monstro

Sem Daniel poder se ocultar.

Ah, tal ilusão de conforto.

Sem nada confortar.

O instinto berrava de todos os poros:

Escape!

Corra!

Fuja!

Submerso, isso era absolutamente inútil.

Foi o que Daniel descobriu nos instantes seguintes.

Engasgou.

Engoliu água.

Desespero molhado.

Aflito, mil vezes aflito!

A aparição ficou nadando ao redor velozmente, quase formando um redemoinho em torno dos dois homens e do piano.

A água tornou-se mais turva. A penumbra avolumou-se em crepúsculo.

O piano passou a tocar o Canon mais forte, angustiado, propagando a música por quilômetros sob o mar, em esferas concêntricas.

"Nadar" era um termo inapropriado. Não parecia haver resistência da água em relação àquilo. Era como se a água não existisse ou, mais precisamente, a coisa não tivesse consistência e fosse, literalmente, a antítese da luz, um vulto dotado de vontade própria. Isso era negado pelo efeito que provocava na correnteza.

Seu Edivaldo tentou atingi-la com seu arpão. Acertou o alvo, entretanto, tudo o que o projétil encontrou foi o vazio. O cordame que unia o arpão ao arbalete foi esticado e pôs-se a movimentar em círculo. O velho teve dificuldade em manejar a carretilha, mas conseguiu trazer o arpão de volta.

Então, a figura sem forma aproximou-se ainda mais, interrompendo o fluxo de água. A sombra se desfez e, gradualmente, exibiu contornos.

"O quê?", pensou Daniel.

Adquiriu os contornos de um rosto e ombros de mulher.

"Que porcaria é essa?", perguntou-se o marujo. "É a garota no boné!"

Esse pensamento também aflorou na mente do rapaz.

Tudo era tão incrível que o incrível tornara-se banal.

Era um rosto bonito e os cabelos soltos moviam-se na lentidão de um mar em calmaria.

Seu Edivaldo e Daniel trocaram olhares aflitos, exasperados por não se poderem comunicar.

A coisa tremulava no compasso da maré.

Uma sereia com cauda de trevas.

E avançou para Daniel.

Liberou-se de sua crisálida perfumada.

Braços estendidos transformaram-se em garras.

A boca cresceu, escancarou-se, e várias fileiras de dentes afiados ficaram à mostra.

Daniel não queria ver. Seus olhos, desobedientes, arregalaram-se. Viu-se de volta ao pesadelo tido recentemente.

Ergueu seus braços diante de si em um impulso similar à criança que escondia a cabeça sob o cobertor. E tão ineficiente quanto.

Foi quando o marujo, reagindo ao próprio temor, recuperou o autocontrole. Nadou entre a aparição e Daniel. Tornou a apontar o arpão e, bem mais próximo dessa vez, disparou. O arpão penetrou direto pela goela do monstro, fincando-se fundo dentro dele.

A coisa se contorceu. Ouviu-se um grito extremamente agudo. Expressava agonia e raiva. Em seguida, tornou a adquirir sua inconsistência de sombra e escapuliu para longe.

O arpão soltou-se e caiu devagar sobre a areia do fundo.

Aproveitando-se da pausa, Seu Edivaldo acenou para Daniel a fim de que ambos subissem à superfície o mais depressa possível.

Havia o risco da descompressão, contudo, não se encontravam tão fundo assim, e não foi preciso pedir duas vezes. Era o risco de morte contra a morte certa.

Histórias românticas de um amor perdido, navio naufragado, carta misteriosa e o próprio piano ficaram para trás.

"Vamos, moleque!", gritou o velho em pensamento.

Os movimentos de Daniel eram desajeitados, agravados pelo desespero.

Seu Edivaldo empurrou-o para cima pelo cilindro e fez o máximo de impulso com seus pés-de-pato.

O rapaz movimentava as pernas e as nadadeiras o mais veloz que conseguia. Era como patinar na lama. Só desejava fugir dali, despertar daquele pesadelo molhado. Quase podia ouvir as advertências de sua mãe e da avó dentro de sua cabeça. Por mais que seus instintos protestassem, atreveu-se a lançar um olhar sobre os ombros.

Pasmo, viu Seu Edivaldo ser tragado por um redemoinho denso e escuro, braços esticados para o alto. O piano tombou na direção do abismo. A corda foi arrastada. Tanto o homem quanto o instrumento foram tragados para o interior do precipício.

Nas escuridão silenciosa, insanamente, a quietude foi quebrada pela força da correnteza. E, de vez em quando notas musicais continuaram a ser ouvidas, embora cada vez mais fracas. Mas não foram interrompidas, corda completamente esticada.

A coisa ressurgiu na beirada do abismo.

Daniel retomou a sua fuga.

A cada braçada - sim, braçada, pois, a essa altura, jogara as instruções de mergulho no lixo - sentia que a escuridão das profundezas iria arrebatá-lo também.

Algo segurou suas pernas.

Berrou um enxame de bolhas.

Voltou-se para trás mais uma vez.

E viu.

O próprio oceano parecia desejar que ele ficasse.

Projeções negras expandiam-se em todas as direções.

Os músculos dos braços e das pernas queimavam de dor.

Finalmente, sentiu o contato rígido do "Cajuru" e tratou de subir.

Além dos membros, sentia dor no peito. Ajoelhado no convés desfez-se do cilindro de mergulho. Debruçou-se na amurada, ainda sem crer em seus sentidos. Observou a superfície do mar. Ondas batiam calmamente no costado. Não era possível enxergar além de alguns centímetros abaixo d'água.

Bolhas subiram e uma pequena turbulência formou-se.

Mais do que depressa, Daniel apanhou a faca da cintura, rastejou até a

corda que prendia o piano e cortou-a.

Em seguida, recolheu a âncora.

Embora sem experiência, ligou o motor - Seu Edivaldo confiara-lhe a roda do leme poucas vezes -, virou a boreste e levou tropeadamente a embarcação de volta ao píer.

Num canto, avistou o cachimbo e o boné surrado do tio Ed.

- Tio...

14 - INVESTIGAÇÃO MEIA BOCA

Daniel, ainda em choque, contou tudo ao delegado. Apesar do trauma, evitou mencionar a coisa de trevas, o rosto de mulher e dentes aguçados. Tivera uma amostra mais do que o suficiente de ceticismo e insinuações quanto a sua sanidade ao falar da melodia sob o mar.

- Um piano? - repetiu o delegado, homem gordo e apático, mais interessado em cofiar seu bigode do que ouvir o depoente. - Em pé debaixo d'água?

O jovem apertava uma mão contra a outra. Ainda não podia crer no ocorrido e, muito menos, ter perdido o Seu Edivaldo. Balbuciou:

- Sim, senhor.

- E alguém tocava música?

- Eu não disse...

- Saberá conduzir a guarda-costeira até lá?

Daniel meneou a cabeça negativamente.

- Só o tio Ed sabia o lugar exato.

- Sei... E ele morreu.

Daniel engoliu em seco. Fez sinal de sim com a cabeça.

O delegado coçou o queixo.

Ajeitou o corpanzil na cadeira estofada.

Apanhou um saco plástico. Falou:

- E esta é a tal carta que você encontrou no piano...

- Sim, senhor.

Examinou de modo brusco a carta amarelada e borrada no interior do saco. Virou-a de um lado a outro. Voltou-se para o escrivão:

- Junte isso ao inquérito. Irá depois para a perícia. - E voltando-se ao jovem. - Isso é tudo o que tem?

- Sim, senhor.

- Ninguém mais presenciou o ocorrido?

- Não, senhor.

- Só você e o Sr. Edivaldo faziam mergulho por lá, certo?

- Sim, senhor - repetiu.

- Pois bem, acompanhe este senhor - apontou para o escrivão - e, repita tudo para ele. Responda todas às perguntas que ele fizer e procure informar o maior número de detalhes que puder se lembrar.

Enquanto Daniel acompanhava o outro homem, o delegado virou-se para um investigador que, até então, estivera apenas observando.

- O que você acha, Zé?

- O garoto está traumatizado, um coelho assustado - disse o investigador. - Não me parece homicídio. Sem sinais de violência no barco, embora parte dele tivesse sido limpo. A ausência do corpo é um problema... Mas... um piano e música

debaixo d'água? De todas as desculpas que alguém pudesse ou quisesse inventar.. Isso está me parecendo narcose de mergulho.

- Sim, foi o que pensei. Ele está com os sintomas. Viu como massageava os braços?

- Vi. E como vai ser?

- Cá entre nós? Será mais um daqueles casos sem solução. Um dos muitos enigmas do mar. A menos que você queira investigar o fundo do abismo...

- Está fora de minha jurisdição, chefe - riu o outro.

O delegado riu também, voltando a alisar o bigode.

15 - ESPÍRITOS DO MAR

Como fazia frequentemente nas últimas semanas, Daniel foi até o píer.

O "Cajuru" estava lá ancorado até que a justiça decidisse seu destino.

Seu Edivaldo não tinha parentes vivos até onde o rapaz sabia.

Recordou-se do olhar do velho perdido no horizonte. Em quê estaria pensando? Ou em quem? Sentou-se na beirada do píer, perto da traineira. Fazia-o se sentir mais próximo do marujo. Como das outras vezes, teve o impulso de subir a bordo e terminar de lavar o barco e, ainda, raspar as bendidas cracas grudadas no casco calado abaixo. Era o mínimo que poderia fazer. Mas, como das outras vezes, conteve-se.

A investigação não correrá lá essas coisas, porém, alguém testemunhar que vira Daniel apagar eventuais provas em nada facilitaria aquilo que já estava complicado o suficiente.

Mirou as águas escuras sob seus pés e sentiu seu corpo tiritar.

Segundo suas convicções, o fato de Seu Edivaldo ter ficado para trás e empurrado-o para o alto fora um ato de sacrifício. O Primeiro-Sargento aposentado dera a sua vida para que Daniel pudesse viver. Isso foi o que o jovem mencionou em uma cerimônia sem corpo na pequena igreja local. Assim, finalmente, a mãe de Daniel encontrara a paz em relação à morte do "Irlandês" e perdoara o Primeiro-Sargento. Mais tempo, contudo, ela levaria para que perdoasse a si própria pelo mau juízo que fizera daquele homem nos últimos anos.

Para o Padre Dito, Daniel confessara todo o ocorrido na íntegra, sem poupar detalhes. Falara de trevas que se moviam, da boca escancarada e dos dentes pontiagudos, do piano no abismo e da carta de amor, do caranguejo eremita e do taler de Maria Teresa. Tudo. Enfrentara trevas e demônios sob o mar, tanto externa quanto internamente. O clérigo ouvira atentamente e, claro, seus pensamentos pessoais permaneceram incógnitos. Em dado momento, Daniel perguntara-se o porquê da confissão, afinal, Deus era onipresente, não era? Ele sabia de tudo. Ele também estava lá. Por que deixara seu velho amigo ser morto faria para sempre parte dos mistérios.

Todavia, a confissão, concluída, não era propriamente para revelar pecados a Deus, mas para aliviar o fardo da alma do confessor. E, nisso, cumprira ao menos parte de seu papel. Daniel duvidava que, algum dia, encontraria completo alívio para o seu sentimento de culpa. Afinal, fora por conta dele que o velho perecera e, quanto a isso, não lhe cabia culpar a Deus.

- Desculpa, tio Ed.

Apenas o som da água nas pilastras do píer vieram em resposta.

Naquela noite, Daniel voltou a sonhar.

Seu sonho falou de uma dama em vestes de linho. Estas esvoaçavam delicadamente sob as ondas, não obstante uma enorme tempestade desencadear-se sobre a superfície. A musicista, indiferente, prosseguia a dedilhar no teclado sua melodia singela e triste. O som propagava-se dentro e fora do abismo, a narrar sobre o naufrágio, a escuridão da noite, a perda irremediável e o estar só pelos séculos sem fim.

Conforme não poderia deixar de ser, a história do ocorrido espalhou-se pela pequena cidade. A situação de Daniel e sua família tornou-se tão insustentável que, menos de um ano após o desaparecimento de Seu Edivaldo, mudaram-se de lá para a capital.

Ninguém na cidadezinha se aventurou a procurar pelo piano. Na verdade, ninguém tinha o dinheiro ou o equipamento necessário e, tampouco, o interesse. Alguns mergulhadores amadores bem que tentaram, porém, sem

as coordenadas, o que poderiam fazer? O oceano era de uma dimensão infinita.

Nos anos que se seguiram, apesar dos diferentes rumos que a vida tomava, vez ou outra, Daniel pensava em Seu Edivaldo. Imaginava-o lá nas profundezas frias, ainda de pé sobre a areia e os detritos, uma parte da escuridão. E colocava para tocar o Canon em D maior.

A música das correntezas.

O canto dos espíritos.

A voz da solidão.

O rapaz, agora homem feito, prosseguiu em suas pesquisas na tentativa de descobrir o nome da embarcação naufragada, a identidade completa de Sofie e de seu amado. Sua presunção seria a de não somente dar um epílogo à história, mas entregar a carta - extraída dos autos após o arquivamento da ação - para algum descendente que o casal, por ventura, tivesse deixado, ainda que ambos não tivessem ficado juntos no final.

"Desde criança, ouvi falar sobre histórias de pessoas que perderam suas vidas em incêndios nos edifícios, nas guerras, dentro de suas casas ou castelos. Esses locais passavam a ser habitados por suas almas sem descanso. Tais relatos apavoravam-me, entretanto, eu cresci e, embora seja um homem adulto, ao lembrar aquela sombra que vi no fundo do mar, perguntou-me para onde iriam os espíritos daqueles que pereceram longe da terra firme. Seria aquela aparição a alma de alguém de naufragara? Seria o próprio dono do piano a

protestar pela profanação? Ou poderia ser algo totalmente diferente, uma parte do próprio abismo e do desconhecido mencionado por Newton, do qual tão pouco compreendemos?"

E ele também se recordou.

No momento em que subia à superfície e momentos depois de Seu Edivaldo ter sido arrastado para o fundo, a sombra fantasmagórica ressurgira.

Com o coração saindo pela boca, Daniel sentira uma pressão em seus calcanhares e já se imaginava sofrendo idêntico infortúnio do velho aposentado. Contudo, tal não ocorrera.

E ele vira.

Vira o porquê.

Uma outra sombra surgira do fundo do precipício e dera a impressão de fundir-se à sombra malévola, entrar em conflito com esta, misturarem-se, engalfinharem-se.

A pressão em suas pernas terminara e ele, livre, conseguira fugir e alcançar a superfície a medida em que os espectros debatiam-se mais abaixo.

"Será que fui salvo pelo espírito do tio Ed?"

Era uma questão acadêmica da qual ninguém lhe daria ouvidos e ele próprio duvidava. Porém, uma porção de si queria acreditar que sim, que fora o velho, e que este cumprira até o fim a sua palavra de estar sempre atento à segurança do rapaz. Isso trazia algum conforto e, de certa forma, era um jeito de tio Ed salvá-lo uma segunda vez, desta feita, de sua própria consciência, do remorso que vinha corroendo sua alma.

16 - O EPÍLOGO, AFINAL

Depois de inúmeras décadas, a cidadezinha pouco mudara. Ela parara no tempo para o bem e para o mal. Os mais conservadores gostavam de vê-la assim, sem os tormentos das cidades maiores. Outros culpavam as raposas velhas da política local por essa estagnação, pelo êxodo dos jovens e a eterna falta de recursos.

Não havia sinais de progresso e, a bem da verdade, até regredira em alguns aspectos. Inúmeras eram as placas de "Vende-se" ou "Passa-se o Ponto". Muitos estabelecimentos comerciais fecharam. Os poucos edifícios históricos, se já careciam de cuidados no tempo de Seu Edivaldo, achavam-se em ruínas. Inúmeros habitantes - não apenas os mais novos - evadiram-se para outras cidades a procura de melhores condições de trabalho, saúde, educação ou segurança.

O idoso a tudo observou sem deparar-se com nenhuma fisionomia familiar. Todavia, o sentimento de melancolia era inevitável. Cada canto trazia alguma lembrança. Todo cheiro frutificava em alguma recordação.

Caminhou tropeçadamente pelos calçamentos de pedra. As articulações dos joelhos e cotovelos reclamavam, como não poderia deixar de ser.

O cemitério local situava-se no alto de um morro. Dava a vista para o mar. Um imóvel bastante cobijado, porém, a força dos sentimentos e da tradição não permitiram que fosse

desapropriado para a construção de um condomínio, conforme rezava a vontade de um vereador ganancioso.

E ele procurou. O vento forte despenteava seus cabelos, mas não reclamou. Era um alívio, na verdade. Foi de túmulo em túmulo metodicamente, aparentando ter todo o tempo do mundo, o que era imediatamente desmentido pelo número de suas rugas. Fitou os rostos daqueles retratos, eram personagens congeladas no tempo, sussurrando recortes de suas vidas para sempre enterradas. A maioria morreria nos últimos cem anos. Algumas raras cruces cobertas de limo, sujeira e bolor traziam os últimos anos do século XIX. E ele prosseguiu vagarosa, mas persistentemente.

No alto, fragatas aproveitavam-se da corrente ascendente e traçavam longos círculos.

Então, em um canto ermo, mal cuidado, tomado pelo mato e restos de um muro, havia uma lápide abandonada. Ficava à sombra de uma árvore desgrenhada, mais antiga do que a própria cidade. Naquele local, estavam enterrados os restos de um homem cujo corpo viera dar à praia em 1889. Constava da lápide a inscrição "O Homem Desconhecido". Teria entre dezoito e vinte e um anos na época.

- Enfim, é você... - murmurou um Daniel idoso e muito fatigado. - Finalmente, encontrei-o. É você... Heinrich.

Levou a mão trêmula ao bolso interno de seu capote.

- Aqui está a sua carta... Por favor, perdoe-me pelo lacre violado.

Mantivera consigo o envelope amarfanhado por mais de meio século. Quase já não havia mais a cera com a magnífica impressão do reverso do Maria Theresia Taler.

Por que Sofie escolhera justamente essa imagem para utilizar como sinete no lacre? Quem poderia responder estava ali, aos pés de Daniel.

Embora os joelhos protestassem, agachou-se e, afastando a terra e o mato, pôs-se a cavar um buraco. Quando deu por satisfeito, colocou o envelope contendo a carta, e enterrou-o. Balançou a cabeça resignadamente.

- Pronto, Heinrich, aí está. Breve, sua sepultura terá uma lápide nova. Encomendei-a. Terá o seu nome e um epitáfio. Tomei a liberdade de pedir que entalhassem: "Que amou Sofie e foi amado por ela". Espero que aprove.

Apoiou-se na bengala e, com dificuldade, tornou a ficar de pé.

Seu Edivaldo também tinha um túmulo ali, mas era um túmulo vazio.

O idoso Daniel dirigiu-se para lá.

Não fazia muito sentido velar um punhado de concreto, mas sim aquilo que simbolizavam. Era para isso que existiam os monumentos, não era?

- Eu sei, tio Ed. Estou bem mais carcomido do que o senhor jamais foi...

Podia imaginar o marujo retrucar: "Carcomido um pé na sua bunda, moleque!"

Tentou sorrir. Virou-se e olhou para além, para o mar.

Era lá, sim, era lá. O real e derradeiro lugar de descanso de seu mestre, amigo e protetor.

- Adeus, tio Ed... ou, considerando-se o meu estado, até logo mais.

E o idoso foi embora do cemitério e daquela cidade impregnada de memórias.

Quando jovem, Daniel tivera sonhos sobre tesouros piratas, baús de jóias e metais preciosos. Contudo, no final das contas, um tesouro muito maior viera ao seu encontro e ensinara-lhe uma lição perene.

O sacrifício sem reservas de Seu Edivaldo.

A história de amor do século XIX entre Sofie e Heinrich.

O piano e a imorredoura melodia de Pachelbel nas profundezas do mar.

E o quanto tais eventos marcaram e moldaram o homem no qual viria a se tornar.

NOTA DO AUTOR:

Há muitos anos eu tive o hobby de colecionar moedas (na verdade, era mais um "juntador") e, para isso, ia tanto na feira de artesanato da Liberdade quando na da Praça da República, no centro de São Paulo. Nesta última, fui interpelado por um sujeito que quis vender-me algumas moedas. Fiquei meio desconfiado, porém, acabei adquirindo duas dele e, entre elas, estava o mencionado Maria Theresia Taler do conto acima. Uma linda moeda. Confesso que passei décadas acreditando que ela fosse, de fato, de 1780... Só agora, enquanto fazia uma pesquisa pela Internet para a história foi que tomei conhecimento de sua história e que, certamente, trata-se de uma recunhagem moderna (restrike), aliás, talvez a mais famosa e difundida. Se eu fiquei ligeiramente decepcionado, isso foi largamente suplantado pela rica história que existe em torno dela e de suas várias reedições de 1780 (raríssimas) até os tempos atuais.

Roberto Schima

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Fui o vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc.

Obs: Mais informações: Google, Clube de Autores, Amazon, Wattpad ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianocomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

LAL

Criada em 2015, tornou-se
uma das principais revistas
literárias do país

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publeditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com